



Ano XXXVI

RAÍZES

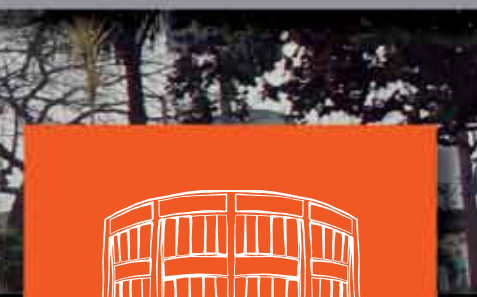
50

São Caetano do Sul | Dezembro de 2014





Biblioteca Municipal
Paul Harris
Fundação Pró-Memória
São Caetano do Sul
Centro de Documentação
Histórica



WWW.FPM.ORG.BR



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

Nossa Capa

Paula Fiorotti

“A música pode mudar o mundo,
porque pode mudar as pessoas.”
(Bono)

Clicada pelas lentes da fotógrafa Ana Paula Lazari, a musicista Angélica Vianna e sua harpa ganham destaque na imagem que ilustra a capa desta edição da revista *Raízes*, que tem como tema de sua seção *Em Foco* a trajetória das iniciativas locais voltadas à formação musical.

O registro foi realizado entre os dias 14 e 15 de setembro de 2013, no Teatro Municipal Paulo Machado de Carvalho, durante uma das apresentações que integraram a Temporada de Concertos da Orquestra Filarmônica de São Caetano do Sul.

No palco, violinos, violoncelos, trompetes, clarinetes, flautas e outros instrumentos executaram com maestria as obras *La Mer*, de Claude Debussy, e *Sinfonia nº 1 - Titã*, de Gustav Mahler, sob a regência de Sérgio Assumpção. Mas o olhar apurado de Ana Paula nos levou ao belo desenho de uma harpa. Entre suas linhas e curvas, criou-se uma imagem de grande beleza estética.

Convidamos o leitor a imaginar o dedilhar da harpista, formando um timbre leve e inconfundível, e, como quem acompanha uma partitura, apreciar os sons e as melodias das histórias dos projetos apresentados nas próximas páginas, que produziram ou que ainda produzem música de qualidade e artistas de primeira grandeza.

PAULA FIOROTTI

É FORMADA EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, COM ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL PELA FACULDADE CÁS-
PER LÍBERO E EM GESTÃO DE PATRIMÔNIO E CULTURA PELO CENTRO UNIVERSI-
TÁRIO ASSUNÇÃO. É JORNALISTA RESPONSÁVEL DA REVISTA RAÍZES E COLABO-
RADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA.

Ano XXVI RAÍZES

Ano XXVI – Número 50
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de
São Caetano do Sul

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Dezembro de 2014

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax: (11) 4223-4780

PREFEITO MUNICIPAL Paulo Pinheiro

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA

Jander Cavalcanti de Lira
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
COORDENAÇÃO GERAL
Sonia Maria Franco Xavier

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Paula Fiorotti (Mtb. 28.927)

EDIÇÃO E REVISÃO

Cristina Toledo de Carvalho
Marília Tiveron
Paula Fiorotti

CONSELHO EDITORIAL

Antonio Reginaldo Canhoni
Cristina Toledo de Carvalho
Fernando Scarmelloti
Francisco José Gripp Bastos
Humberto Domingos Pastore
Isabel Cristina Ortega
Jander Cavalcanti de Lira

João Alberto Tessarini

Marília Tiveron

Mário Porfírio Rodrigues

Nelson Albuquerque Oliveira Júnior

Paula Ferreira Fiorotti

Renato Alencar Dotta

Roberta Sernagiotto Soares

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Roberta Giotto

PRODUÇÃO GRÁFICA

Auderi Martins

SERVIÇO DE DIFUSÃO CULTURAL

Cristina Toledo de Carvalho

Mariana Zenaro

Marília Tiveron

Priscila Gorzoni

Talita Scotá Salvatori

FOTOGRAFIA, DIGITALIZAÇÃO E

RESTAURAÇÃO DE IMAGENS

Antonio Reginaldo Canhoni

APOIO À PESQUISA ICONOGRÁFICA

Débora Poplawski

Jussara Ferreira Muniz

Monica Iafrate

Vanessa Peixoto

FOTO DA CAPA

Ana Paula Lazari

CTP E IMPRESSÃO

Softgraf Serviços Gráficos

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Editorial

Sonia Maria Franco Xavier

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Com o entusiasmo de alguns e o apoio da Prefeitura Municipal e da população, a história de São Caetano do Sul vem sendo registrada nesta publicação há mais de 20 anos, de forma regular e semestral, chegando ao seu quinquagésimo número. Após estes produtivos anos de vida, por sua periodicidade e constância, a revista *Raízes* tornou-se uma das mais importantes marcas da memória e do resgate de nosso patrimônio material e imaterial.

A publicação começou timidamente, com alguns sonhadores, e, ao longo desse quarto de século, foi ganhando robustez com a crescente participação da população, de estudantes, professores, historiadores e memorialistas, e com o crescimento e entrosamento regional. Há hoje, sem dúvida, uma forte consciência de que é nosso dever registrar o presente e seguir na pesquisa sobre os vestígios do passado, para assim construirmos um futuro melhor. E nos orgulhamos em afirmar que esta é uma cidade que cultiva o seu passado com respeito à história de sua gente.

Neste número, escolhemos a música e seus principais polos formadores na localidade como tema da seção *Em Foco*. Apenas a partir da autonomia política e administrativa da cidade, esta manifestação artística passou a ser ensinada de forma menos artesanal e mais profissionalizante, contribuindo para a construção dos alicerces culturais do município. O escopo

dessa seção são as iniciativas que alcançaram uma plateia maior, melhor aceitação tanto no setor público quanto no particular, destacando espetáculos oferecidos por entidades e personagens significativos para formação, disseminação e apreciação da arte musical em São Caetano. Lembramos aqui a Associação Cultural de São Caetano do Sul (Acasc), a Fundação das Artes, o Conservatório Musical e os professores formadores dos corais e das bandas musicais locais.

Outros temas aparecem interligados ao assunto principal, como a história, as artes visuais e os diferentes instrumentos musicais vindos do lixo, complementando e enriquecendo esta pesquisa. Alguns personagens também são lembrados: a trajetória de riso do palhaço Cavadinha, dona Zizinha e suas aulas de catecismo, Jorge Vianna e seu amor pela pátria, Décio Caparroz e suas lembranças, a religiosidade da irmã Lydia, o futebol nos bons tempos, os 90 anos dos estigmatinos na cidade e outros relatos.

Agradeço a todos os funcionários da Fundação Pró-Memória que colaboraram com esta publicação e também aos memorialistas independentes, aos professores que repartiram conosco suas experiências, às pessoas que deram seus depoimentos e aos moradores que nos cederam suas fotos. Graças ao empenho e dedicação destes, São Caetano do Sul mantém viva a chama de seu glorioso passado.



pág 6

Acascs: marco da cultura musical em São Caetano
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO



pág 15

A música superando obstáculos
OSCAR GARBELOTTO



pág 23

A Escola de Música da Fundação das Artes
DANIEL VOLPIN MENEGUELLO



pág 32

Marília Pini: maestria e musicalidade na educação dos sentidos
MARIANA ZENARO



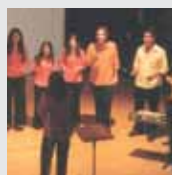
pág 40

Tradição musical aliada à tecnologia
MARÍLIA TIVERON



pág 43

Entre bandas e fanfarras: práticas memoriais em São Caetano do Sul
TALITA SCOTÁ SALVATORI



pág 50

Sincronia e sintonia na música
MARÍLIA TIVERON



pág 55

Sons e ruídos da história
PRISCILA GORZONI



pág 59

Memória

59 A voz de Deus
LEONILDA VERTICCHIO

61 Paixão movida à gasolina
REINALDO MARCOLINO

Família Voloshyn em
64 São Caetano do Sul
ALA VOLOSHYN

69 Nossa Concha Acústica
MORISA GARBELOTTO

Nas páginas do *São Caetano Jornal*, dois antigos clubes da cidade
71 CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

pág 77
História Oral

77 O músico patriótico
MARÍLIA TIVERON

81 Décio Caparroz, o
artista dos entalhes
PRISCILA GORZONI

pág 84
Personagens

84 Palhaço: o ofício da
alegria - uma homenagem
a Armando Ferreira
Cavadinha, o Palhaço
Cavadinha
MARIANA ZENARO



92
Cultura

92 Música e artes visuais
NEUSA SCHILARO SCALÉA

95 Renê Dalton -
Criatividade que repara
TALITA SCOTÁ SALVATORI



pág 98
Curiosidades

Irmã Lydia: uma vida
dedicada ao próximo
DOMINGO GLENIR
SANTARNECCHI

pág 110
Poesias e Crônicas

Parque Chico Mendes
JOÃO JENIDARCHICHE

pág 112
Esportes

A história se repete no
futebol: São Caetano bate
o forte Santos F.C.
RENATO DONISETE

pág 115
Regionais

Cem anos do prédio do
Museu de Santo André
MONIQUE PEREIRA

pág 90
Homenagem

Raízes homenageia
Olga Montanari de Mello
CRISTINA TOLEDO
DE CARVALHO



pág 100
Artigos

100 APAE de São Caetano:
há 50 anos construindo
uma história de igualdade
MARÍLIA TIVERON

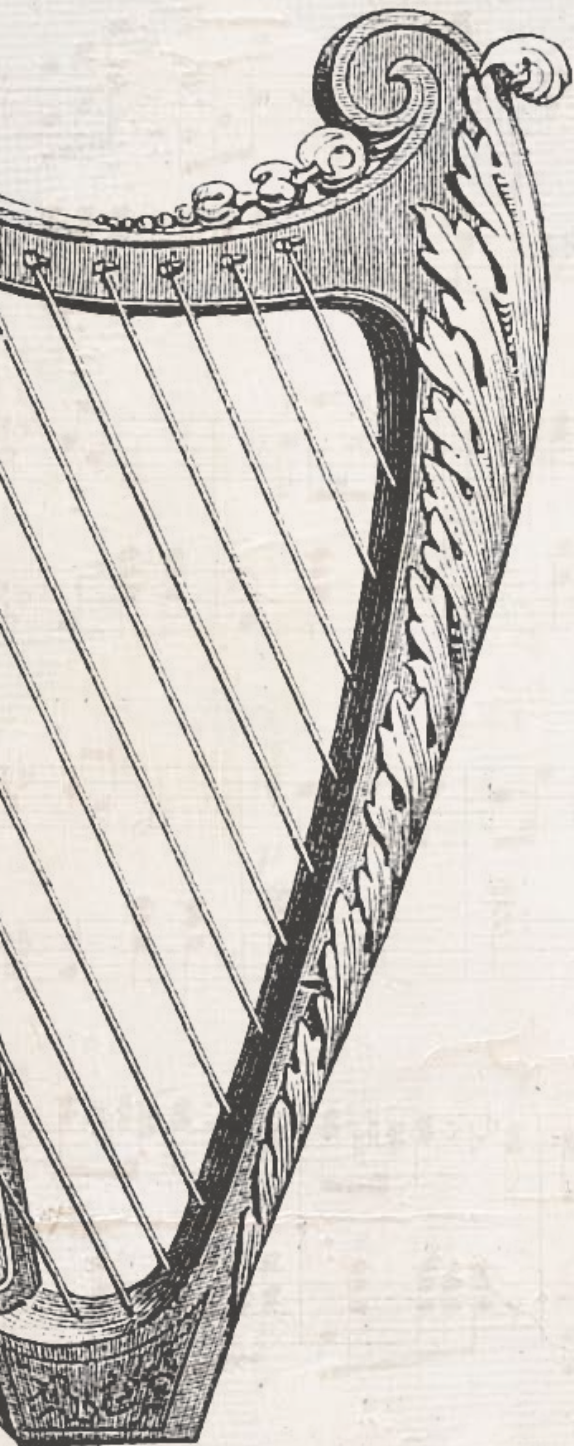
102 História da fé em
São Caetano do Sul:
Esti9matinos!
JOÃO TARCÍSIO MARIANI

107 Os 60 anos da ELOS
Narciso Ferrari Ltda
MÁRIO PORFÍRIO
RODRIGUES

pág 118
Memória Fotográfica
Especial Cerâmica São Caetano
Raízes e Retratos

pág 124
Registro

Cristina Toledo de Carvalho



Acascs:

MARCO DA CULTURA MUSICAL EM SÃO CAETANO

Em razão de sua abrangência e amplitude, o tema referente à música, eleito para compor as páginas do *Em Foco* nesta 50ª edição da revista *Raízes*, precisou passar por um crivo que pudesse estipular ou apontar caminhos para a sua abordagem. A necessidade de um norteamento metodológico para uma melhor e mais criteriosa discussão do assunto tornou-se ainda mais premente em face de um rico conjunto de informações que a Fundação Pró-Memória dispõe a respeito da temática alusiva à arte musical. Além de artigos publicados em outros números de *Raízes*, os quais a focalizaram sob uma ótica mais voltada para a perspectiva do lazer e do entretenimento, a instituição também contemplou a música em sua conhecida *Agenda Histórica*. Na edição de 2012, a referida publicação, que também integra o Projeto Editorial da Pró-Memória, apresentou ao público um panorama do desenvolvimento musical na cidade, considerando desde as primeiras bandas, que se apresentavam, na maioria das vezes, em eventos de caráter religioso, e

também as famosas *jazz-bands*, orquestras e conjuntos, cujo surgimento no cenário musical da localidade remete a um período de intensificação das relações de sociabilidade, difundidas, sobremaneira, por clubes esportivos e recreativos, já a partir das primeiras décadas do século passado. O potencial da cidade para revelar talentos nas variadas áreas da música também foi reverenciado nessa *Agenda Histórica de 2012*, destacando nomes de maestros, intérpretes e compositores que iniciaram suas respectivas carreiras na cidade.

Levando em conta que a condição de São Caetano de celeiro de músicos talentosos possui uma tênue relação com a promoção do ensino dos conhecimentos relativos à área, visto que muitos deles aprenderam os segredos da arte em instituições locais, *Raízes* optou

por abordar o tema a partir do prisma da formação musical, enfocando o papel e a trajetória de personagens e entidades que se encarregaram dessa tarefa.

Sem ignorar a possível existência de iniciativas individuais e de menor porte, representadas pela romântica figura de professores que lecionavam em suas próprias residências ou nas casas de seus alunos, o foco dessa seção são os projetos que alcançaram uma maior visibilidade, quer pelo nível de articulação de suas propostas e objetivos quer pelos segmentos que eles en-

volveram para a implementação da empreitada. Assim, tais projetos foram abraçados tanto pelo setor privado quanto pelo público e postos em prática a partir do período posterior ao da consecução da autonomia política e administrativa de São Caetano diante do município de Santo André. Com a obtenção da emancipação, um novo horizonte se descortinou para a localidade. Perspectivas referentes à instauração de um cenário social inovador, bastante distinto do que



Reprodução/Jornal de São Caetano, ano VII, n. 695, primeira página, 15 mar. 1958

vigorava na fase anterior à da criação do município de São Caetano do Sul, em dezembro de 1948, foram se desenhando e tornando realidade frente aos esforços das primeiras administrações em prol da estruturação da cidade em suas necessidades mais primordiais, como educação, saúde e serviços de saneamento básico.

Simultaneamente à construção desse novo quadro, começaram também a ser configurados os alicerces culturais de um ideal de município.

Os elementos culturais peculiares a esse ideal, diga-se de passagem, não se destoavam dos comumente pertencentes à vida de uma cidade desenvolvida, do ponto de vista econômico, com sua significativa produção fabril e cotidiano pautado pelas relações capitalistas e pelo primado do trabalho. O letramento era, por assim dizer, a expressão da cultura dessa sociedade urbana, que, dessa forma, era ou não considerada culta

Anúncio da Academia de Música Reale, publicado na edição de 15 de março de 1958, do *Jornal de São Caetano*. Destaque para as disciplinas ministradas e para o comunicado a respeito da intenção de seu proprietário, Paolo Reale, em constituir uma banda com meninos entre 8 e 14 anos

por meio de seu grau formal de instrução e seus gostos refinados, traduzidos, na maioria das vezes, por manifestações artísticas tradicionais, como a literatura, a dança e a música. Apreciá-las e difundi-las eram, portanto, práticas inerentes à vida cotidiana de centros urbanos desenvolvidos.

O recém-criado município de São Caetano do Sul, em sua busca pelo desenvolvimento, não fugiu à regra dos padrões e concepções então vigentes, trilhando caminhos que o colocaram em consonância com aspectos e marcas dos costumes de grandes cidades, localidades emblemáticas de um ideal de estilo urbano de vida. Nesse sentido, São Paulo foi o modelo para grupos aqui residentes, que, inspirados por programas e eventos artísticos realizados na capital, articularam-se em favor da difusão das artes no município sul-são-caetanense. Sendo assim, a partir da década de 1950, registrou-se uma intensificação de iniciativas com a organização de espetáculos de balé, concursos literários, recitais, concertos e audições, eventos que se tornariam, nos decênios seguintes, uma constante na programação da cena cultural local.

A relação estabelecida entre desenvolvimento e práticas artísticas está bem

evidenciada na matéria jornalística destacada na sequência. Ao divulgar a realização de uma audição lírica, em 1954, que almejava o levantamento de fundos para a creche do Instituto Nossa Senhora da Glória, o *Jornal de São Caetano* argumentou: “Felizmente deixou São Caetano do Sul de ser aquela cidadezinha acaanhada, praticamente sem vida, que possuía anos atrás. De uns tempos para cá, especialmente após a autonomia municipal que deu vida independente à localidade, tem São Caetano do Sul se projetado no Estado e no país. No âmbito cultural tem sucedido a mesma coisa, pois, além de possuímos cinemas belíssimos [...], temos também realizado reuniões sociais atraentes, além de concertos sinfônicos patrocinados pela municipalidade [...]”¹.

No que concerne especificamente à música, a participação de artistas renomados, nacional e internacionalmente, em audições e concertos promovidos por particulares, pelo poder público municipal e até mesmo pela igreja, como a apresentação do famoso tenor italiano Beniamino Gigli na Paróquia Sagrada Família, em 7 de outubro de 1951,² possibilitou a disseminação da arte musical na cidade, bem como a sua apreciação. É plausível,

portanto, deduzir que todas essas realizações tenham também criado uma atmosfera favorável ao ensino da música.

Em um primeiro momento, os conservatórios foram as instituições que assumiram na cidade o compromisso da transmissão dos conhecimentos aos apaixonados pela arte musical. Pesquisando edições dos anos 1950 do *Jornal de São Caetano*, foi possível chegar a um anúncio da Academia de Música Reale, que, conforme consta, localizava-se na Avenida Goiás, nº 669. Pertencente ao professor Paolo Reale, a referida escola, segundo informação extraída do próprio jornal, participou, por meio de sua orquestra de acordeão, da programação dos festejos do 83º aniversário de São Caetano.³ Contemporâneo à escola de Paolo Reale, o Conservatório Musical de São Caetano do Sul (ainda em atividade) também foi um dos protagonistas dessa fase inicial do ensino de música em São Caetano. Fundado em agosto de 1959 pela professora Cleusa Elias Corrêa (que já lecionava piano em sua residência, na Rua Tiradentes), iniciou suas atividades na Avenida Goiás, nº 788. De 1983 até o início de 2014, funcionou no número 885 da Rua Amazonas. Atualmente, está na Rua Nossa Senhora de Fátima, nº 598.

Entre os nomes que integraram o corpo docente do mencionado conservatório está o de Roberto Manzo. Figura ímpar da história do desenvolvimento musical na cidade, Manzo também foi um dos personagens da história da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs). Fundada em 24 de janeiro de 1957, a aludida instituição estabeleceu uma estrutura peculiar em prol da concretização do propósito de levar arte ao público local por meio, sobretudo, da organização de eventos que pudessem despertar ou avivar o gosto da sociedade pelas diversas formas de expressão artística, como a música. A promoção dessa arte foi, aliás, uma das molas propulsoras da atuação da instituição, como ficará patente neste artigo.

A promoção da música pela Acascs - Para promover a música, a Acascs valeu-se do departamento lírico e dos grupos que constituíram o seu coral. Já no início de suas atividades, é possível

notar o quanto a pauta musical seria importante para a agenda de finalidades e objetivos da entidade. Os próprios idealizadores e pioneiros da instituição apresentavam um vínculo afetivo com a área, possuindo formação em música e/ou atuando como grandes incentivadores e professores. Faziam parte do rol de pioneiros Roberto Manzo, Gianni Boscolo, Maria Tereza Lorenzini, Gilberto Toni e Ana Bortoletto.

Sediada na Rua Heloísa Pamplona (primeiro endereço), mais precisamente na residência de Jacob João Lorenzini, a Acascs teve suas bases iniciais fincadas na música. Não é à toa que suas primeiras iniciativas e eventos foram promoções musicais, como o recital de canto que inaugurou a atuação da entidade em São Caetano. Realizado no dia 8 de fevereiro de 1957, no Clube Comercial, tal festival contou com a participação de artistas renomados da Rádio Gazeta, como, por exemplo, Josefina Spagnuolo,⁴ Manrico Patassini e Hercília Blook. Segundo repor-

O primeiro espetáculo de Inezita Barroso promovido pela Acascs, na cidade, ocorreu em 18 de julho de 1957, ocasião em que a artista apresentou-se com o grupo Jograís de São Paulo. No dia 22 de outubro de 1960, mais um evento com a cantora aconteceu em São Caetano. A imagem constitui flagrante da terceira parte desse show, no momento em que Inezita era acompanhada pelo coral da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul, sob a regência do maestro Roberto Manzo



tagem do *Jornal de São Caetano*, “a excelente festa de arte lírica contou com um público elevado (cerca de 600 pessoas) e foi patrocinada pela novel agremiação”⁵.

Outros programas musicais foram organizados na sequência desse recital, garantindo força e visibilidade para os propósitos acasqueanos. Ainda em 1957, seu grupo diretor promoveu um conjunto de eventos, tais como recital de piano, audição de jazz, concertos com a Orquestra de Câmara de São Paulo e com o Coral da Arquidiocese, também de São Paulo, e recital com Inezita Barroso. Realizado em 18 de julho daquele ano, esse espetáculo contou com a participação dos Jograis de São Paulo, grupo constituído por declamadores, do qual faziam parte os atores Armando Bogus, Maurício Barroso, Rubens de Falco e Ruy Affonso.

O dinamismo mostrado logo em seu primeiro ano de atividades rendeu à Acascs o reconhecimento da sociedade e boas perspectivas futuras, expressas em prognósticos veiculados pela imprensa local, maior divulgadora dos sucessos da instituição: “O exito alcançado pela Acascs [...] quando de sua primeira apresentação, no salão do Clube Comercial [...], faz prever um futuro auspicioso não só para a nossa cidade, mas, principalmente, para a juventude que realmente tem pendores para apreciar as artes, sejam elas literárias ou musicais ou mesmo plásticas”⁶.

Nessa mesma matéria, foi anunciada a montagem de um coro, acenando, assim, para uma real possibilidade de expansão e fortalecimento da associação em sua área musical: “Vamos, por exemplo, a criação de um coral de vozes com mais de oitenta figuras que sucesso não poderá alcançar? Esta é uma das iniciativas que merece aplausos e a colaboração de todo são-caetanense. Para organizar esse [...] setor musical, a direção da novel entidade incumbiu a srta. Ana Bortoletto para cuidar do elemento femini-

no, cabendo ao sr. Roberto Manzo encaminhar e orientar o setor masculino. A esse respeito, informou-nos a diretoria da Acascs que todos aqueles que desejarem colaborar na formação desse coro orfeônico⁷ deverão dirigir-se aos interessados [...]”⁸.

Importante ressaltar que, implícita a essa empreitada, encontrava-se uma proposta pedagógica de iniciação aos fundamentos elementares da arte. No dizer de Zoltan Kodály, compositor e educador musical húngaro (1882-1967), o canto era a porta de entrada para a aquisição de conhecimentos musicais, “o melhor início para a educação musical”⁹. De fato, a disseminação do coro orfeônico atrelou-se à educação formal, vindo a integrar, oficialmente, a gama de disciplinas curriculares de escolas e colégios, no passado. Mas, muito além do escopo da transmissão de conhecimentos inerentes à arte da música, o ensino de canto trazia em seu cerne um anseio de cunho político e cultural, destinado a impor o padrão estético da erudição europeia. Musicalmente, isso significava ensinar partituras em detrimento de tradições musicais assentadas na oralidade, as quais eram tidas como “primitivas” e “bárbaras”.

A ideia de constituir um coral foi ganhando corpo na associação, no decorrer do primeiro semestre de 1957. Em julho, o *Jornal de São Caetano* informou aos sócios da Acascs que o primeiro ensaio do grupo ocorreria no dia 4 de agosto daquele ano. No início da década de 1960, com a expansão da entidade e a estruturação de suas atividades em departamentos, o coral projetou-se, tornando-se uma das referências maiores da instituição cultural. Todavia, dificuldades existiram e muitos esforços foram canalizados para superá-los. Objetivando o crescimento do grupo, a diretoria da associação sempre divulgava notas e chamadas em seu órgão de imprensa, *O Acascs Jornal*, por meio das quais o público era

Reprodução/O Acascs Jornal, ano I, n. 10, p. 10, dez. 1963



comunicado a respeito dos ensaios do coral e da intenção de seu departamento em obter a adesão de novos membros.

Consultando edições do mencionado jornal, foi possível saber que, no início de 1964, o coral passou por uma reformulação, sob o comando de Roberto Manzo. “O maestro Roberto Manzo tendo selecionado cêrca de 30 vozes espera para meados de março o reinício das atividades do Coral. O maestro tem em mente atualmente a preparação do repertório, planejando também viagens e possíveis apresentações no rádio e na tevê de São Paulo.”¹⁰

Esse projeto de reformulação compreendeu não só diretrizes quantitativas, voltadas para a composição numérica do coro, mas também medidas de caráter qualitativo, destinadas

ao fomento de uma aptidão musical em seus elementos, como bem atestam as seguintes informações: “Atravessa nesta época uma fase inteiramente nova e o relativo afastamento do conjunto dos palcos sul-caetanenses é decorrente desta nova orientação. As enormes dificuldades encontradas anteriormente em ensaiar por audição deverão ser agora vencidas com maiores facilidades visto que o conjunto está recebendo aulas de Música, condição mínima para conseguir dominar as partituras musicais. Estas aulas de Teoria Musical, Solfejos Rezado e Cantado virão, por certo, facilitar a leitura musical; futuramente, Técnica Vocal e Interpretação Musical deverão constar dêste curso para o aprimoramento da execução”¹¹.

Indiscutível o valor da proposta, assim como a importância obtida pelo coral da Acascs, com o qual colaboraram, além de Manzo, outros personagens, como Ariete Medeiro Gallo e Vincenzo Genga. Quanto aos que integraram o grupo, não é tarefa fácil recuperar todos os nomes. Diante disso, nada impede, contudo, que se faça memória a alguns de seus componentes. Conforme lembrou Mário Dal’Mas, presidente da Acascs em um dos períodos mais promissores

Josefina Spagnuolo com o barítono Sabiá, durante uma apresentação da Acascs, na década de 1960

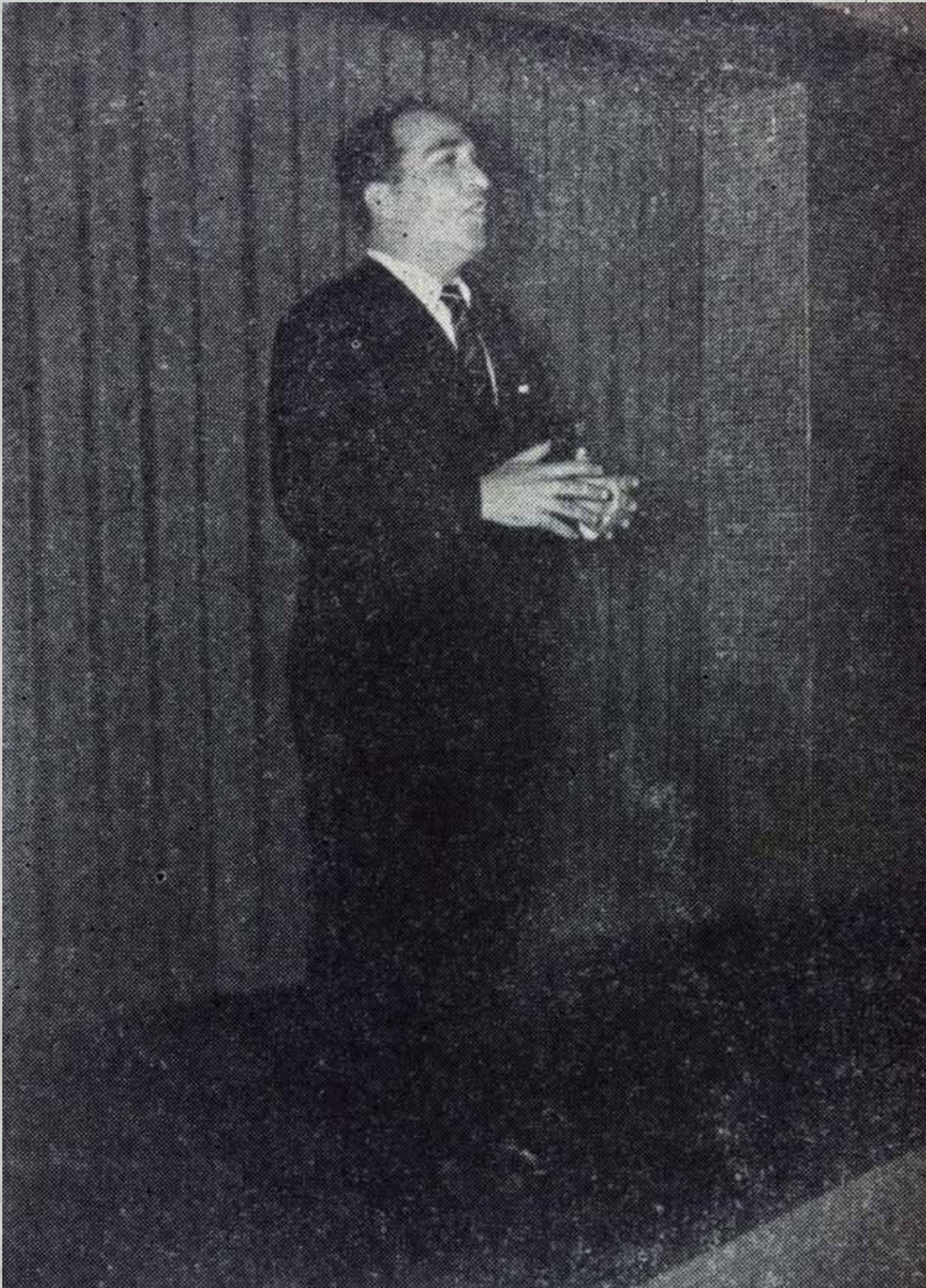
da história da instituição (década de 1960), o conhecido cantor Jerry Adriani¹² teria integrado o grupo em determinada ocasião. Em 1964, o coral da Acascs apresentava os seguintes componentes: as sopranos Ercília de Moraes Rocha, Isolda Luiza Spinello, Neide Lourdes Ferrari, Suely Raymundo, Tereza Manzotti e Valcira Maria Silva; as contraltos Antonieta Maffei, Brasilina Lenzini, Noely Raymundo, Thelma Thomé e Vera Lúcia Ribeiro; os tenores Adelmo Magliani, Antonio Gianoca, Cândido Ortega Fernandes, João Valente, Vincenzo Genga e Waldemar Olivatti; os baixos Adilson Avelino Rocha, Carlos Antonio Maranhão, Joaquim Mattenhauer, José Teixeira de Mello, Laerte Novelli e Osmar Vianna.¹³

Além do coral, a Acascs promovia também a música por meio de seu departamento lírico. Seguindo uma tradição firmada desde o início das atividades da associação, tal departamento era responsável pela promoção de audições, concertos e recitais. Colaboraram com esse setor artístico personagens bastante conhecidos da música na cidade, tais como a renomada pianista Maria Francisca Fraissat Paez, Josefina Spagnuolo e Waldemar Famula. Além desses nomes, a direção do departamento lírico, nos anos 1960, também ficou a cargo de Vincenzo Genga e do tenor Paschoal Raymundo, a quem coube a idealização do conjunto da Acascs, denominado Napolitano, e constituído pelos músicos Famula (violino), Giacomo (flauta), Nobile (bandolim), Casério e Venâncio (violão).¹⁴

Não era só a população sul-são-caetanense que se beneficiava das promoções da Acascs. O próprio poder público municipal pôde recorrer aos elementos da instituição para viabilizar eventos, como os que faziam parte do calendário de festejos de aniversário da cidade. A equipe acasqueana sempre marcava presença em tais comemorações, a partir de seus diferen-

tes departamentos. Ao abordar o assunto, assim manifestou-se o jornal da entidade: “Desde a sua fundação, a Acascs vem prestando inestimável colaboração aos organizadores dos festejos de aniversário da Cidade, quer cedendo para a Comissão o melhor de seu material humano, quer organizando excelentes festivais e noites de arte que se constituíram em retumbantes sucessos. Talvez seja neste ano de 1963 que a Acascs, sob a presidência do Dr. Mario Dal’Mas, esteja emprestando sua maior e mais efetiva colaboração para com os festejos do aniversário da Cidade, contribuindo inclusive com um dos seus mais representativos elementos para a Presidência da referida Comissão, na pessoa do Sr. Jayme da Costa Patrão”¹⁵.

O presente artigo apresentou um breve panorama de algumas realizações da Acascs no âmbito musical entre 1957 e a primeira metade da década de 1960. O período em questão foi marcado pelos esforços das primeiras gestões municipais em prol da organização estrutural de São Caetano, principalmente no que concernia aos serviços primordiais ao bem-estar da população, relegados a segundo plano ou mesmo inexistentes durante a vinculação política da cidade a Santo André. Paralelamente a essa estruturação, verificou-se também um conjunto de iniciativas em favor da edificação das bases culturais do novato município sul-são-caetanense, as quais se orientaram pelas práticas, tendências, concepções e alinhamentos próprios de um padrão letrado, típico dos centros urbanos considerados desenvolvidos. Daí, todo um empenho para a promoção de iniciativas, atividades e projetos destinados a propagar o ideal de um estilo urbano de vida, com suas programações culturais centradas, principalmente, na música, literatura, teatro, cinema e dança. Esse foi o contexto sob o qual a Acascs se despontou. Por tudo que realizou e empreendeu, pode-se afirmar que ela



Tenor
Paschoal
Raymundo,
um dos
diretores
que o
departamento
lírico da
Acascs
possuiu, na
década de
1960

esteve na vanguarda de ações culturais que, anos mais tarde, seriam adotadas e/ou incrementadas pelo poder público municipal.

A criação da Fundação das Artes, no final do decênio de 1960, é bastante elucidativa nesse sentido. Com a finalidade de tornar-se um centro difusor de variadas linguagens artísticas, mas também de formação, por meio do ensino dessas linguagens e expressões, a conceituada instituição surgiu em um momento de efervescência das políticas municipais voltadas para a educação e a cultura. Importante ressaltar que nomes que se engajaram na Fundação das Artes, como os de Milton Andrade e Roberto Manzo, integraram, antes, os departamentos de teatro e coral da Acascs, respectivamente. Diante do exposto, como não questionar acerca da experiência que ambos adquiriram durante o período de permanência em tal entidade cultural? Os conhecimentos agregados a partir das promoções acasqueanas não teriam servido-lhes de laboratório frente aos desafios encontrados na então novata fundação?

É certo que a Acascs firmou-se como uma instituição de natureza cultural, cuja intensa programação de eventos dinamizou o calendário local, propiciando e motivando junto ao público o gosto pelas artes, que, consequentemente, pôde ter despertado, em alguns, o interesse por seu aprendizado e conhecimento. Atenta a essa possibilidade, a instituição oferecia cursos nas áreas com as quais estava comprometida a difundir. Foi assim com a dança, a pintura e o teatro, por exemplo. No que tange à música, a Acascs também deixou uma contribuição singular ao tornar constantes e acessí-

veis à sociedade local suas iniciativas em favor dessa arte, quer promovendo recitais, concertos e audições quer mantendo um conjunto musical e um coral. A instituição, assim, aglutinou e revelou gerações de amantes e apreciadores da música, organizou e articulou sua promoção (até então, observada, esporádica e dispersamente, por iniciativa de clubes e agremiações recreativas e esportivas), firmando-se, dessa forma, como um divisor de águas, um marco da cultura musical em São Caetano. Em 1957, a Acascs lançou a semente, e os frutos podem ser vistos em função do que a cidade vem apresentando e realizando na área nos dias de hoje. As instituições e personagens abordados, nas páginas seguintes, são a prova viva disso. **R**

NOTAS

¹ ELEVACÃO do grau de cultura da cidade. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 407, primeira página, 17 mar. 1954.

² Para mais informações sobre a apresentação de Beniamino Gigli em São Caetano, consultar: 7 de outubro de 1951: Beniamino Gigli dá récita na Igreja Matriz da Sagrada Família. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 19, p. 21-22, jul. 1999.

³ *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XV, n. 819, 2º Caderno, p. 6, 28 jul. 1960.

⁴ Alguns aspectos importantes da vida e da trajetória da cantora lírica de São Caetano Josefina Spagnuolo foram apresentados no artigo Episódio lírico na cidade. *Raízes*, São Caetano do Sul, n.º 4, p. 31-32, jan. 1991.

⁵ MAIS de 600 pessoas no I Recital de Canto. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XI, n. 639, p. 4, 16 fev. 1957.

⁶ TEATRO amador e coro orfeônico de oitenta vozes. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XI, n. 640, primeira página, 23 fev. 1957.

⁷ O nome foi inspirado no deus grego Orfeu, que encantava e amansava as feras com sua música, conforme esclarece Renato de Sousa Porto Gilioli. "Tal como na lenda, os educadores do século 19 queriam 'amansar' o povo, comparado às feras perigosas, por meio do canto. Consideravam que as classes populares ameaçavam a ordem social e que deveriam ser conduzidas de seu suposto estado de 'selvageria' para a 'civilização.'" O orfeonismo chegou ao Brasil na década de 1870. GILIOLI, Renato de Sousa Porto. Erudição nas escolas. Disponível em: www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/erudicao-nas-escolas. Acesso em: 8 out. 2014.

⁸ TEATRO amador e coro orfeônico de oitenta vozes. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XI, n. 640, p. 7, 23 fev. 1957.

⁹ KODÁLY, Zoltan. Preface to the Volume Musical Reading and Writing. In: BONIS, F. (Ed.). *The selected writings of Zoltan Kodály*. London: Boosey and Hawkes, 1974 apud GOLDEMBERG, Ricardo. Educação musical: a experiência do canto orfeônico no Brasil. Disponível em: www.samba-choro.com.br/dabates/1033405862. Acesso em: 8 out. 2014.

¹⁰ ACASCS Dinâmica. *O Acascs Jornal*, São Caetano do Sul, ano I, n. 12, p. 2, fev. 1964.

¹¹ CORAL da Acascs. *O Acascs Jornal*, São Caetano do Sul, ano III, n. 32, 33, 34, p. 4, out. nov., dez. 1965.

¹² Jerry Adriani frequentou também, em São Caetano, a Academia de Música Reale, na qual foi aluno de cântico lírico do professor Kroppo. Para mais informações sobre a trajetória do cantor, consultar: MEDICI, Ademir. Jerry Adriani: toda a formação em São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 34, p. 55-60, dez. 2006.

¹³ ENTREVISTA com o professor Roberto Manzo, diretor do departamento do coral da Acascs. *O Acascs Jornal*, São Caetano do Sul, ano II, n. 18, p. 6, ago. 1964.

¹⁴ PASCHOAL, Raymundo, diretor do departamento lírico da Acascs. *O Acascs Jornal*, São Caetano do Sul, ano II, n. 18, primeira página, ago. 1964.

¹⁵ DEPARTAMENTO lírico da Acascs nos festejos da cidade. *O Acascs Jornal*, São Caetano do Sul, ano I, n. 6, primeira página, ago. 1963.

CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

É HISTORIADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL PELA PUC-SP.

Oscar Garbelotto

A MÚSICA SUPERANDO OBSTÁCULOS

Em recente manifestação em sua coluna *Memória*, Ademir Médici afirmou que “os salões de arte contemporânea de 1960 anteciparam instituições nascidas para difundir e sacramentar a cultura na cidade, como o SESC, a Fundação das Artes, criada em 1968, e a Fundação Pró-Memória”¹. Como membro integrante do grupo que criou e organizou os primeiros salões de arte, em 1967 e 1968, primeiro diretor do Departamento de Educação e Cultura de São Caetano do Sul (DEPEC), na gestão de 1965 a 1969, e, posteriormente, como um dos idealizadores da Fundação Pró-Memória, seria injusto não acrescentar algo que retrate os méritos da situação cultural local anterior aos eventos citados.

Na verdade, desde a década de 1920, clubes locais mantinham intensa atividade cultural na cidade. Sobre teatro, farto material pode ser consultado na revista *Raízes* nº 32 ou ainda na obra *Uma História de Campeões*, sobre o São Caetano Esporte Clube².

Com a criação da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acasc), em 1957, um novo ciclo cultural procurou preencher a lacuna que vinha se acentuando com a diminuição das atividades



culturais nos clubes. A nova e a velha guardas teatrais locais juntaram-se em uma associação inteiramente dedicada à cultura em todas suas manifestações, resultando em uma notável produção cultural. Outras entidades, inclusive estudantes, formaram, na década de 1960, seus próprios grupos de teatro.

Apesar de se tornar município autônomo em 1948, a cultura ainda se ressentia de maior atuação oficial na cidade. A criação do Departamento de Educação e Cultura, em 1965, no primeiro governo do prefeito Hermógenes Walter Braido, consolidou o interesse de transformar São Caetano em referência cultural, ao lado da nova filosofia quanto à educação da cidade, que tinha como slogan *Onde Escola Não É Problema*.

Fui convidado para assumir o departamento e organizei duas seções. Para chefiar a área de cultura, convidei um amigo que havia estudado comigo na universidade, Milton Andrade, atuante como diretor e ator de teatro da Acascs. Já havia, entre nós, ideais culturais comuns, daí a afinidade e a harmonia para ousar nos projetos.

Uma das primeiras ações do departamento foi a criação da Escola Municipal de Ballet, seguida do incentivo aos grupos teatrais existentes, a mudança da Biblioteca Paul Harris para local amplo e confortável, na Rua Baraldi, o planejamento de outras bibliotecas de bairro e atendimento à crescente procura pela dança, proporcionando um novo espaço no Bairro Nova Gerty. Todas as demais manifestações culturais passaram a ter o acompanhamento da seção de cultura, o que motivou a aproximação de vários clubes de jovens que, ansiosos para a organização de seus eventos, encontraram o necessário apoio da administração pública.

Dentro deste clima propício, foi possível ousar: surgiu o I Salão de Arte Contemporânea, realizado entre 1º de julho e 30 de agosto de

1967³. Graças aos excelentes prêmios, artistas de todo o Brasil compareceram ao evento, que contou com renomados mestres na comissão julgadora. O mesmo sucesso ocorreu com o II Salão de Arte Contemporânea, ocorrido de 7 a 30 de julho de 1968.

Festival de Música Coral - Enquanto ocorria o I Salão de Arte, a música necessitava de atenção especial. Em meados de 1967, Walter Braido e eu conversamos sobre a possibilidade de criar um Conservatório Musical. Reunido com Milton Andrade, vislumbramos a oportunidade de apresentar um projeto de maior grandeza: uma



Apresentação do Coral Willys na Igreja Matriz Sagrada Família no encerramento do I Festival de Música Coral



Reprodução/Notícia Willys, do ano de 1968 - Arquivo Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

escola de música, associada a curso de teatro e artes plásticas. Ao anteprojeto denominamos Fundação das Artes, que seria organizada como autarquia.

Esse plano atendeu aos desejos do chefe do Executivo, mas desagradou forças políticas muito influentes. Alguns vereadores argumentaram contra a aprovação da escola. O departamento viu-se diante da necessidade de oferecer ao prefeito justificativas que pudessem demonstrar a viabilidade e o sucesso cultural e político do empreendimento. A ideia foi utilizar a música como argumento para produzir as provas necessárias. Se o que se almejava eram público e aplausos, iríamos demonstrar que a arte musical daria tudo isso.

Assim, surgiu o I Festival de Música Coral, realizado entre os dias 14 e 23 de dezembro de 1967, e organizado com os requisitos necessários para empolgar. O local escolhido foi a Igreja Matriz Sagrada Família, sendo que algumas palestras aconteceram na Acascs. O regulamento exigia que 50% do repertório fosse composto de músicas que evocassem o Natal.

Para a comissão organizadora foi convidado o maestro Roberto Manzo, autor do Hino de São Caetano, muito relacionado entre os corais paulistas, sendo ele mesmo maestro de um dos grupos. Notáveis do meio musical também aceitaram o convite, como Walter

Lourenção, Olivier Toni, Geraldo Menucci, Silvio Bacarelli, Klaus-Dieter Wolff, Alexandre Pascoal Neto e Eládio Perez-Gonzalez. O evento contou com a colaboração do clube Hilaris União Jovem.

Os melhores grupos vocais da época atenderam ao chamado da comissão para desenvolver uma programação de alto nível nas oito noites de evento. A qualidade das apresentações resultou em um público excelente. O sucesso repercutiu na cidade e fora dela, atraindo a curiosidade dos contrários à expansão cultural proposta. Apresentaram-se, no festival, os grupos: Coral do Instituto Cultural Italo-Brasileiro, Coral Juvenil do Liceu Pasteur, Associação Coral Evangélica de São Paulo, Coral São José do Ipiranga, Coral Pirelli, Coral Eucarístico da Basílica de Santa Ifigênia, Coral Cantoria Ars Sacra, Madrigal Ars Viva, Madrigal da Orquestra de Câmara de São Paulo, Madrigal das Arcadas, Salmistas da Imaculada e Coral Willys.

O prefeito chegou para a noite de encerramento convencido da criação de uma escola de artes na cidade. Em suas palavras finais, anunciou a criação da Fundação das Artes e convidou o maestro Walter Lourenção para ser o primeiro diretor.

Já em janeiro de 1968, antes mesmo da aprovação legal da escola, Lourenção contratou membros de um conjunto musical denominado Musicâmara, participante do festival, para compor o futuro corpo docente da escola. Apesar dos inúmeros problemas causados para o DEPEC, diante dos normais procedimentos administrativos, a contratação foi contornada graças a inúmeras colaborações privadas. Este grupo transformou-se em uma orquestra de cordas, colocada a serviço da divulgação da futura escola de música, ainda alvo de críticas de um pequeno grupo político, mesmo após a decisão do prefeito.

Enquanto nos ocupávamos em elaborar o projeto de lei e outros documentos necessários para a legalização da escola, a orquestra realizava concertos didáticos, anunciando a abertura da instituição e coletando folhetos de pré-inscrição de candidatos aos cursos de música. Milhares de inscrições foram recolhidas nos poucos dias de concertos e apresentadas como mais uma prova do interesse da população, razão maior do empenho do chefe do Executivo em tornar a cidade exemplo de educação e cultura. Estava, finalmente, superada a última barreira à ideia.

Criada a Fundação das Artes, foi nomeado seu conselho de curadores. Verino Segundo Ferrari assumiu o cargo de presidente, acompanhado pelos demais membros: Oscar Garbelotto, Alarico Suhadolnik, Urames Pires dos Santos, Santo Crepaldi, Leo Pastore, Alberto Aliberti, Ivo Pellegrino, Keisen Matsudo e Benito Musumeci. O conselho tomou posse em 1º de agosto de 1968, no auditório do Externato Santo Antonio, com apresentação do Coral Ítalo-Brasileiro e da Orquestra de Cordas da Fundação das Artes.

Enquanto ocorriam os trâmites legais e antes da posse dos curadores, Lourenção procurava divulgar a escola por meio de apresentações da orquestra em escolas, igrejas, grêmios estu-

dantis e outros locais. Na capital, apresentou-se nos teatros Itália e Municipal.

Em julho de 1968, o departamento organizou, para as comemorações do 91º aniversário de São Caetano do Sul, o *Mês da Cultura*, no colégio Idalina Macedo Costa Sodré, onde foram montados o II Salão de Arte Contemporânea, o I Salão de Arte Fotográfica, a II Feira do Livro e o I Festival Nacional de Música Contemporânea de Autores Brasileiros. Ali, se apresentaram a orquestra de cordas, grupos teatrais locais e corais. Foi um evento que marcou, profundamente, a história da cidade. A escola de música, porém, continuava em busca de um caminho a trilhar diante da demanda heterogênea de candidatos.

O Estado - O projeto de criação da Fundação das Artes, rapidamente, atravessou as fronteiras municipais, graças ao relacionamento do prefeito com o então governador de São Paulo, Roberto de Abreu Sodré. O interesse do Estado teve início com a nomeação, por meio do ofício de 13 de maio de 1968, de membros da Comissão Estadual de Música, que iriam tratar da criação da Fundação das Artes. Aqui passaram a comparecer, em sucessivas reuniões, João Carlos Martins, Diego Pacheco e Ciro Brizola.

Os encontros eram realizados em meu gabinete com a presença da referida comissão e de Milton Andrade. As propostas do Estado, no entanto, não correspondiam aos nossos propósitos. A simples indicação do maestro Roberto Schnorrenberg “para exercer a função de vice-diretor da Escola Superior de Música” já indicava que a Comissão Estadual veio nos trazer a ideia de criar uma escola superior de música em escala que abrangia todo o Estado. A proposta trazia exigências, tais como: nomear um terço de curadores e a indicação do corpo docente. Em nenhum momento, deixava clara qual seria a participação financeira do Estado para atender



Reprodução/Notícias Pirelli, nº 53 - Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Apresentação do Coral Pirelli, regido pelo maestro Sérgio Truglio, no I Festival de Música Coral

Frente e verso de programa do I Festival de Música Coral de São Caetano do Sul, onde é possível acompanhar toda a programação do evento

Acervo/Oscar Garbelotto

1967

DE 14 À 23 DE DEZEMBRO

**I
Festival de
Música Coral
de
São Caetano do Sul**

Departamento de Educação e Cultura da
Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul
com a colaboração da Hilaris União Jovem

I Festival de Música Coral de São Caetano do Sul

Dezembro

- Dia 14** — às 20,30 hs., na Matriz da Sagrada Família
— abertura Soleme do Festival
— apresentação do Coral do Instituto Cultural Italo-Brasileiro e do Coral Juvenil do Liceu Pasteur; regência: Maestro Walter Lourenção.
- Dia 15** — às 20,30 hs., na Matriz da Sagrada Família
— apresentação da Associação Coral Evangélica de São Paulo; regência: Maestro Alberto Corazza Jr.
- Dia 16** — às 18,00 hs., na ACABCS
— palestra do Maestro Walter Lourenção
Tema: "A importância social do canto Coral".
às 20,30 hs., na Matriz da Sagrada Família
— Coral São José do Ipiranga; regência: Pe. Silvio Baccarelli.
- Dia 17** — às 18,30 hs., na ACABCS
— Recital do barítono Eládio Pérez-Gonzalez,
acompanhado pelo pianista Paulo Herculano.
às 18,00 hs., na ACABCS
— Palestra do professor Eládio Pérez-Gonzalez.
Tema: "Técnica vocal e canto Coral".
às 20,30 hs., na Matriz da Sagrada Família
— apresentação do Madrigal "Ars Viva", de Santos; regência: Maestro Klaus-Dieter Wolff.
- Dia 18** — às 20,30 hs., na Matriz da Sagrada Família
— apresentação do Coral Pirelli; regência: Maestro Sérgio Truglio e do Coral Eucarístico da Basílica de Santa Ifigênia; regência: Pe. Antonio Fusari.
- Dia 19** — às 20,30 hs., na Matriz da Sagrada Família
— apresentação do Coral "Cantoria Ars Sacra";
regência: Maestro Samuel Kerr.
- Dia 20** — às 20,30 hs., na Matriz da Sagrada Família
— apresentação do Madrigal da Orquestra de Câmara de São Paulo, sob direção do Maestro Roberto Manno.
— apresentação da Orquestra de Câmara de São Paulo; regência: Olivier Toni.
- Dia 21** — às 20,30 hs., na Matriz da Sagrada Família
— apresentação do Madrigal das Arcadas; regência: Maestro Luiz Roberto Borges.
- Dia 22** — às 20,30 hs., na Matriz da Sagrada Família
— apresentação dos "Salmistas da Imaculada"; regência Niza de Castro Tank.
- Dia 23** — às 20,30 hs., na Matriz da Sagrada Família
— apresentação do Coral Willys; regência Maestro Geraldo Memmel.
Os acompanhamentos dos concertos do I Festival de Música Coral de São Caetano do Sul, estão à cargo da Orquestra de Câmara de São Paulo; Musicantiga e instrumentistas da Orquestra Filarmônica de São Paulo.

a complexidade organizacional que propunham.

Após diversas reuniões, esclarecemos aos membros do Estado a inviabilidade da proposta que traziam. Nenhuma outra alternativa nos foi apresentada e deu-se por encerrada a participação estadual.

Ao final de agosto de 1968, Lourenção abriu inscrições para o Curso Superior de Música. De certa forma, os atos iniciais pedagógicos também não correspondiam aos anseios da administração pública, manifestados pelo Departamento de Educação e Cultura. Amplas pesquisas realizadas com a população reafirmavam a preferência pelo projeto inicial, que vinha de encontro à política manifestada pelo chefe do Executivo, ou seja, a implantação de cursos livres de música.

A divergência motivou o afastamento de Lourenção, no início de 1969, sendo nomeado em seu lugar Milton Andrade, que garantiria a implantação do verdadeiro ideal que impulsionou a criação da Fundação das Artes. O objetivo era tornar a instituição um centro irradiador cultural de São Caetano do Sul.

O renomado autor José Armando Pereira da Silva, por longo tempo professor de teatro da Fundação das Artes, citou meu depoimento em sua obra *A Escola de Teatro da Fundação das Artes*: “desde os seus primeiros momentos, a idéia predominante era transformá-la num pólo irradiador de cultura. E quanto a isso não mudei de opinião, a apresentação dos programas das diversas áreas (peças teatrais, música, artes plásticas) é a forma de o artista mostrar sua face, de se testar, e, ao mesmo tempo, a forma de motivar o público e colaborar na elevação cultural da cidade. Houve até o sentimento de que a partir da consolidação das atividades da Fundação das Artes, não seria mais necessária a existência de um setor de cultura na administração pública, uma vez que esse papel estaria sendo cumprido pela Fundação”⁴.

Em busca do manifestado ideal, o DEPEC e sua seção de cultura organizavam atividades voltadas para promoção cultural, que eram realizadas em nome da Fundação mesmo antes de sua instalação física. Criamos as *Manhãs de Arte*, voltadas para a música erudita, que ocorriam todo domingo, no auditório do Teatro Santos Dumont. O primeiro encontro foi realizado no dia 29 de setembro de 1968, com um programa onde constaram peças de Villa-Lobos, Mozart e Vivaldi, entre outros, sendo que, no dia 6 de outubro, já houve a apresentação da Orquestra da Fundação Gulbenkian, de Lisboa (Portugal), uma das melhores da Europa, sob a direção do maestro Gianfranco Rivoli.

Os espetáculos gratuitos mostravam a disposição oficial de tornar a cidade um grande polo cultural tal como já era na área educacional. E, para isso, depositávamos plena confiança na Fundação das Artes.

A conquista de seu espaço físico - Algumas nuvens densas atravessaram o “céu” entre 1968 e 1969 e havia “no ar” notícias preocupantes para a Fundação programadas para o início do novo governo municipal. Em vista disso, a primeira reação para estabelecer, de fato, a escola, foi designar Milton Andrade para a direção. A segunda foi planejar um lugar definitivo para sua instalação.

Ao final de 1968, a prefeitura tinha duas construções destinadas a atender a Faculdade Municipal de Ciências Políticas e Sociais e a seção municipal da Escola Superior de Negócios (ESAN). A primeira ocuparia um prédio na Rua Visconde de Inhaúma e a segunda, um edifício na Avenida Goiás.

Mudanças ocorridas neste período alteraram a situação: a prefeitura, atendendo reivindicação dos alunos da ESAN, amparados pelo DEPEC e pelo então diretor da Faculdade Municipal, Claudio Musumeci, rompeu convênio com a ins-

Acervo/Oscar Garbelotto

PREFEITURA MUNICIPAL E FUNDAÇÃO DAS ARTES DE
SÃO CAETANO DO SUL

apresentam

"MANHÃ DE ARTE"

PROGRAMA

1ª Parte

- 1- Villa-Lobos
2- H. Genzner
- Prelúdio (da 4ª Bachiana)
Sinfonietta:
- Moderato
- Allegro motto
- Largo
- Vivace

2ª Parte

- 3- Mozart
4- Gianini
5- Vivaldi
- Divertimento K.138 - Fa
- Allegro
- Andante
- Presto (Tondó)
Prelúdio e Fuga
"Primavera" - op 8 nº1
para Violino - Allegro
Largo
Allegro
Solista e Orquestra
Solista: Moacyr Del Picchia

ORQUESTRA DE CORDAS DA FUNDAÇÃO DAS ARTES DE
SÃO CAETANO DO SUL

29/9/68

1: MANHÃ

Reprodução do programa do I Festival Nacional de Música Contemporânea de Autores Brasileiros, realizado em julho de 1968, que mostra uma orquestra já formada, levando o nome da Fundação das Artes

Acervo/Oscar Garbelotto

I.º FESTIVAL NACIONAL DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA DE AUTORES BRASILEIROS

26 de Julho de 1968

PROGRAMA

1.a Parte

- Camargo Guarnieri 4 cantigas (para Canto e Orquestra)
1 - A Cantiga do Mulato
2 - Cantiga
3 - Não sei
4 - Vamos dar a despedida
- Edmar Ferretti - Soprano
- * Lorenzo Fernandes Teado p'ra você (Mário de Andrade)
Canção do mar (Moses Bandeira)
- * Luis Ellmerich Trova brasileira (L. Ellmerich)
Rua Vilaça (Alfaro Bandeira)
- * Brenno Blauth Vivo pensando (Sílvio Lopes Neto)
Gosto da Guachandá (Sílvio Lopes Neto)
- * Gilberto Mendes Ozel Senhora (Sílvio Marcos)
A mulher e o dragão (Apocalisse-São João)
- * Adelaide P. da Silva É tão pouco o que desejo (Vicente de Carvalho)
Cocotitas (R. Souza e P. Aguiar Rocha)
- * Dinorah de Carvalho Sun, Sun (Populário mineiro)
- * Marlos Nobre Bergues da unidade desobediência (R. Coube)
- Eládio Perez - Gonzales - barítono
Paulo Afonso de Moura Ferreira - piano

2.a Parte

- * Jamary Oliveira 8 peças para Flauto. 1966
- * Ernst Widmer 3 peças do Ludo Brasileiro (IV Vol.)
1 - Ruínas II
2 - Plogon-Plogon
3 - Variações sobre um tema de Dave Brubeck
- Paulo Afonso de Moura Ferreira - piano
- * Ernst Mahle Sonatina para viola e piano 1968
1 - Allegro
2 - Andante
3 - Vivace
- Olaís Alnis - viola
Paulo Afonso de Moura Ferreira - piano
- * Breno Braga Prelúdio para quarteto de Cordas
- ** H. D. Korenchender Teclado e ocetra-teclado para Quarteto de cordas 1967
- * L. C. Vinholes Estruturas espaço-tempo para Trio de cordas 1956
- ** Oswaldo Lacerda Invocação e ponto para trombeta e orquestra 1969

Dino Pedini - trombeta

Orquestra de Cordas da Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Direção: Moacyr Del Picchia

- * PRIMEIRA AUDIÇÃO LOCAL
** PRIMEIRA AUDIÇÃO MUNDIAL

Reprodução do programa da primeira edição do projeto *Manhãs de Arte*, realizada no dia 29 de setembro de 1968

Acervo/Oscar Garbelotto



Cartaz do I Festival de Música Coral de São Caetano do Sul, realizado em 1967

tituição, sendo todos os alunos transferidos para uma escola do município. Como resultado da unificação, o prédio da Rua Visconde de Inhaúma ficou sem ocupação, sendo prontamente solicitado pela Fundação das Artes.

Os boatos do início de 1969 eram de que a futura administração cederia o prédio a um grupo privado, a fim de instalar uma nova escola superior no município. Na verdade, o local já havia sido negado ao grupo pela não concordância do DEPEC, amparado na decisão do prefeito.

Em breve conversa com Walter Braidó, recebemos autorização para ocupar o prédio da Visconde, porém sem o seu “conhecimento oficial” para evitar atritos políticos. Na data escolhida, Vitório Marcucci, chefe da garagem, cedeu caminhão para transportarmos os móveis da Fundação de sua sede provisória, situada em ala do Colégio Vocacional (hoje EMEF Eda Mantoanelli), até o prédio da Visconde.

Uma vez que a mudança foi finalizada, o prefeito mos-

trou “contrariedade” com o fato sem, no entanto, tomar qualquer atitude a respeito. É neste local que a Fundação das Artes se encontra até os dias atuais.

Ao final do então governo, Milton Andrade pôde iniciar as atividades didáticas, muito facilitadas com a ocupação da sede definitiva. Prova-va o acerto de sua designação, dando os rumos necessários para que Fundação cumprisse plenamente todas as funções delineadas por seus criadores.

O sonho comum, meu e de Nilton, tornou-se real em suas mãos seguras. Enquanto cuidava das “artes” tinha, a seu lado, dando suporte financeiro, o competente Verino Segundo Ferrari, presidente do Conselho de Curadores durante muitos anos

O tempo e a história de São Caetano do Sul contam a importância da instituição, que deu nova feição à arte de ensinar cultura, reunindo profissionais de alto valor e elevando o nome do município muito além das fronteiras geográficas. **R**

NOTAS

- ¹ Publicada no *Diário do Grande ABC* de 29 de julho de 2014.
² MEDICI, Ademir. *Uma História de Campeões: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*. São Caetano do Sul: Neograf Ind. Graf e Editora Ltda., 2003, p.170-173.
³ Lei 1560 de 27/4/67.
⁴ SILVA, José Armando Pereira da. *Escola de Teatro da Fundação das Artes de São Caetano do Sul*. (1969-1982). Santo André: Apharrabio Edições, 2011, p. 11.

OSCAR GARBELOTTO

É ADVOGADO, PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E DEDICA-SE AO ESTUDO E PESQUISA DA HISTÓRIA LOCAL. FOI O PRIMEIRO DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE SÃO CAETANO DO SUL.

*COLABORAÇÃO DE MORISA GARBELOTTO.

Daniel Volpin Meneguello

A ESCOLA DE MÚSICA da Fundação das Artes

Reprodução/Diário do Grande ABC

Fundação começa com música

A Fundação de Artes de São Caetano começará com um curso musical de base, que pretende aprimorar ou ministrar cultura musical a mais de 400 professores do município. Estas foram declarações de Milton Andrade ao DIÁRIO, quando disse também da sua satisfação ao ver um projeto de imenso valor cultural ser aprovado.

Lamenta, porém, que a burocracia para registro de cursos regulares seja demorada, o que obrigará a Fundação a começar por cursos livres de diversos instrumentos e o curso básico para os professores. Esta será praticamente toda a programação para o segundo se-

mestre de 68. Para o próximo ano a fundação já deverá estar funcionando em sua força total, com os departamentos de música, artes plásticas (já estruturado) e teatro.

Para os programas iniciais a Fundação contará com a colaboração do maestro Walter Lourenção e Roberto Manzo, além de outras figuras destacadas do meio musical paulistano. Finalizou Milton Andrade dizendo que São Caetano está mais preparada para o trabalho no setor musical, devido ao êxito e repercussão alcançado pelo I Festival de Corais, realizado no ano passado.

“**F**undação começa com música”. Com esta manchete, o *Diário do Grande ABC*, no dia 19 de maio de 1968, anunciou a oficialização da criação da Fundação das Artes de São Caetano do Sul (Fascs), ocorrida no dia 25 de abril do mesmo ano. De fato, a história da instituição começa um pouco antes. No final da década de 1960, a situação econômica da cidade era muito boa, e a política do então prefeito, Hermógenes Walter Braidó, era favorável a investimentos na área de educação. Não podemos nos esquecer de que, por conta da ditadura militar, este período era especialmente delicado para a classe artística, a qual, visada como opositora, percebia suas possibilidades de trabalho e expressão sempre reduzidas, dificultadas ou mesmo impedidas.

Vários foram os envolvidos nas ideias e conversas para a criação de uma escola de artes. Além do próprio prefeito, estava Milton

Andrade, da área teatral (posteriormente, o primeiro diretor da Fundação das Artes). As condições eram propícias à formação de uma instituição com foco no ensino artístico. O objetivo original, jamais concretizado, era a criação de uma Escola Superior de Artes.

O primeiro fato significativo na história da escola foi o I Festival de Música Coral, que aconteceu na Igreja Matriz Sagrada Família, em dezembro de 1967. Constatado o sucesso desse festival (e a capacidade da cidade em produzir eventos culturais), foi feita uma proposta a Walter Lourenção, então membro da Comissão Estadual de Música, para assumir a direção da nova escola. Convide aceito, Lourenção convidou o maestro Moacyr Del Picchia para participar do trabalho com a Musicâmara, sociedade de músicos já existente, que abrigava uma orquestra com membros de várias partes do Brasil, incluindo alguns que faziam parte da Orquestra Sinfônica Estadual (à beira da paralisação).

Era, portanto, uma nova oportunidade de trabalho que se apresentava em São Caetano do Sul. Esta orquestra era composta por Moacyr Del Picchia, José Eduardo Gramani e Tosio Take-da (primeiros violinos), Reinaldo Couto, Carlos Jurandir de Almeida e Waldemar Pellegrino (segundos violinos), Baldur Liesenberg, Marília Pini e Olafs Alnis (violas), Ivo Meyer e Nadir Tanus (violoncelos), Patrick Soudant (contrabaixo) e Joaquim Thomás Jayme (contínuo). O grupo tinha o objetivo de divulgar a arte musical. Seus integrantes apresentaram-se como futuros professores da escola, e também realizaram muitos concertos pela região para divulgar o novo curso (ainda pensado como Curso Superior de Música).

As inscrições foram anunciadas no final de agosto. O número de inscritos foi maior do que se imaginava – mais de 2,7 mil candidatos! - e foi necessário requisitar outros prédios públicos para a realização dos testes. Mas, devido ao formato e à pretensão dos organizadores, que tinham em mente um curso superior, apenas uma candidata estava apta a ingressar no novo curso. Seriam necessárias uma reavaliação e adaptação da ideia original, pois não havia público para tal concepção, e então os esforços foram concentrados em realizar um trabalho de formação musical de base. Esta mudança de foco não foi

consensual entre todos os envolvidos e, no início de 1969, a esfera estadual se desligou do trabalho, ficando a Fundação das Artes a cargo do município. Assim, Milton Andrade assumiu a direção-geral e o maestro Moacyr Del Picchia, *spalla* e diretor artístico da Musicâmara, passou a responder pela coordenação da Escola de Música.

Em fevereiro de 1969, a escola recebe 140 alunos para os cursos livres de música. Eram 12 classes, sendo quatro de iniciação musical, sete de formação musical e uma de educação musical. A Orquestra de Câmara ainda existia e exercia intensa atividade, mas, aos poucos, seus músicos foram absorvidos como professores ou desligados do trabalho.

O ensino nessa nova escola foi guiado por um pensamento moderno para a época, já que os envolvidos pretendiam lidar com a educação e com a prática artística em moldes diferentes dos tradicionais. Os princípios da Escola de Música consistiam em ideias que priorizavam a formação do músico não apenas como um instrumentista com técnica apurada, mas também como profissional que conhecesse de-

mais áreas, como pesquisa e interpretação, e que interagisse com outras artes, como literatura, poesia e, posteriormente, teatro e outras manifestações cujas escolas foram sendo criadas na Fundação.

Um exemplo dessa ousadia foi a criação de um Laboratório de Desenvolvimento Auditivo que servia de apoio aos estudos. Pioneiro no mundo, contava com aparelhagem para treinos de percepção musical, encomendada exclusiva-

O ensino nessa nova escola foi guiado por um pensamento moderno para a época, já que os envolvidos pretendiam lidar com a educação e com a prática artística em moldes diferentes dos tradicionais.



Arquivo/Fundação das Artes de São Carlos do SCL

Moacyr Del Picchia (regente) e Marília Pini (violonista, última à direita) em apresentação no teatro da FASCs. Foram identificados, ainda, José Eduardo Gramani (o primeiro à esquerda) e Shinobu Saito (a terceira)

mente para a Fundação das Artes, por meio da qual os alunos podiam estudar com dois geradores de som e um osciloscópio acoplados. A partir de símbolos que apareciam no osciloscópio, o estudante podia aprimorar sua percepção melódica, trabalhando com intervalos musicais, sons simultâneos ou sucessivos, direcionalidade, precisão na afinação, dentre outras possibilidades – ideias que, curiosamente, perduram até hoje na ideologia de ensino da escola. Quanto ao laboratório, funcionou durante poucos anos.

A duração do curso livre de música sempre foi adaptada de acordo com a necessidade, e também pelas avaliações dos próprios professores. Inicialmente eram dez semestres, em seguida foram reduzidos para seis. Duas décadas depois, passariam a ser oito, e, atualmente, voltou a ter a duração de dez semestres (incluindo o curso profissionalizante).

Em março de 1969, a Fundação das Artes passa a ocupar o prédio no qual está instalada até hoje, na Rua Visconde de Inhaúma. No segundo semestre do cita-

do ano, quando é instituída a Escola de Teatro, o número de turmas da Escola de Música aumenta para 14. Neste ano inicial, alguns dos professores são: Nair Romero Matos, Suzy Chagas Botelho, Maria Amália Del Picchia, Moacyr Del Picchia, Guido Bianchi, Paulo Afonso de Moura Ferreira, Eládio Pérez Gonzales, Joaquim Thomas Jayme, Roberto Manzo, Ida Meireles, Pietro Maranca, Walter Pontuscka, José Antonio de Almeida Prado e Rufo Herrera, além dos assistentes Baldur Liesenberg e Silvia Tessuto. Ainda em 1969, a escola recebe do governo da Alemanha uma primeira doação de instrumentos musicais da marca *Orff*, para o curso de musicalização, sendo que alguns deles ainda estão em uso. As doações continuaram a ocorrer por mais alguns anos, incluindo também instrumentos de sopro e de cordas.

Ainda no final de 1969, a Fundação promove seu primeiro festival, chamado *Arte pra Frente*, entre 13 e 20 de outubro, com intensa atividade artística, incluindo apresentações de professores, alunos e grupos convidados. O evento marca o início das atividades do Coral da FASCs, que se apresenta no encerramento do festival, junto da Orquestra de Cordas, composta por professores e alunos. No dia seguinte ao

término do festival, o conhecido maestro Diogo Pacheco inicia um curso de regência coral na instituição. Os pianistas Eda Fiore e Amilson Godoi apresentam-se no auditório da Fundação nos dias 29 de novembro e 6 de dezembro, respectivamente. No ano seguinte, os dois músicos tornam-se professores da casa.

O trabalho da instituição, desde o início bastante intenso e profissional, rende muitos frutos e consolida seu potencial na formação artística. Assim, desde sempre, a Fundação das Artes prepara e encaminha alunos ao meio artístico. Já em setembro de 1969, três pianistas são premiadas no *Concurso Estímulo de Piano*, promovido pelo Conselho Estadual de Música, e o frequente destaque de alunos no cenário artístico atesta a qualidade e seriedade do trabalho realizado. Nos anos subsequentes, muitos são os nomes que se destacam em festivais, concursos, apresentações e como profissionais respeitados no meio artístico. O mesmo acontece com alguns de seus professores mais jovens, como José Eduardo Gramani e Marília Pini, integrantes da Musicâmara, inicialmente técnicos do Laboratório de Desenvolvimento Auditivo, e, mais tarde, docentes da Fundação das Artes.

Gramani, um dos principais nomes do ensino de rítmica do país, desenvolveu na Fasca uma metodologia inovadora, utilizada até hoje nas aulas da Fundação e em muitas outras escolas. Marília, nome de extrema importância no meio musical, atuando principalmente nas áreas de apreciação musical e história da música, e a quem muito a instituição deve por sua dedicação, integrou várias formações orquestrais posteriores à Musicâmara e todos os quartetos e quintetos de cordas formados por professores na história da escola. Além disso, ela sempre esteve presente, sendo a única pessoa envolvida na criação da instituição que ainda continua na ativa. Após 46 anos, você pode encontrá-la ministrando aulas de viola, às quintas-feiras.

Em 1971, estreia, pela Escola de Teatro, a montagem de *A Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente, na qual a parte musical é composta de peças da renascença alemã, com arranjos de Roberto Manzo, executados ao violão por Henrique Pinto, outro grande professor de relevância nacional, que atuava na Fasca desde o ano anterior. A junção de escolas é outra característica da Fundação que, apesar das dificuldades em trabalhos dessa natureza, consegue, ao

longo de sua história, realizar produções de qualidade, com alunos e professores de áreas artísticas diversas.

O período no qual Milton Andrade esteve no comando da escola, compreendido entre a sua oficialização até 1982, é, provavelmente, o mais produtivo da história da escola, e, graças a isso, a instituição consolidou-se como polo cultural da região, produzindo trabalhos de qualidade, com seus grupos de alunos e professores, e promovendo a vinda de artistas renomados.

Dentre muitas personalidades importantes, a Fasca recebeu, somente levando em conta a área musical: o professor Hans-Joachim Koellreutter, para a aula inaugural do segundo semestre de 1970, o violonista Paulinho Nogueira (1971 e 1974), o educador belga, radicado na Suíça, Edgar Willems (1972), o duo de violões de Edelson e Everton Gloeden (1974), o flautista Jean Noel Saghaard (1974), a banda de Nelson Ayres (1974), o pianista e compositor alemão Peter Feuchtwanger (1975), a pianista Eudóxia de Barros (1975 e 1977), o Zimbo Trio (1976), o violonista Sergio Abreu (1977), o também violonista Paulo Bellinati (1977), a cantora Maria Martha (1981) e a Orquestra



Arquivo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Milton Andrade ministrando aula na Fundação das Artes na década de 1970



Arquivo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Carmo Bartoloni regendo o grupo de percussão da Fascs. Foto da década de 1970



Arquivo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Flagrante de apresentação musical no teatro da Fundação, com José Eduardo Gramani (ao violino), Eda Fiori (ao piano) e Marília Pini (à direita). Foto da década de 1970

Sinfônica do Estado de São Paulo, sob a regência de Eleazar de Carvalho, que encerrou a II Semana de Música da Fasca (1982). Além disso, em novembro de 1982, a Fundação promoveu o III Simpósio Internacional de Música Contemporânea, que contou com nomes como os compositores Eduardo Escalante, Jorge Antunes, Carlos Kater e Mario Ficarella, o grupo PIAP, e os pianistas Amaral Vieira e Caio Pagano.

Em 1974, a Fasca edita a revista *artis*, periódico que conta com textos, artigos e análises em arte, que chegou a dez números, publicados entre setembro de 1974 e maio de 1976, e que contou com a colaboração de professores e convidados, sendo alguns ilustres (no número 2, por exemplo, há uma entrevista com H. J. Koellreuter e um artigo de Edino Krieger).

Desde os primeiros momentos da escola, há organismos que se formam, duram certo tempo, por vezes encerram suas atividades, ou mesmo são reativados. Inicialmente, a instituição se empenhou na formação de um coral composto por alunos, do qual saíram também alguns assistentes e professores. Em 1971, contou com uma Orquestra Sinfônica. Um quinteto livre de música de câmara chamado Musicart, formado por Silvia Tessuto, Antonio Rafael dos Santos, Flávio Florence, Gerson Frutuoso (contrabaixista e, ainda, professor da Fasca) e José Eduardo Gramani (curiosamente na bateria, apesar de sua formação como violinista) foi constituído em 1973. No ano seguinte, a instituição montou um Quinteto de Cordas, formado por José Eduardo Gramani, Shinobu Saito, Marília Pini, Maria Elisabeth Guimarães Rosa e Guido Bianchi, que participa do IX Festival de Inverno de Ouro Preto. Roberto Manzo, Carmo Bartoloni e Mario Fernandes formam um trio vocal em 1975 e, no ano seguinte, foi criado um grupo de percussão, dirigido por Carmo Bartoloni (e, mais tarde, por Javier Calvino).

Em 1977, Nelson Ayres é contratado para cuidar da formação de conjuntos musicais, e, em junho do mesmo ano, estreiam o Quarteto de Flautas Doces, a Big Band, o Conjunto Barroco e a Orquestra de Câmara, regida por Flávio Florence (mais tarde, também regida por Lutero Rodrigues e Marcos Pupo Nogueira). Rodrigues também regeria o Coral da Fasca em dezembro de 1977 (e que, em 1981, seria comandado por Paulo Rydlewski).

Em 1978, iniciam-se os trabalhos do Salada Mista, grupo dirigido, inicialmente, por Amilson Godoy, mais tarde por Roberto Sion (professor da Fundação das Artes desde 1977), do qual podiam participar alunos de todos os instrumentos, eruditos ou populares, já que os arranjos eram escritos por seus orientadores, especialmente para a formação que se apresentava. Nesse período, a instituição também contou com excelentes professores, dentre os quais podemos destacar, além dos já citados, Glória Gramani, Jácomo Bartoloni, Ricardo Rizek, Carmen Silvia Garcia, Marisa Lacorte, Ulisses de Castro e Yara Scaglia - os dois últimos até hoje em intensa atividade pedagógica na Fasca.

Em 1983, Milton Andrade é demitido, em um período no qual a escola enfrenta crise financeira e também baixa procura de alunos. Roberto Manzo é nomeado diretor, cargo que ocuparia até 1989, e a escola altera algumas de suas diretrizes a fim de tentar se reerguer. Em 1985, os cursos profissionalizantes são instituídos. Futuro diretor, Antonio Carlos Neves Pinto assume, em 1986, a direção da Big Band e, em 1991, também sob sua direção, é reativada a Orquestra Sinfônica Jovem. Em junho de 1989, começa o trabalho do Quarteto de Cordas (com Marley Chamorro Las Casas Junior, Alberto Labrada, Marília Pini e Alexandre Scoss Nicolai - os dois últimos professores da Fasca até hoje).

Em 1992, o grupo de percussão é reativa-

do pelo professor Sérgio Gomes (que, em 2003, passa a ser comandado por Dinho Gebara). Nos anos seguintes (1993 e 1994), têm início os trabalhos do Quinteto de Sopros (com Gabriela Machado, Fabio Flatschart, José Edgar Rosas Neto, José Ivo da Silva e Mary Macedo Rodrigues - os dois últimos atualmente professores da Fasca), e o coral volta a funcionar sob a regência

de Violinistas, nos dias 10 e 11 de dezembro de 1994. A presença de nomes como Felix Astor, baterista alemão, ou ainda a criação do *Som na Funda*, série de música instrumental coordenada pelo professor Zeíto Martins, também marcam este período de ascensão. Em 1997, durante a gestão de Maribel Marana como diretora-geral, a Orquestra Filarmônica de São Caetano do Sul

Regente Nelson Ayres durante apresentação, na década de 1970. De camisa xadrez, foi identificado Roberto Sion

Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul



de Paola Picherzky (passando a ser conduzido, em 2001, por Laércio Resende, e, em 2002, por Daniel Volpin).

A vinda de artistas e a produção de eventos começam a aumentar após o período de crise, sendo realizado, por exemplo, o I Encontro

é reativada sob a regência de Antonio Carlos Neves Pinto (que assumiria a direção-geral da escola em 1999). Este organismo conseguiu uma produção de relevância, incluindo a gravação de um CD (1998), apresentações no Festival de Inverno de Campos do Jordão e na Sala São Paulo,

e concertos junto a nomes como Iara Bernette, Davi Graton e Eduardo Monteiro (no terreno da música erudita) e Toquinho, Ivan Lins e Gal Costa (no terreno da música popular), dentre muitos outros.

Na sequência, alguns grupos se estabilizam e outros são criados. Assim, a escola ganha suas cameratas de cordas, dirigidas pelos então membros do Quarteto de Cordas Alexandre Scoss Nicolai, Carmem Borba, Enaldo Oliveira e Marília Pini (e, mais tarde, por Dorothéia Gruber e Geraldo Olivieri Jr.). Em 2003, começam as atividades da Orquestra de Violões, dirigida por Paola Picherzky. Ulisses de Castro orienta grupos de alunos em Música de Câmara (e, mais tarde, também Rosimary Parra); Renato Santoro conduz os Combos, grupos de música popular (hoje conduzidos por Ogair Júnior e Rodrigo Braga); José Ivo da Silva orienta o Quarteto de Clarinetas; Fábio Ramazzina dirige o Quarteto de Violões; Patricia Michelini conduz o Grupo de Flautas Doces (atualmente dirigido por Maurílio Silva); e Tatiane Santos lidera o Grupo de Flautas Transversais.

Em 1999 e 2000, a Fundação das Artes promove duas edições do *Concurso Nacional de Piano de São Caetano do Sul*, que obteve bastante êxito ao trazer concorrentes de vários Estados do Brasil, com nível técnico bastante elevado. Entre 1999 e 2005, a Fasca promove sete Festivais de Música, realizados no mês de julho, os quais contaram com a presença de inúmeros professores e especialistas do mais alto gabarito, como

Francisco Formiga, Carmo Barbosa, Lilian Carmona, Edmundo Hora, Osmar Barutti, Fernando Barba, Marco Pereira, José Eduardo Nazário, Carlos Vial, David Castelo, Sidney Molina, Paulo Tiné e Marcos Sadao (o festival voltou a ser produzido em 2013 e 2014). De 2000 a 2002, foram produzidos três Seminários de Educação Musical, os quais também contaram com a participação de grandes nomes na área, como Isa Poncet, Cássia Doninho, Fernando Sardo, Isamara Carvalho, Ilza Joly e Lisbeth Soares.

Em 2009, acontece nova mudança de direção e a Big Band passa a ser coordenada por Sérgio Gomes (e, mais tarde, em 2013, por Ogair Júnior). O Coral sofre uma reformulação e passa a se chamar Coro de Repertório, e conta também com a direção de Maria Cecília de Oliveira. A Orquestra Jovem começa a ser dirigida por Geraldo Olivieri Jr. Esse organismo promove, há quatro anos, o *Prêmio Jovem Solista*, no qual alunos-candidatos são avaliados por uma banca de professores, e os dois primeiros colocados têm a oportunidade de atuar como solistas à frente da orquestra.

Em 2010, é realizada a primeira ópera da escola com produção própria. *Dido e Enéas* contou com as professoras Patrícia Michelini e Maria Cecília de Oliveira no elenco, além da direção cênica de Haydée Figueiredo, fundadora da Escola de Dança da Fundação das Artes na década de 1970. A produção teve ainda a participação do Coro de Repertório e de grupos da Escola de Dança.



Reprodução de imagem do Laboratório de Desenvolvimento Auditivo, publicada no *Diário de São Paulo*, em 26 de setembro de 1970

Arquivo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul
Reprodução/Daniel Volpin

Exemplares da revista *artis*, publicada pela Fundação das Artes entre 1974 e 1976. Em destaque, a edição de número 6

Em 2012, são criados os Grupos de Trompas, sob a orientação dos professores Deusenil Santos e Nikolay Genov, e, no ano seguinte, Valdir Ferreira inicia as atividades com o Grupo de Trombones. Atualmente, a escola tem 60 professores de música e mantém intensa atividade, incluindo a *Mostra de Música*, evento semestral que promove cerca de 25 apresentações por edição, recitais de formaturas de cursos livres e profissionalizantes, e palco aberto aos alunos no projeto *Sextas Musicais*. Além disso, oferece plantões de dúvidas aos seus alunos, por meio dos quais professores atendem individualmente àqueles que têm necessidade de reforço, um programa de apoio e inclusão, que cuida da adaptação de currículo do curso livre para alunos com necessidades específicas (coordenado pelas professoras Lisbeth Soares e Viviane Louro) e grupos de iniciação para alguns instrumentos mais procurados.

Durante as comemorações do aniversário de 45 anos da Fundação das Artes, a mestra Marília Pini afirmou em uma palestra que “todo mundo que passa pelo menos seis meses na Fundação tem sua vida mudada”. Se parece exagero, pergunte a alguém que por lá passou. A Fascs concilia tradição e ousadia, produzindo eventos da mais alta qualidade artística e preparando profissionais para o mercado de trabalho. É hoje uma das principais escolas de São Paulo e do Brasil no que concerne à formação de músicos e artistas, sendo um dos poucos locais no país onde se faz arte mesmo com pessoas que não tenham experiência. Dessa forma, alunos aprendem e praticam um novo

ofício (e, por vezes, fazem dele sua profissão), estabelecem contato com outras linguagens artísticas (até então desconhecidas), convivem com pessoas de realidades muito distintas, e estabelecem relação aluno-professor não apenas acadêmica, mas de companheirismo (algumas vezes até profissionalmente, trabalhando juntos). Assim, além das obrigações acadêmicas, muitos sentem-se em casa, encontram amizades duradouras, e frequentam o prédio em horários extras para estudar, ensaiar, planejar, e assistir apresentações. Uma experiência marcante, lembrada e guardada com carinho. **R**

DANIEL VOLPIN MENEGUELLO
É FORMADO EM REGÊNCIA PELA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (ECA/USP) E LECIONA NA FUNDAÇÃO DAS ARTES DESDE 2000. É COORDENADOR DA ESCOLA DE MÚSICA DA INSTITUIÇÃO DESDE 2012. DESDE 2009, TAMBÉM LECIONA NA EMESP (ESCOLA DE MÚSICA DO ESTADO DE SÃO PAULO) TOM JOBIM.

Mariana Zenaro

Marília Pini:

MAESTRIA E MUSICALIDADE NA EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS

*A música expressa o que não pode ser dito
em palavras e não pode ficar em silêncio.*

(Victor Hugo)



A musicista e professora Marília Pini toca viola na sala onde ministra a disciplina de apreciação musical na Fundação das Artes de São Caetano do Sul, instituição à qual é vinculada desde março de 1971. Foto de 2 de outubro de 2014

Uma musicista, instrumentista de viola, escreveu em 1968 um de seus primeiros artigos para a revista de uma recém-criada escola de música na pequena cidade de São Caetano do Sul. O título do referido texto é *Ouvir, Sentir, Compreender* e nele estão algumas lições primordiais para que o estudante de música desenvolva a acuidade auditiva:

No estudo da música é de grande importância o contato direto ou indireto com a obra musical de todos os gêneros e de todas as épocas. Na maioria dos cursos de música esse contato é geralmente estabelecido através da apreciação musical, uma vez que, mesmo supondo que alunos disponham de condições técnicas suficientes no domínio de determinado instrumento, não poderão isoladamente, ou mesmo através de conjunto, ter acesso, como intérpretes, a todos os gêneros musicais cultivados através dos tempos. Por outro lado, o contato com a manifestação musical viva, através de concertos e recitais, também é difícil, notadamente, em certas regiões mais distantes dos centros culturais. A Apreciação Musical vem a se constituir, portanto, num complemento de grande valia na formação do músico e – porque não – ouvinte. Os aspectos geralmente enfocados dentro da Apreciação Musical giram em torno dos problemas estéticos (gênero, estilo, forma, etc), do conteúdo cromático (timbre dos instrumentos, conjuntos instrumentais, timbre vocal, etc) ou ainda a localização histórica (época em que foi criada, o autor, peculiaridades do momento histórico). Ao lado desses aspectos, sem dúvida importantíssimos para a compreensão da obra musical, procuramos desenvolver outros, principalmente voltados para a percepção de certos elementos estruturais, tais como: tempo, pulsação, compasso, motivos melódicos, motivos rítmicos, frases, funções harmônicas etc, sempre analisados e compreendidos no decurso das audições de uma obra musical. Desse modo, a Apreciação Musical para nós passou a ser matéria prática onde o aluno encontra a possibilidade de aplicar e ampliar os conhecimentos adquiridos em outras áreas, como Estruturação, Rítmica, Percepção. (PINI, 1974, p.6)

A autora do texto reflexivo sobre a educação dos sentidos em torno da música é Marília Pini, que, há mais de 40 anos, é professora da disciplina de apreciação musical e do ensino de viola na Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Hoje, com 77 anos, Marília recorda-se do ambicioso projeto de educação dos sentidos, proposto na criação da instituição, tendo sido ela uma dos responsáveis pela elaboração do estatuto da entidade.

A trajetória profissional de Marília se funde à criação da Fundação das Artes de formação artística, pois ela iniciou suas atividades como técnica na área de percepção auditiva e desenvolvimento da percepção no Laboratório de Desenvolvimento Auditivo e como violista da Orquestra de Cordas de São Caetano do Sul, que remontava à Musicâmara, outro grupo musical à qual foi vinculada.¹ Como musicista, Marília executou centenas de audições no Brasil e no exterior, tendo atuado em inúmeras orquestras de renome e de relevância histórica para a institucionalização e difusão da música erudita no país. Como professora, escreveu para diversas publicações e fez textos críticos para encartes de discos especializados em música erudita. Há 41 anos, leciona para nível superior.

Filha de Mário Pini e de Amália Salaorne Pini, nasceu em 27 de setembro de 1937, no Bairro da Barra Funda, em São Paulo. Seus avós eram imigrantes italianos vindos do Vêneto. O bairro paulista concentrava, nas primeiras décadas do século 20, imigrantes de diversas nacionalidades, inclusive espanhóis e portugueses, mas eram predominantes os italianos. Na região havia também uma grande concentração de indústrias, nas quais estes estrangeiros eram mão

de obra qualificada. Mário Pini exercia o hoje extinto ofício de linotipista². Era um operário do campo da indústria gráfica e editorial. Ela era então uma menina de origem operária, que conheceu a capital paulista como descrita na obra de Antônio de Alcântara Machado *Brás, Bexiga e Barra Funda*, com uma profusão de dialetos e sotaques, em plena industrialização e processo de urbanização, porém ainda com traços de bucolismo, quando era possível pescar lambaris no Rio Tietê.

Ainda criança, encantou-se pela música. Mas não por influência direta da família, que apreciava ouvir ópera no gramofone, embora não houvesse nenhum músico dentre os familiares. Foi Nair Dell'Acqua, amiga de sua prima, que a influenciou fortemente a inclinar-se à paixão e ao exercício da música, quando tinha apenas 11 anos. A garota de 20 e poucos anos tocava violino e encantava a pequena Marília. “Eu ia à igreja, às festas, a todos os lugares onde ela se apresentava, e, invariavelmente, ficava fascinada”, lembra. A jovem violinista resolveu, então, dar-lhe as primeiras aulas do instrumento. “Eu usava o violino da minha instrutora, porque era muito caro e eu não podia ter um individual”, comenta. Marília frequentava a casa da professora várias vezes durante a semana para exercitar-se. E adorava.

Depois de dois anos, quando estava instruindo-se no violino, Nair disse que não tinha mais o que lhe ensinar e que era o momento de começar a tomar aulas com a sua instrutora, muito mais qualificada. A professora era Dora Lobato, violinista do Teatro Municipal de São Paulo, dotada de personalidade instigante, interessante, mulher arrojada e exímia violinista. Porém, estudar com afinco música naquela época era para poucos. Era enorme a dificuldade financeira para pagar uma professora com expertise, e a continuidade nos estudos de violino era incerta.



Arquivo/Marília Pini

Marília Pini, a segunda a partir da esquerda, como violista bolsista na Orquestra Sinfônica Juvenil do Instituto de Arte Contemporânea da Fundação Armando Álvares Penteado. Foto de cerca do final da década de 1950 até metade da década de 1960

Num domingo de 1953, Marília foi assistir a um concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira no Teatro Cultura Artística. O programa se repetiu por muitos outros domingos na companhia da irmã. Em uma das ocasiões, o maestro Eleazar de Carvalho anunciou que o Museu de Arte de São Paulo (MASP) - criado por Assis Chateaubriand, jornalista e empresário, proprietário dos *Diários Associados*, que à época ainda funcionava na Rua 7 de Abril, onde também se sediava o museu - estava planejando formar uma orquestra de jovens para, assim, suprir a demanda de músicos em São Paulo, pois a maioria daqueles que estavam atuando na cidade era de origem estrangeira e, majoritariamente, italiana.

A Orquestra do Teatro Municipal de São Paulo estava se organizando para a comemoração do IV Centenário de São Paulo, efeméride que seria celebrada em 1954. Não era uma tarefa fácil reunir uma quantidade de músicos qualificados para tal evento, quem diria um número que girava em torno de 60 ou 70 membros, mas

Chateaubriand, como homem ousado que era, agregou ao “seu museu de arte” escola de música e orquestra, e convidou, principalmente, os músicos da Orquestra do Teatro Municipal, profissionais que já haviam estudado fora do país, sobretudo na Europa, ou que tivessem tempo considerável de formação no país. A viola estava a cargo do músico alemão Johannes Ölsner. O ambicioso objetivo de Chateaubriand era formar uma orquestra juvenil no município de São Paulo. E, para isso, foram disponibilizadas bolsas de estudos para jovens estudantes, dentre as quais uma se destinava ao aprendizado de viola, sendo que os instrumentos seriam cedidos.

“Era tudo o que eu queria! Eu tocava violino e já havia progredido bastante. Assim, perguntei à minha professora, Dora Lobato, sobre como poderia concorrer à vaga”, recorda Marília. O ministrante do curso de viola era Ölsner, também mestre de sua instrutora. Dora generosamente falou com o professor, que encaminhou a aspirante para a seletiva. O regente da orquestra do MASP era Mário Rossini, muito hábil para lidar com a juventude. Ele havia se fixado no Brasil por força do conflito bélico na Europa, ocorrido entre 1939 e 1945. “Assim, encorajada pela minha professora, participei da prova de seleção para a vaga de bolsista no museu. Eu tinha em torno de 16 anos. O professor Ölsner conversou comigo e solicitou que eu tocasse algumas peças. Fui admitida e a história da minha carreira profissional começou naquele momento”, rememora. Na escola de música de Assis Chateaubriand, Marília ingressou em 1953 e permaneceu até 1956.

“A orquestra do Museu de Arte de São Paulo havia encerrado suas atividades em 1956, e o professor Ölsner conseguiu uma patronesse para financiar meus estudos. Ela era uma senhora de família de origem italiana, muito abastada, da alta sociedade paulista. Era chamada de Nenê

Medici. Financiou minha bolsa de estudos nos Seminários de Música Pró-Arte, que ficou em atividade, em São Paulo, entre os anos 1956 e 1969, mas que ainda é ativo no Rio de Janeiro. Era um instituto de formação superior em música, criado por um imigrante judeu-alemão, foragido em virtude da ascensão do nazismo e da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Ele se chamava Theodor Heuberger, também dono da revista de arquitetura *Casa e Jardim* na época. O diretor deste instituto era Kollreuter, também de origem alemã, aclamado na Europa. Com altíssimo nível de ensino, era uma escola particular e caríssima, que jamais poderia pagar. Eu só conheci a minha patrona ao fim do curso”, complementa.

Assim, ao terminar os estudos nos Seminários de Música Pró-Arte, Marília já havia concluído um ciclo de sua trajetória musical e era necessário pensar no futuro e vislumbrar uma carreira, uma iniciação profissional. Foi em 1960 que obteve a ordem dos músicos, e ingressou, em 1961, na Orquestra de Câmara Municipal de São Paulo (OCSP), uma das mais importantes do país e que obteve várias menções e excelentes avaliações. “Foi minha primeira atuação como musicista profissional”, afirma. Nessa orquestra, Marília excursionou pela Europa, representando o país. Em 1967, saiu da OCSP para integrar a Musicâmara, que originou a primeira Orquestra de Cordas da Fundação das Artes.

Sua atuação na OCSP foi paralela à Orquestra Sinfônica Estadual, de 1964 a 1967, ano do encerramento de suas atividades, e à Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo (1963). “Mas foi na Orquestra de Câmara de São Paulo que eu comecei a definir meu perfil de instrumentista, com música de câmara, e, posteriormente, com a música antiga”, relembra Marília. De 1971 a 1972, foi violista na Orquestra Filarmonica de São Paulo (OFSP), órgão mantido



Marília Pini como violista da Orquestra Sinfônica Juvenil do Instituto de Arte Contemporânea da Fundação Armando Álvares Penteado. Da esquerda para a direita, observam-se ainda: Reinaldo Corte (violino), Omero Bartoli (violino) e músico não identificado (contrabaixo). Foto de cerca de 1957

para a iniciativa privada, e nela fez audições por duas temporadas consecutivas.

Marília Pini assumiu sua primeira função como docente na Fascs em 1969, ministrando a disciplina de apreciação musical e participando de dois organismos que foram importantíssimos para a história da instituição: o Quinteto de Cordas da Fundação das Artes, formado por professores da instituição (1975), e o Quarteto de Cordas (1989), que ficou em atividade por 12 anos, realizando um trabalho de difusão e educação em relação aos instrumentos de cordas. O Quarteto de Cordas se apresentou por diversas ci-

dades do ABC e do interior de São Paulo. Fazia arranjos interessantes, com música popular brasileira e erudita, e levou o nome da escola para o conhecimento do público, conferindo a ela grande renome. O trabalho desse núcleo propiciou ainda um considerável número de alunos na formação em instrumentos de cordas com muita expertise.

Em 1973, Marília foi convidada a ministrar aulas no curso de formação superior da Faculdade Paulista de Música – que, posteriormente, passou a se chamar Faculdade Alcântara Machado (FIAM-FAAM Centro Universitário) e que foi incorporada pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), onde o curso de

prefeitura municipal de são caetano do sul
edniwelter braido - departamento de educação e cultura

FUNDAÇÃO DAS ARTES
apresenta

QUINTETO DE CORDAS

dia 17 de abril de 1975 às 20:30 hs.

LOCAL:
INSTITUTO METODISTA DE ENSINO SUPERIOR - RUDGE RAHOS
SÃO BERNARDO DO CAMPO

PRIMEIRA PARTE

w.s.mozart uma pequena serenata noturna, k. 525

d.brubeck blues rondô a la turk
arranjo de a.rafael c.dos santos

pixinguinha lamento
transcrição de a.rafael c.dos santos
baseado em arranjo de jacob do bandolim

SEGUNDA PARTE

webern, a movimento lento

w.s.mozart divertimento nº 3 em fa maior

Programa do Concerto do Quinteto de Cordas da Fundação das Artes, apresentação realizada no dia 17 de abril de 1975, no Instituto Metodista de Ensino Superior. Era realizada uma série de concertos pela Fundação das Artes em toda a região do ABC e de São Paulo como forma de difusão da cultura musical erudita. Faziam parte do Quinteto de Cordas: José Eduardo Ciocchi Gramani (violino), Shinobu Saito (violino), Marília Pini (viola), Maria Elisabeth B. Guimarães (violoncelo) e Guido Bianchi (contrabaixo)

música está ativo até hoje. Uma boa parte dos professores dessa instituição vem da Fundação das Artes, e muitos alunos da FASCs fizeram sua formação superior nessa faculdade. Outros tantos se formaram pela FAAM e voltaram como docentes para a instituição sul-são-caetanense. Outros ainda fazem os estudos de pós-graduação e voltam para a FAAM. As entidades de ensino superior que mais absorveram ex-alunos da Fundação das Artes são a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e a FIAM-FAAM. Este caso é um demonstrativo de como a FASCs teve e ainda tem um papel fundamental na formação educacional e profissional em música, que se extrapola para além dela mesma. E Marília Pini passou por todo este processo de transformação, formando músicos e indivíduos sensíveis. “A minha relação com o ensino de música é gratificante”, afirma a professora.

Marília enfatiza a missão filosófica do ensino musical proposto na sua trajetória como

josé eduardo ciocchi gramani	violino I
shinobu saito	violino II
marília pini	viola
maria elisabeth b.guimarães	violoncelo
guido bianchi	contrabaixo

docente: “É importante encaminhar os alunos para a prática musical o mais rápido possível, porém sempre dando-lhes subsídios para estudar e desenvolver capacidades sensíveis e criativas. Não é o bastante formar instrumentistas para simplesmente serem tocadores de determinados instrumentos. A música é uma arte muito complexa, completa e profunda. Requer empenho, rigor e obstinação. É uma arte que atua maciçamente na formação sensível dos indivíduos. A música é poderosa para o desenvolvimento da sensibilidade humana e quem diz isso não são os músicos, são os neurocientistas. A matéria-prima básica da música são a altura e o ritmo. As convenções da arte musical nasceram ao longo dos séculos e, é por meio delas, que compositores e músicos organizaram e manipularam essa matéria-prima. Alguns compositores conseguiram efeitos memoráveis ao quebrar ‘regras’, outros, trabalhando criativamente com elas. A música é matemática, física, e requer destreza racional, mas também intuição para poder extrapolá-la. Construir o conhecimento massivamente é um erro, ensinar igualando capacidades distintas pode levar ao aniquilamento de potencialidade, portanto, educar conhecendo as diferenças de cada aluno é um cuidado essencial que o educador deve ter, conciliando sempre o ensino teórico ao prático. Pois cada indivíduo é dotado de capacidades únicas e cabe ao professor encontrar em cada aprendiz um diamante a ser lapidado”.

Marília Pini, integrante do Quarteto de Cordas da Fundação das Artes, em 1989, tocando viola

Em seu artigo para a *artis*, revista da Fundação das Artes, ela ressalta uma preciosa lição que vai além da sala de aula:

Situar a música como linguagem, como comunicação, de preferência não estabelecendo diferenças de valor entre “Música Erudita” e “Música Popular”, evitando-se, assim, a formação de um velho preconceito extremamente negativo. (...) Finalmente, as proposições devem partir sempre do sensorial para o teórico; isto é, deve-se, antes de mais nada, “sentir” a música para depois analisá-la. Com isso, procuramos evitar que os alunos desenvolvam uma audição excessivamente técnica, uma vez que o objetivo final é compreender a obra de arte, sentir sua mensagem. (PINI, 1974, p.6)

Marília Pini é um exemplo de obstinação, de paixão pela música e pelo educar. Mais do que ensinar informações e técnicas, é preciso educar os sentidos. Ouvir, Ver, Pensar, Sentir, Compreender. **R**

Acervo/Marília Pini



Os instrumentos de cordas

A seção de cordas é o maior naipe de uma orquestra e forma seu núcleo; sua voz principal é o violino, instrumento de extraordinário alcance e versatilidade. É dividido em duas seções: primeiros e segundos. Embora as cordas dos violinos, violas, violoncelos e contrabaixos sejam geralmente tangidas com um arco, em outros instrumentos, como a harpa, podem ser dedilhadas (*pizzicato*). A mão esquerda é usada para comprimir as cordas a fim de alterar a duração de sua vibração e, com isso, a altura das notas. Diversos efeitos sonoros podem ser obtidos pela disposição do arco, mais perto ou distante do cavalete; por meio do abafamento ou vibrações do cavalete com o uso de uma surdina; ou pela aplicação de técnicas de arco. A partir do século 19, muitos instrumentos de cordas antigos foram modificados para aumentar o seu volume de projeção sonora. Como instrumento solista, o violino pode soar de modo triste e introspectivo, ou também vivo e vibrante. O som de muitos violinos tocados em uníssono é um verdadeiro deleite.

A viola é somente um pouco maior que o violino em suas dimensões, é o contralto da família dos instrumentos de cordas. Seu timbre é mais rico, grave, cheio e obscuro, sendo afinada uma quinta abaixo do violino. Os instrumentos do tipo da viola, maiores ou menores, foram usados como linhas de tenor e de contralto desde o século 16, tendo ganhado importância no século 18. O violoncelo e o contrabaixo compõem o grupo dos instrumentos de cordas mais graves da orquestra. De modo semelhante ao violino, o timbre expressivo do violoncelo torna-o um instrumento ideal para solos. O contrabaixo tem sua origem em uma outra família de instrumentos de cordas, as violas, a partir das quais foi desenvolvido no século 16. Com aproximadamen-

te 1,8 m de altura, ele pode ser tocado tanto com os dedos em *pizzicato* como com o arco.

O quarteto de cordas clássico data do final do século 18, quando Haydn e Mozart compuseram peças musicais para serem tocadas em salões palaciais. Essa é a razão pela qual também é denominado música de câmara. O quarteto clássico compõe-se de dois violinos, uma viola e um violoncelo.

Concerto de estreia do Quarteto de Cordas da Fundação das Artes, em 5 de agosto de 1989. Da esquerda para a direita: Marley Chamorro Las Casas Junior (violino), Alexandre Scoss Nicolau (violino), Marília Pini (viola) e Fernando Alberto Labrada (violoncelo)

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



NOTAS

¹ A Musicâmara foi fundada em 1964, na Bahia, como orquestra e sociedade de concertos. Reiniciando os trabalhos em São Paulo, em 1966, passou a constituir a Orquestra de Cordas da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, dois anos mais tarde, e de sua escola de música. A orquestra era constituída por Moacyr Del Picchia, José Eduardo Gramani, Tosio Takeda, Reinaldo Couto, Carlos Jurandir, Waldemar Pellegrino (violinos), Baldur Lisenberg, Yoshitane Lukuda, Marília Pini (violetas), Flávio Russo, Nader Tanus (violoncelos), Guido Bianchi (contrabaixo), Joaquim Thomás Jayme (contínuo) e Geraldo Moreno (copista, arquivista e montador).

² O linotipo é uma máquina inventada por Ottmar Mergenthaler, em 1886, que funde em bloco cada linha de caracteres tipográficos, composta de um teclado, como o da máquina de escrever. As matrizes que compõem a linha-bloco descem do magazine onde ficam armazenadas e, por ação do distribuidor, a ele voltam, depois de usadas, para aguardar nova utilização. As três partes distintas — composição, fundição e teclado — ficam unidas em uma mesma máquina. A capacidade de produção é de seis mil a oito mil toques por hora. Esta técnica foi substituída quando surgiram os computadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURROWS, John (Ed.); WIFFEN, Charles; AINSLEY, Robert. *Guia de Música Clássica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006.
CARPEAUX, Otto Maria. *O Livro de ouro da História da Música - Da Idade Média ao Século XX*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
PINI, Marília. *Ouvir, Sentir, Compreender. artis* - Caderno da Fundação das Artes. São Caetano do Sul, n. 0, p.67, 1974.
SOLTI, Georg. *O Mundo Maravilhoso da Música: Arte, História, Instrumentos, Tecnologia*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997.

MARIANA ZENARO

É JORNALISTA E HISTORIADORA, PÓS-GRADUADA EM BENS CULTURAIS PELA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV-SP) E PÓS-GRADUADA EM ARTE: CRÍTICA E CURADORIA PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP). É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Marília Tiveron

Tradição musical aliada à tecnologia



Primera escola do gênero no município a ser reconhecida pela Secretaria de Cultura do Governo do Estado de São Paulo, o Conservatório Musical de São Caetano do Sul está em atividade há 55 anos.

Fundada em agosto de 1959 por Cleusa Elias Corrêa, a instituição iniciou suas atividades com 60 alunos, que, antes disso, recebiam aulas na casa de Cleusa, na Rua Tiradentes. No começo, ela era a única professora e ministrava aulas de teoria, solfejo, harmonia e análise. Nesse período, contou com o apoio do maestro Roberto Manzo, que ficou responsável pelas turmas de solfejo cantado e coral. Com os anos, o Conservatório foi crescendo.

Em 1969, Cleusa vendeu a escola para Abramo Garini a fim de se dedicar ao marido e aos dois filhos. Treze anos depois, retornou no cargo de assistente de direção. Passou novamente a ser proprietária do Conservatório em 1983, posto que ocupou até 2005, quando vendeu a instituição a Patrícia Dias. Até setembro de 2008, Cleusa ainda atuava como professora de matérias teórico-musicais e orientadora do curso técnico em música. Foi, então, que encerrou suas atividades profissionais.

A primeira sede do Conservatório ficava no primeiro andar de um prédio localizado na esquina da Avenida Goiás com a Rua Amazonas. Na década de 1970, por conta das obras de alargamento da avenida, mudou-se para a Rua Manoel Coelho. Tempos depois, foi transferido para a Rua Amazonas. Em 1983, passou a funcionar em outro número nessa mesma via, até que, em maio de 2014, alcançou o tão almejado sonho: a sede própria.

A casa de portão branco e paredes verde-claras pode passar despercebida para aqueles que caminham pela Rua Nossa Senhora de Fátima, na altura do número 598. Mas um olhar atento perceberá o banner com o nome do Conservatório que, por ora, faz as vezes de letreiro. A mudança foi finalizada há apenas alguns meses e, por isso, ainda há ajustes a serem feitos na estrutura do imóvel. Mas nenhum obstáculo tira o otimismo da diretora Patrícia, que comprou a instituição em 2005, mas assumiu a direção, efetivamente, em 2008.

Atualmente, o Conservatório conta com cerca de 280 alunos e 34 professores, que ministram aulas de canto, formação musical e diversos instrumentos, como piano, violão, violoncelo, contrabaixo elétrico e acústico, bateria, viola de arco e caipira, entre outros.

Um dos orgulhos de Patrícia é o curso de musicalização infantil. “Esse é um grande diferencial. Damos ênfase nos instrumentos. São duas horas semanais, sendo 50 minutos de teoria lúdica, 30 de prática no piano, que é um instrumento musicalizador, e, depois, mais meia hora de instrumento complementar.” Ela explica que esta última etapa da aula é fundamental, porque as crianças passam a conhecer um pouco de todos os instrumentos até definirem ao qual irão se de-



Patrícia Dias é a proprietária do Conservatório Musical de São Caetano do Sul

Foto: Antonio Reginaldo Carinhoni (FPVMS)

dicar. “Dentro desse curso, nós também colocamos teatro, desenho, e fazemos apresentações em forma de tema. Por exemplo, se vamos trabalhar o fundo do mar, estudamos o que tem lá e como chegamos até ele”, conta.

A diretora relata que um segundo diferencial do curso de musicalização infantil é a interatividade por meio da tecnologia. “Aqui, utilizamos projeção e piso interativo. Com esses recursos, consigo trabalhar a coordenação motora do aluno até chegar à motricidade fina.” Patrícia também conta que a musicalização desperta interesses diversos nos estudantes, que, em alguns casos, começam estudando um instrumento, mas saem formados em outro.

Vale ressaltar que toda a base dos estudos é erudita e que, após um ano e meio, o aluno opta entre continuar na música clássica ou seguir para a popular. “A linguagem é diferente. O músico popular é mais livre, faz improvisações, já o erudito é mais preso à partitura musical.”

Crianças a partir de 6 meses de idade são aceitas no Conservatório. “A música é importante para tudo. Traz sensibilização, noção espacial, coordenação motora, trabalho em equipe e concentração”, diz.

A interdisciplinaridade é um fator destacado por Patrícia. Ela conta que a arte estabelece relação com demais matérias, como português, matemática, ciências, estudos sociais, ajudando o aluno em seu rendimento escolar. “Por trás de uma partitura, há uma grande complexidade de informações. É onde você encontra física, química, história. E, nas aulas, vamos mostrando isso para os alunos.” E complementa: “A



Aula de canto com o professor Rogério Urquiza, na atual sede do Conservatório, na Rua Nossa Senhora de Fátima. Foto de outubro de 2014

Foto: Antonio Reginaldo Carinhoni (FPVMS)



Edson Carvalho, professor de baixo, posa para foto ao lado de aluno

Foto: Conservatório Musical de São Caetano do Sul



Crianças da Associação Attitude de Artes e Educação, atendidas na sede do Conservatório, durante aula de balé clássico. Foto de 2013

Foto: Conservatório Musical de São Caetano do Sul



Foto: Conservatório Musical de São Caetano do Sul

Diploma de melhor aluno de piano para Cláudia Maria B. Franco com o carimbo da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, do ano de 1965

Formatura das alunas do Conservatório Musical de São Caetano do Sul na década de 1960. A instituição foi fundada em 1959 por Cleusa Elias Corrêa



Arquivo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

criança que inicia cedo na música fica mais concentrada. Além disso, ela vai ficar mais condicionada a terminar tudo aquilo que se propuser a fazer”. Neste ponto, a diretora ressalta a importância do apoio dos pais para o prosseguimento dos estudos. “É necessário criar uma rotina em casa. Pode-se começar com cinco minutos por dia, repetindo determinado trecho da música. Depois de umas semanas, aumenta-se o tempo. Tudo gradativamente. Até a criança sozinha criar o hábito, treinando cerca de 40 minutos diários, que seria o ideal. Não existe ausência de talento, o que existe é disciplina”, afirma.

O curso técnico completo também é um ponto positivo do Conservatório, pois possibilita ao aprendiz dar seus primeiros passos na música até chegar ao curso profissionalizante, no qual obtém diploma reconhecido em todo o território nacional.

O Conservatório Musical de São Caetano do Sul é mantido por meio das mensalidades pagas pelos alunos, que podem escolher por aulas individuais ou em grupo, contudo, Patrícia explica que, após determinado estágio, para melhor rendimento, o aconselhável é seguir sozinho, porque cada estudante requer uma atenção exclusiva.

Desta forma, unindo tradição à tecnologia, o Conservatório certamente seguirá comemorando vários anos de vida. Por ele, mais de 10 mil alunos já passaram. Diversos outros lá estudarão e ganharão o mundo da música, levando consigo o nome de uma das mais importantes instituições sul-são-caetanenses.

Attitude – Na mesma sede do Conservatório, funciona a Associação Attitude de Artes e Educação, instituição pública de direito privado, que

tem como objetivo a defesa e garantia dos direitos humanos de crianças, adolescentes e pessoas da terceira idade. Criada em 2010 por Patrícia, a associação pauta-se pela proteção social e desenvolvimento de potencialidades, oferecendo oportunidade de inclusão na área cultural por meio da música, dança e teatro.

A ideia de abordar a interdisciplinaridade das artes surgiu quando Patrícia, bailarina e pianista de formação, que tem o violino como segundo instrumento, trabalhava com crianças em escolas do Bairro Morumbi, em São Paulo.

Com estudo em diversos campos artísticos, Patrícia foi se aperfeiçoando até criar a associação. A ideia é que, em cada dia da semana, as crianças recebam diferentes ensinamentos: música, balé clássico, teatro e desenho. E que, ao final, haja uma aula vinculando os conteúdos aprendidos. “O projeto ainda não acontece ligando todas as artes, porque é muito difícil fazer isso. Tem que ter o repertório certo. Se vamos dançar *O Lago dos Cisnes*, por exemplo, também vamos desenhar o cenário, estudar a partitura das músicas e interpretar.”

Atualmente, a Attitude atende 82 crianças e adolescentes carentes, com idade entre 4 e 17 anos, de diversas cidades. As classes são em grupo, algumas no período da tarde, outras, à noite, e têm, aproximadamente, duas horas de duração. **R**

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA
CARVALHO, Cristina Toledo de. Regendo lembranças – a trajetória acadêmica e profissional de Cleusa Elias Corrêa. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 38, p. 70-74, dez. 2008.

MARÍLIA TIVERON

É JORNALISTA, PÓS-GRADUANDA EM BENS CULTURAIS PELA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV-SP) E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRO-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Talita Scotá Salvatori

ENTRE BANDAS E FANFARRAS: PRÁTICAS MEMORIAIS EM SÃO CAETANO DO SUL

A BANDA É SOM. MÚSICA. MELODIA. É O RITMO CADENCIADO DAS MARCHAS E DOBRADOS, OU O BREQUE GOSTOSO DE SAMBAS E MAXIXES, OU AINDA O EMBALO DOLENTE DAS VALSAS. E QUE COMPASSA O CORAÇÃO DA GENTE PARA SEGUI-LA PELAS RUAS, OU NOS CHAMA PARA PRAÇA. E AO SOM DAS HARMONIAS CRIADAS POR AQUELES INSTRUMENTOS ÀS VEZES UM POUCO DESAFINADOS, MANEJADOS POR MÃOS DURAS E CALEJADAS, SOMOS TRANSPORTADOS PARA UM ESPAÇO MÁGICO, ONDE AS PESSOAS SORRIEM, SE INTEGRAM, APLAUDEM E SE EMOCIONAM. (GRANJA, 1984: 79-80)'



Banda Marcial da EME Profª Alcina Dantas Feijão em desfile de bandas e fanfarras. Na foto, momento em que passavam em frente ao antigo Paço Municipal, na Av. Goiás, nº 600. Foto do final da década de 1970



Acervo/ Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

De acordo com apontamentos históricos, o conceito de banda nasceu na Grécia e Roma antigas. As bandas que incluíram a marcha em sua execução, conhecidas como bandas marciais, foram popularizadas na antiguidade clássica com o objetivo de disciplinar fisicamente os soldados, não deixando de lado a importância de desenvolver a sensibilidade artística e sentimento de grupo, utilizando a música e o ritmo como ferramentas principais.

A popularização das bandas em países europeus ocorreu com o aperfeiçoamento dos instrumentos e sua grande circulação. Desse modo, durante o século 19, elas se multiplicaram ganhando força e maior receptividade. Esse contexto cultural da Europa também se faz notório em Portugal, fazendo com que as tradições musicais do reino influenciassem a música na América portuguesa. Em 1808, com a vinda da família real para o Brasil e o estabelecimento de um exército nacional, as bandas militares se concretizaram e passaram a contribuir diretamente para o surgimento das bandas civis de caráter moderno no país.²

Os desfiles cívicos foram naturalmente associados à ditadura militar, mas sua popularidade sofreu declínio durante o governo de Getúlio Vargas, o qual se preocupava em enaltecer o patriotismo nas escolas, introduzindo o ensino musical obrigatório, com foco exclusivamente em músicas nacionalistas.

As fanfarras, bandas e agremiações musicais começaram a reaparecer posteriormente ao período do Estado Novo (1937-1945), nos desfiles de 7 de Setembro, dia em que se comemora a Independência do Brasil.

É dentro deste contexto e apropriando-se



Acervo/ Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Banda Marcial de São Caetano do Sul no desfile cívico em comemoração ao dia 7 de Setembro no Anhangabaú, em São Paulo. Foto da década de 1950

Acervo/ Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Fanfarra de São Caetano do Sul nos festejos do IV Centenário da cidade de São Paulo, com seus 50 elementos e baliza, no Vale do Anhangabaú, em 1954. A fanfarra apresentou-se seguida de alunas do Sesi do ABC, carregando 26 bandeiras: Brasileira, Paulista, dos 21 Estados e dos três municípios (Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul). Na foto, os integrantes da fanfarra fazem aquecimento na Praça das Bandeiras antes do desfile

de elementos militares que o ambiente musical criado pelas bandas e fanfarras de São Caetano do Sul remonta à tradição.

O desenvolvimento musical sul-são-caetaneense se deu com a instalação, predominantemente, de famílias italianas na cidade. Já no final do século 19, temos registros do surgimento da Banda Casa de Savóia, dirigida pelo maestro Gioacchino Capocchi, mantida pela Sociedade de Mútuo Socorro Principi di Napoli, e da banda da Sociedade Beneficente Internacional União Operária. Outro grupo que também marcou época foi a Corporação Musical Lyra São Caetano, comandada, a partir de 1936, pelo maestro Eduardo Sasso, que, posteriormente, passou a se dedicar à Corporação Musical São Caetano do Sul, cujos antecedentes históricos remetem, provavelmente, à banda Lyra. Contemporânea à Corporação Musical São Caetano do Sul foi a Corporação Musical Santa Cecília, que tinha como presidente José de Almeida Filho.³

Registros de desfiles de fanfarras começaram a surgir a partir de 1950. Já os de bandas marciais em meados de 1960. Um exemplo é a lei municipal 1.422, de 2 de dezembro de 1965, que determinou a criação de uma banda marcial oficial na cidade.

Algumas das mais tradicionais bandas marciais e fanfarras da cidade das quais se tem registro são: Fanfarra do Tiro de Guerra, Fanfarra da Guarda Infante Juvenil (posteriormente passando a denominar-se Fanfarra dos Patrulheiros Mirins), Fanfarra da Escola Técnica de Comércio de São Caetano do Sul (Instituto de Ensino de São Caetano do Sul), Fanfarra da Escola Estadual Cel. Bonifácio de Carvalho, Fanfarra e Banda Marcial da Escola Municipal de Ensino (EME) Prof^a Alcina Dantas Feijão, entre outras.

É notável e significativo o movimento dessas bandas e fanfarras no cenário musical e artístico da cidade e, para resgatar um pouco dessa história, tivemos oportunidade de conversar com o instrutor

de música da EME Prof^a Alcina Dantas Feijão, Carlos Alberto Ferreira (o Carlão) e com a diretora da escola, Alessandra de Siqueira. Ambos iniciaram e coordenaram o projeto *Bandas e Fanfarras de São Caetano do Sul* no período de 2003 a 2012.

Ferreira conta que entrou para a escola em março de 1984, como instrutor da banda marcial. Contudo, ele ressalta que já está no ramo desde 1982. Criou e coordenou o projeto *Bandas e Fanfarras* durante dez anos em conjunto com Alessandra de Siqueira, a pedido do saudoso ex-prefeito, Luiz Olinto Tortorello. Ele nos diz que, naquela época, destacavam-se três bandas, a Corporação Musical de São Caetano do Sul, sob a regência do maestro Oswaldo Ciotto, a Banda Musical Patrulheiros Mirins e a Banda Marcial do Alcina, mas que existiam também outras corporações menores, que pertenciam a diferentes instituições escolares da cidade.

Ele nos elucida de forma simples a diferença entre banda e fanfarra: “Banda e fanfarra são igualmente corporações musicais, o que as distingue são os tipos dos grupos de instrumentos de sopro (metais) utilizados. Os de fanfarra

são lisos e não têm chave (dependem exclusivamente da vibração dos lábios). Já os de banda, têm chaves, são instrumentos com pistons, que permitem uma maior amplitude de notas musicais. A fanfarra se inicia com alunos do 2º ao 5º anos e a banda marcial, do 6º ano em diante.”⁴

Já Alessandra de Siqueira lembra que entrou na Banda Marcial do Alcina em 1987, ainda aluna. Posteriormente, tornou-se coreógrafa da banda e, atualmente, ocupa o cargo de diretora da escola. “Fomos chamados pelo saudoso Tortorello e, em 2003, iniciamos o projeto *Bandas e Fanfarras*, que atendia todas as escolas públicas de São Caetano do Sul. Ele (*Tortorello*) foi um prefeito que sempre apoiou o trabalho cultural. Foi um visionário e sempre deu tudo o que a gente pedia... Tudo o que sou hoje e tudo o que sei sobre liderança devo à Banda do Alcina!”⁵

Banda esta que tem, ainda hoje, a missão de propiciar a aproximação entre alunos, comunidade e o ambiente escolar, utilizando-o como espaço de lazer e interação entre colegas e professores, além de propor o resgate dos valores

Acervo/ Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Desfile cívico e apresentação dos Patrulheiros Mirins de São Caetano do Sul nas ruas da cidade, na década de 1970. A Fanfarra dos Patrulheiros Mirins de São Caetano, regida atualmente por Egídio Pinheiro, é uma das mais consagradas do município



Arquivo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Corporação Musical de São Caetano do Sul apresentando-se na Rua Visconde de Inhaúma, no Bairro Nova Gerty



Arquivo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Desfile cívico e fanfara do Colégio e Escola Técnica de São Caetano (Instituto de Ensino de São Caetano do Sul), em 1950

Apresentação da Banda Marcial Profª Alcina Dantas Feijão em frente ao antigo Paço Municipal, na Av. Goiás, nº 600. Foto de 1966



Acervo/ Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Acervo/ EME Profª Alcina Dantas Feijão

Linha de frente da Banda Marcial da EME Profª Alcina Dantas Feijão, em concentração para o desfile de 7 de Setembro. Foto da década de 1990

culturais, respeito, amor à pátria, ética, formação moral, refletindo sobre estéticas e valores, e promovendo a inclusão social no seu verdadeiro sentido, respeitando as diferenças e necessidades de cada cidadão.

Após a saída de Carlos Alberto Ferreira e Alessandra de Siqueira, assumiram a coordenação do projeto *Bandas e Fanfarras* o maestro André Ricardo de Souza, a coreógrafa Renata Rainatto e o pianista, tubista e professor Eduardo Viegas Serigatto. Segundo Renata Rainatto, o projeto conta atualmente com 20 corporações, são elas: Banda Marcial EMEF Leandro Klein, Banda Marcial EMEF Ângelo Raphael Pellegrino, Banda Marcial EMEF Elvira Paolilo Braidó, Banda Marcial EMEF Luiz Olinto Tortorello (antiga SEMEF), Corporação Musical EE Profª Yolanda Ascencio, Fanfarra EME Prof. Vicente Bastos, Fanfarra EMEF 28 de Julho, Fanfarra EMEF Anacleto Campanella, Fanfarra EMEF Bartolomeu Bueno da Silva, Fanfarra EMEF Dom Benedito Paulo A. de Souza, Fanfarra EMEF Laura Lopes, Fanfarra EMEF Oswaldo Samuel Massei, Fanfarra EMEF Padre Luiz Capra, Fanfarra EMEF Prof. Décio Machado Gaia, Fanfarra EMEF Prof. Olyntho Voltarelli Filho, Fanfarra EMEF Prof. Rosalvito Cobra, Fanfarra EMEF Profª Eda Mantoanelli, Fanfarra EMEF Senador Flaquer, Fanfarra EMEF Sylvio Romero e Fanfarra EMEFM Oscar Niemeyer.

Há 11 anos em atividade na cidade, o projeto conta com alunos que se destacaram e hoje tocam em orquestras como a Sinfônica Heliópolis, do Instituto Baccarelli. Além disso, algumas bandas já viajaram para diversos municípios, trazendo importantes títulos para a cidade, como o de Campeã Estadual de Bandas e Fanfarras de 2012, conquistado pela Banda Marcial Yolanda Ascencio, umas das mais premiadas de São Caetano.



Corporação Musical Yolanda Ascêncio em desfile pela Av. Presidente Kennedy, em São Caetano do Sul

Homenagem à Banda Marcial da EME Profª Alcina Dantas Feijão

Acervo/ EME Profª Alcina Dantas Feijão



Instrutor musical da Banda Marcial do Alcina há 30 anos, Carlos Alberto Ferreira (o Carlão), e Alessandra de Siqueira, ex-coreógrafa da Banda Marcial do Alcina e atual diretora da escola. Ambos coordenaram o projeto *Bandas e Fanfarras* de São Caetano do Sul por 10 anos

Algumas gerações passaram pela Banda Marcial do Alcina Dantas Feijão!

Cada uma nos fez aprender e evoluir em nosso trabalho. Foram vários momentos e histórias nos quais criamos laços de amizade que, muitas vezes, nos tornaram membros de novas famílias. No 'livro' de nossas vidas, este trabalho só nos rendeu bons frutos. São histórias que não voltam mais, pois foram únicas e especiais, histórias que deixaram um pouco de todos que por aqui passaram.

Obrigado aos que fizeram parte da tão conhecida 'Banda do Alcina', e que, por algum momento, nos permitiram fazer parte de suas vidas!

Alessandra de Siqueira
Carlos Alberto Ferreira

Este projeto atende não apenas os estudantes das escolas, mas também abrange ex-alunos e toda a comunidade local. Para participar, não é necessário saber tocar nenhum instrumento ou dançar, pois são oferecidas aulas gratuitas nas escolas, como as de teoria musical, partituras e outros conceitos a exemplo de ritmo, dinâmica, afinação e princípios de composição coreográfica.

Anos se passaram, mas a forma com que bandas e fanfarras têm se apresentado, mesmo após grandes períodos de transformações e adaptações, ainda mantém sua tradição histórica dentro da realidade escola-aluno-professor. **R**

NOTAS

- ¹ GRANJA, Maria de Fátima. A banda: Som e Magia. Dissertação de Mestrado em Sistema de Comunicação – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.
- ² COSTA, Manuela Areias. Música e história: um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares. *Tempos Históricos* – volume 15 - 1º semestre de 2011, p. 240 - 260.
- ³ Informações extraídas da Agenda Histórica 2012 da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.
- ⁴ Entrevista cedida à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul no dia 20 de outubro de 2014.
- ⁵ Entrevista cedida à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul no dia 03 de outubro de 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES:

Jornal de São Caetano, São Caetano do Sul, ano XXII, nº 1.199, p. 3, 11 nov. 1967.
RAINATTO, Renata. Profissão coreógrafo: histórico e importância. In: *Projetos Bandas e Fanfarras*: Secretaria da Cultura e Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, jun. 2014.

SITES

PATRULHEIROS MIRINS. Disponível em: <<http://patrulheirosmirinsscsul.wordpress.com/banda-musical/>> Acesso em: 23 de out. de 2014.
REVISTA TEMPOS HISTÓRICOS. Disponível em: <<http://revista.unioeste.br/index.php/temphistoricos/article/download/.../428...>> Acesso em: 14 de out. 2014.

TALITA SCOTÁ SALVATORI

É HISTORIADORA FORMADA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Sincronia e sintonia na música

A trajetória de Regina Kinjo pode ser resumida por frutíferas coincidências, somadas a talento, dedicação e muito trabalho. Desde o início da caminhada profissional, três lados de sua identidade despontaram, se complementaram e se fazem presentes até hoje, 30 anos depois: os de cantora de coral, regente e professora.

Logo no primeiro semestre de educação artística, que cursava na Faculdade Marcelo Tupinambá (hoje Faculdade Paulista de Artes), em São Paulo, foi convidada pelos professores para participar do coral da instituição. Apesar da timidez, a vocação e os anos de estudo em música acabaram falando mais alto, e ela aceitou o convite.

O canto até então não havia sido o foco de Regina, que já havia se dedicado ao violão erudito, piano complementar, e flautas doce e transversal, na Fundação das Artes, em São Caetano do Sul. Contudo, não chegou a se formar em nenhum dos instrumentos. Ela também estudou piano popular, com uma professora particular, e violoncelo, na Escola Municipal



Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)

A sul-são-caetanense Regina Kinjo é professora, regente e cantora de coral, e tem cerca de 30 anos de trajetória relacionada à música

de Música, em São Paulo. “Meu interesse por música era tudo. Tudo o que eu escutava, queria fazer”, relembra.

Passou, então, a integrar alguns grupos corais da faculdade. Começou a viajar, participando de encontros e festivais, e conhecendo outros conjuntos. Nesse período, a estudante descobriu que gostava de reger. “Foi aí que escolhi trabalhar com música, porque, até então, a minha intenção era focar na matemática. Durante toda a adolescência, sempre falei que música não dava dinheiro. Mas, nessa época, entendi que era disso que eu gostava”, conta.

Ainda durante a faculdade, indicada por uma amiga, começou a dar aulas de educação artística em uma escola de Mauá. Após analisarem o currículo da recém-contratada, a direção também a convidou para assumir as

aulas de educação musical. Três meses depois, numa sequência de felizes acontecimentos, um terceiro convite foi feito: para que ela criasse o coral infantil da escola. “Fiquei 13 anos no Colégio Monsenhor Alexandre, 12 à frente do coral. Fizemos muitos casamentos, porque, como a escola era do lado da Igreja Matriz, o pessoal nos ouvia cantar e ia até lá pedir para que nos apresentássemos nas cerimônias.”

A partir de então, outra série de importantes coincidências profissionais teve início em sua vida. Em 1993, surgiu a oportunidade de trabalhar na Universidade Livre de Música (ULM), atual Escola de Música do Estado de São Paulo - Tom Jobim, onde continua atuando como professora e coordenadora de canto coral.

Após algum tempo, um professor da ULM soube de uma vaga no Projeto Guri e indicou-a para Regina, que assumiu o posto. Foram três anos trabalhando com jovens infratores no Polo Febem (atual Polo Fundação Casa). “Foi uma época de aprendizado de novos valores”, afirma. Formado o grupo coral, professora e alunos começaram a se apresentar dentro e fora dos muros da instituição. Uma das histórias que a marcaram foi quando cantaram *Azul da cor do mar*, de Tim Maia, em um colégio de São Paulo, e um dos meninos chorou no palco. Ao final da apresentação, Regina foi falar com o adolescente, que explicou que estava emocionado porque era a primeira vez que o aplaudiam na vida. “O projeto de música era uma oportunidade muito boa para eles, porque aprendiam a cantar, a obedecer e a trabalhar em conjunto”, relata.

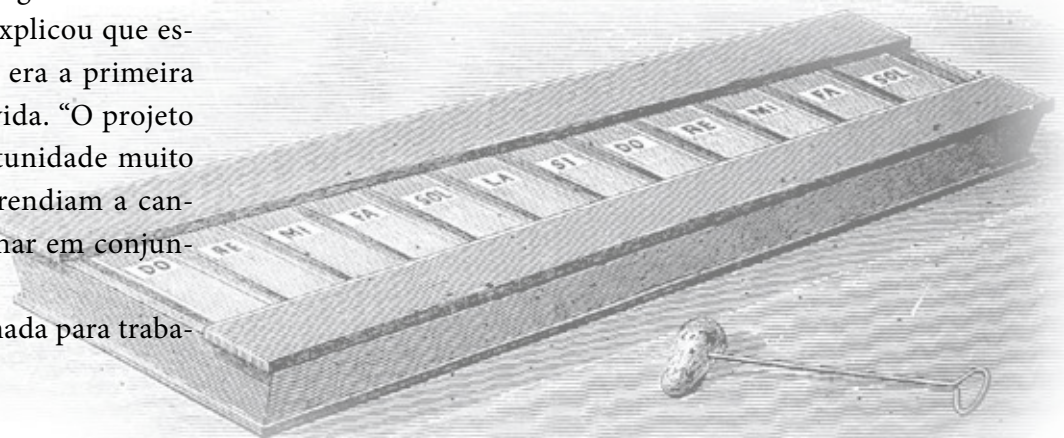
Em 2007, foi chamada para traba-



Apresentação do Coral Pellegrino, de São Caetano do Sul, regido por Regina Kinjo, durante Encontro de Corais Citibank. Foto do final da década de 1990



Coro juvenil da então Universidade Livre de Música posa para foto após se apresentar no desfile da marca Cavalera, durante o São Paulo Fashion Week. Entre as músicas apresentadas, estavam *All You Need Is Love*, dos Beatles, e *Eu Sou Terrível*, de Roberto Carlos. Foto de 2004



lhar no Instituto Baccarelli, instituição sem fins lucrativos, localizada na comunidade de Heliópolis, que tem como missão oferecer formação musical e artística de excelência para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Depois de dirigir turmas iniciantes e intermediárias, atualmente Regina é responsável pela avançada. O grupo já se apresentou em diversos lugares, para públicos variados. “Até para a presidente Dilma, a gente já cantou”, afirma orgulhosa.

Entretanto, Regina também destaca as dificuldades enfrentadas: “Este não é só um trabalho musical, é mais do que ser professor, somos quase pai e mãe. Já vi aluna minha desmaiar, enquanto fazia exercício de respiração, porque estava com fome. Temos de ser exemplo constante para essas crianças, e isso gera outro tipo de desgaste”.

A longa lista de instituições que a maestra trabalha também incluem a Escola Municipal de Música e o Colégio Oshiman, ambos em São Paulo, além do Grupo Madrigal Sempre En Canto, criado por ela, em 1996, a partir do trabalho desenvolvido na ULM. Ela lembra que dois alunos da Universidade estavam interessados em praticar outras canções, além das trabalhadas na sala de aula, e, por isso, recorreram a ela. E, assim, foi formado o Madrigal, que continua em atividade, se apresentando em diversas empresas.

Apesar de ser um trabalho realizado uma vez por mês, Regina também ressalta sua participação no projeto *Vozes da Infância*, que ocorre em João Pessoa (Paraíba). Indicada pelo maestro Elias Moreira no ano passado, ela começou a viajar para a cidade com a missão de ensaiar e montar apresentações para o coral de crianças carentes, que moram em cidades do interior do Estado. “É um projeto muito bonito, porque eles não querem música comercial. Querem canções

de qualidade, que possam transmitir valores. É invejável, porque não temos em São Paulo um trabalho como este, com essa visão abrangente, no qual a criança é o carro-chefe, independente de qual profissional está atuando.”

A trajetória da regente também inclui atuações em São Caetano, onde nasceu. Durante o governo de Luiz Olinto Tortorello, foi convidada para montar o coro infantil da cidade. Os ensaios eram realizados na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Ângelo Raphael Pellegrino e contava com alunos desta e de outras unidades municipais. O trabalho durou três anos e foi interrompido após a morte do ex-prefeito. Regina também teve outra rápida passagem pelo município, desta vez na EMEF Leandro Klein, com o mesmo objetivo. O coro, contudo, foi desfeito pouco tempo depois.

Métodos de ensino – Há quase 30 anos trabalhando com música, Regina desenvolveu práticas de ensino para dialogar de forma mais didática com as crianças em sala de aula. Os métodos são diversos: repetições, exemplos e desconstrução de ideias.

Ela explica que, em uma turma inicial, para poder conhecê-los melhor, não adianta pedir para que cada um cante separadamente. “Adulto vai travar, criança também. E, mesmo se cantarem certo, vão passar vergonha, aí eles não voltam mais.” Em vista disso, Regina canta uma pequena parte e pede para que os alunos repitam. Assim, sucessivamente, até que memorizem todos os trechos e consigam ensaiar uma música inteira em conjunto. “Eu canto o tempo inteiro, para dar mais segurança a eles. Se ficar só olhando, vão perceber que estão sendo avaliados. Depois de ouvirem o resultado, tem gente que fala: ‘Nossa, que legal!’. Pronto. Esta é a primeira resposta positiva”, afirma.

Regina explica que este é o principal

motivo pelo qual prefere trabalhar com turmas maiores. “Dá mais trabalho com relação à disciplina, mas, com o tempo, a gente resolve. Quando se tem poucas crianças, a voz de cada uma fica mais nítida, então elas se acanham.”

A professora também destaca outro artifício que utiliza para deixar as crianças à vontade: “Eu elogio bastante e abertamente para eles se sentirem valorizados. Quando não merecem, fico quieta, também não falo nada negativo. Só depois de estarmos bastante tempo juntos, chamo a criança de lado e converso com ela. Quanto mais valorizado o aluno se sentir, mais ele vai se empenhar e mais rápido virá o resultado”.

Seleção natural – “No coral, existe uma seleção natural. No começo, todos ficam no coral, porque é novidade. Mas têm aqueles que não se encaixam de jeito nenhum. Nem musicalmente, nem por gosto, ou mesmo porque acham cansativo. Porque cantar, cansa. É muita atenção o tempo todo. E tem gente que não se encaixa nesse perfil. Depois de umas três semanas, já sabemos quem realmente quer cantar. E, em pouco tempo, o grupo fica com uma cara mais homogênea”, relata.

Regina destaca que, mesmo aqueles que cantam bem, podem se retirar nesse período de ‘seleção natural’. “Tem gente muito talentosa, que se acha o ‘rei da cocada preta’, e também acaba ficando de escanteio. Então, ou começa a se enturmar ou vai ficar de fora do grupo. O coral é a atividade mais agregadora dentro da música, e exige este respeito com o colega. Quem fala demais ou é muito ‘nariz empinado’ sai naturalmente.”



Grupo Madrigal Sempre En Canto, criado por Regina em 1996, durante apresentação no Tucarena, em São Paulo



Alunos do Projeto Guri ao lado da regente e professora Regina Kinjo, enquanto se preparavam para espetáculo de final de ano

Acervo/Regina Kinjo

Acervo/Regina Kinjo

Ela também ressalta que o ensino musical é uma finalidade a ser atingida a longo prazo, porque o importante, de imediato, é a sociabilização, o respeito, a organização e a movimentação em conjunto que o coral traz para os alunos. “É essencial que eles aprendam a respeitar esse trabalho de sociedade, sabendo que o outro é tão importante quanto você”, diz.

Pais e filhos – Regina afirma que é fácil trabalhar com crianças, basta dizer o que se quer delas. Ela conta que, quando é questionada sobre determinado comportamento, utiliza o método da desconstrução da ideia para mostrar aos alunos o que é errado. Por exemplo, se pede para que eles ajam de alguma forma e eles perguntam por que, ela mostra como seria agir diferente e pedem para que opinem. “Eu mostro que as ações erradas são ruins para nós. E que tudo é a mesma coisa: música, sociedade, matemática, português... Se fizermos a música bem feita uma vez, está resolvido. Se fizermos corretamente a lição de matemática, está resolvido. Respeitar a mãe uma vez basta. Agora, se fizermos a música errada dez vezes, não vai resolver, a matemática, também não. E, se você desrespeitar a sua mãe dez vezes, vai ficar pior ainda. Depois que eles entendem isso, a aula termina até antes.”

Quando questionada sobre a maior dificuldade em se trabalhar com os pequenos, responde prontamente: “Os pais”. “Ao mesmo tempo que são os maiores incentivadores, são também os que mais duvidam.” Depois que os resultados vão surgindo, ela diz que o que mais a anima é o retorno deles. Os pais contam sobre mu-

danças no comportamento das crianças, não só dentro de casa, como também na escola, o que comprova o benefício dos ensinamentos da música na formação pessoal.

Workshops e repertório - Além de professora, regente e cantora de coral, há ainda uma quarta face profissional de Regina: a de palestrante. Ela explica que dá workshops tanto para estudantes quanto para professores. No primeiro caso, ensaia as crianças e ajuda na seleção do repertório. Já no segundo, trata de temas como alunos desafinados, regência, resultado musical, saúde vocal, entre outros.

A maestrina conta que trabalha tanto com música clássica quanto popular, e que, na verdade, não há distância entre elas, pois o que as aproxima é a qualidade. “Infelizmente, ultimamente há músicas de péssimo gosto, sem qualidade. Literariamente, elas não têm nada a oferecer, só palavras. Crianças e adultos acabam ouvindo e repetem esse palavreado, achando normal”, critica.

“Eu tento fazer comparações para que eles entendam. Mas há alguns que dizem que não gostam do tipo de música que eu coloco. Eu aceito que eles continuem ouvindo, mas não dentro da sala de aula, e eles concordam.” Ela afirma que as referências de música popular de qualidade continuam sendo Chico Buarque, Caetano Veloso, Milton Nascimento, entre outros, mas também cita o Falamansa. “Este é um grupo muito bom, com letra, música e história de qualidades”, exemplifica.

E, assim, professora e companheira, amiga e exigente, Regina segue transmitindo sua paixão pela música para as crianças. Afinal, como disse o escritor Victor Hugo, “a música é o verbo do futuro”. **(Marília Tiveron) R**

Priscila Gorzoni

Sons e ruídos da história

“Quando se ouve boa música, fica-se com saudade de algo que nunca se teve e nunca se terá.”
(Samuel Howe)

Os sons impregnados em nosso cotidiano são tão fortes e presentes, que muitas vezes não tomamos consciência deles. A música é nossa companheira diária, nos mais diversos momentos, é também rastro histórico, traço social, memória coletiva e individual. Ela diz muito mais do que se propõe, podendo ser elemento fundamental para se compreender um pensamento histórico, uma forma de vida.

Por isso, não é à toa que a música acompanha a humanidade desde sua origem. A arte rupestre, encontrada em cavernas, indica essa presença ao apresentar figuras que parecem cantar, dançar ou tocar instrumentos.

A presença da música também serve como indício histórico. É o que explica Fábio Vergara Cerqueira, professor associado do departamento de história da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Vergara é também professor permanente do programa de pós-graduação em



história e em memória social e patrimônio cultural, e pesquisador do grupo de pesquisa em musicologia da UFPel.

Desde a antiguidade grega, a música foi um tema que despertou interesse de historiadores e estudiosos. Alegres anedotas ou lendas dramáticas sobre eventos musicais, de passo mítico ou humano, permeavam o pensamento de vários autores em suas remissões ao passado, não somente historiadores, mas também poetas e filósofos. E estas histórias, ou estórias, abordavam bem mais do que simplesmente a narrativa da música ou do músico em si.

A história da música relata que as primeiras civilizações musicais se estabeleceram nas regiões férteis, ao longo das margens de rios da Ásia central, como as aldeias do Vale do Jor-

dão, na Mesopotâmia, e também na Índia, no Egito e na China. A comprovação desses fatos está nas iconografias das regiões, ricas nas representações de instrumentos musicais e nas práticas relacionadas à música. Os primeiros textos referentes a esses grupos apresentam a música como uma atividade ligada à magia, saúde, metafísica e até política, tendo um papel frequente nos rituais religiosos, festas e guerras.

Por outro lado, a percepção de que a música poderia ser um instrumento histórico teria se iniciado com Plutarco, que nos fala da origem dos instrumentos, dos gêneros musicais, sobre músicos e suas obras, e dos valores morais das diferentes formas de expressão musical. “Ele discorre ainda sobre vários aspectos da teoria musical, além de apresentar uma consistência historiográfica com relação ao uso de fontes variadas disponíveis ao seu tempo”, ressalta Vergara.

Atualmente a música pode ser importante instrumento ou fonte para se compreender um tempo, uma sociedade, um momento histórico. Afinal, a música é tida como uma expressão artística que contém um forte poder de comunicação, alcançando ampla dimensão da realidade social. Como explica Vergara, não é só pensar a música, mas as sociedades por meio dela. “Apropriando-me do conceito de Marcel Mauss, diria que a maior vantagem está em estudar a música como um ‘fato social total’, no qual as mais variadas facetas da vida social e cultural estão imbricadas uma nas outras, costurando uma rede de sentidos que permeiam e constituem a cotidianidade humana.”

É esse caminho que as pesquisas de Vergara têm seguido. Ele tem se dedicado, ao longo de mais de uma década, ao estudo da iconografia musical dos gregos antigos. Seus estudos lhe propiciaram gerar uma interpretação, a partir da música, entendida como “fato social total”, de aspectos muito variados da Grécia antiga, como

guerra, religião, gênero, mulher, homoerotismo, esporte, política, educação, trabalho, entre outros. “A impregnação da cultura musical por fenômenos da memória social e das tradições me interessa bastante”, explica.

Vergara vê com olhos positivos as pesquisas que unem história e música. Ele acredita que, nas três últimas décadas, o estudo ganhou novo fôlego, impulsionado pelas possibilidades do conhecimento inter e multidisciplinar. “O interesse por parte de historiadores brasileiros pela música como objeto de pesquisa tem aumentado muito. Entre tantos, devemos lembrar-nos de Marco Napolitano, da Universidade de São Paulo, autor da obra de referência sobre o assunto, *História e Música* (2002).”

As pesquisas sobre música popular e história se tornaram marcantes nos anos de 1920 e 1930, quando Antônio Alcântara Machado, jornalista e escritor brasileiro, coloca o tema em evidência, mais especificamente a canção popular, como constituidora de um acervo importante para se conhecer melhor ou revelar zonas obscuras das histórias dos cotidianos dos segmentos subalternos. Ele diria: “Toda gente sabe: verso e música são as expressões de arte mais próximas do analfabeto. Conjugados, assumem um poder de comunicação que fura a sensibilidade mais dura”.

Com Alcântara, a canção tomaria mais força e se tornaria uma fonte para se compreender certas realidades da cultura popular e desvendar a história de setores da sociedade pouco lembrados pela historiografia. “Pelo viés da história da música popular, muitas pesquisas têm apresentado o Brasil do século 20 desbaratado pela experiência da música popular”, exemplifica o pesquisador da UFPel.

Apesar desses trabalhos, aos olhos do pesquisador da área Daniel Ribeiro Medeiros, músico, educador e pesquisador, bacharel em música pela UFPel, mestre em teoria, criação

musical e estética musical pela Universidade Federal do Paraná, e doutorando em memória social e patrimônio cultural também pela UFPel, as pesquisas nesse campo ainda são raras. Em geral, os trabalhos historiográficos que tratam de desvendar as relações entre história, música e produção do conhecimento enfrentam várias dificuldades. Entre elas, estão dispersão de fontes, desorganização dos arquivos, falta de especialistas e estudos específicos, escassez de apoio institucional, entre outras. Vários autores já apontavam essas dificuldades nos anos 1940, entre eles, Elie Siegmeister: “Estranho que o lugar da música na sociedade e a influência das forças sociais no seu desenvolvimento tenham sido, nesses últimos tempos, tão poucos estudados”.

No Brasil, a situação das pesquisas em torno da música geral e a popular não são tão diferentes e desenvolveram-se de forma desigual. De um lado, a bibliografia se firmou na biografia do músico e, em alguns momentos, na comunidade dela com suas interpretações. Por outro lado, em relação à canção popular, a bibliografia acumula trabalhos sérios de Renato de Almeida, Mário de Andrade, Oneyda Alvarenga, Luís da Câmara Cascudo, entre outros.

Apesar das dificuldades nesse campo de pesquisa, Medeiros segue firme na área. Ele considera a música um elemento fundamental para se compreender a história de uma época, e explica que, do ponto de vista da memória, e, principalmente, de sua transmissão, deve-se ter em mente que a música pode ser vista como uma espécie de “arquivo”, no qual se inscrevem uma série de elementos que possuem significados para um determinado grupo de pessoas. O pesquisador vai mais longe e caracteriza as músicas como produtos que refletem visões de mundo, perspectivas estéticas e posicionamentos políticos.

Medeiros afirma que não podemos esquecer que um determinado tipo de música

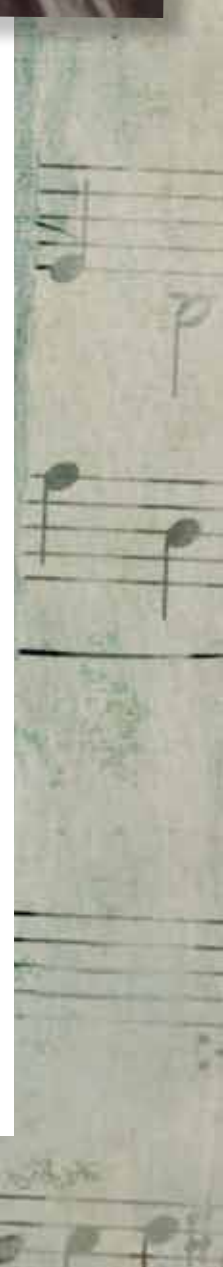


Acervo/Fábio Vergara

reflete uma relação com o meio no qual foi produzida. “Num primeiro momento, não se pode entender, de forma aprofundada, a produção de músicas no contexto do movimento *punk*, ler e compreender suas letras - embora geralmente explícitas, no que tange às mensagens que se quer comunicar - sua sonoridade, performance, visualidade, sem entender o contexto social, econômico, cultural da Inglaterra no final de 1970.”

É importante lembrar que a música é um objeto para a compreensão histórica, e, portanto, produzido pelas culturas e nas culturas. Ele explica que, do ponto de vista da lembrança, a música pode fazer emergir memórias fortemente atreladas às experiências musicais (sejam performáticas ou não).

Fábio Vergara (à esquerda) ao lado do arqueólogo e musicólogo Stephan Hagen, da Academia de Ciências da Áustria, responsável pela reconstituição desta *kithara* grega, que era o instrumento de Apolo e dos grande citaredos que se apresentavam nos concertos



O primeiro contato de Medeiros, que é músico, com a pesquisa na área ocorreu no mestrado. Em sua dissertação, analisou a obra de um violonista/compositor da cidade de Pelotas. “Pesquisei dentro do processo de análise musical, no qual são observados detalhes estilísticos da obra do autor em uma perspectiva comparativa com a obra para violão de outros compositores, tais como Villa-Lobos e Baden Powell. A música foi trabalhada historicamente, por meio da observação da ressonância de processos e características comuns. Essa é uma perspectiva da análise musical, dentro da musicologia, que lida não com a construção de uma história propriamente dita, mas sim com a observação de uma obra, suas características musicais, com viés histórico”, explica.



Pesquisador Daniel Ribeiro Medeiros: “As pesquisas no campo da música são raras”

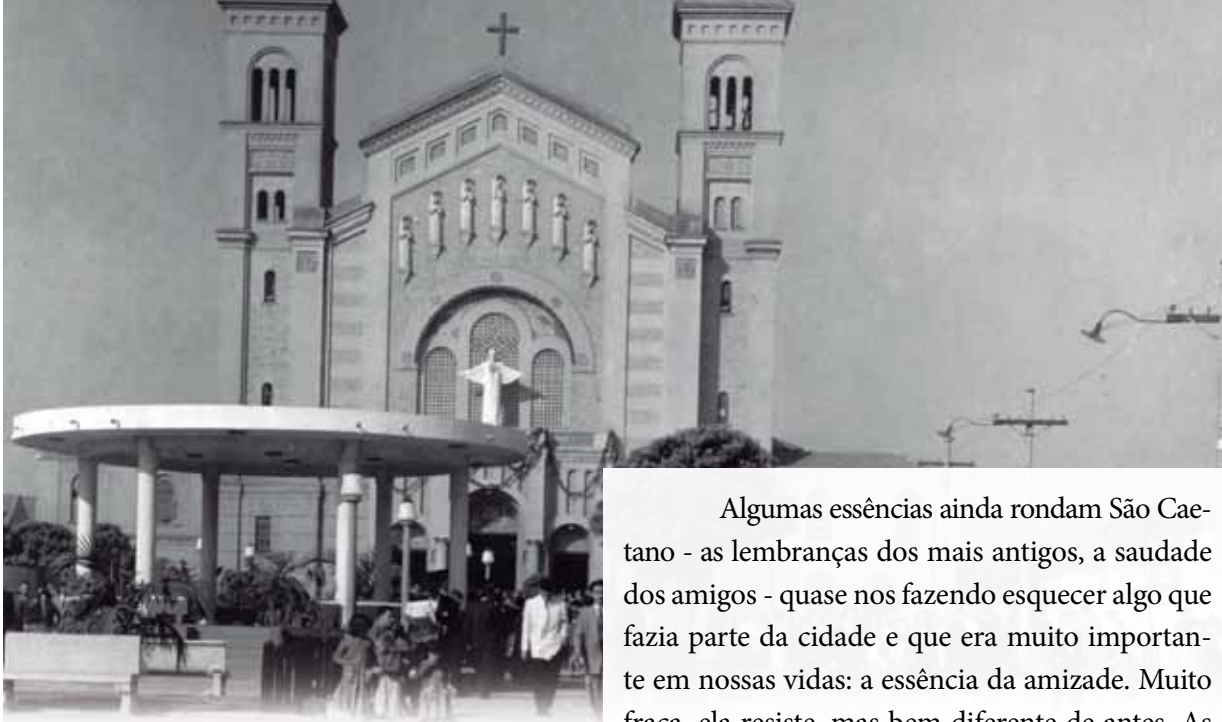
“O método básico usado foi o comparativo. Fiz uma análise musical de obras, a partir de uma série de categorias estruturais/funcionais, e sua comparação com categorias semelhantes na obra de outros autores. Foi realizada uma análise dos conteúdos das reportagens, divulgação de concertos e críticas, para reflexão acerca de como a imagem do *performer* era construída pelos veículos de comunicação na época, e de como, em termos de conjectura, essa relação poderia refletir na relação entre *performer* e público”, afirma.

Em relação à pesquisa, o músico indica que se deve buscar compreender como a música está inserida na vida das pessoas e quais os usos são feitos dela. Outro ponto a ser considerado é como a música está inserida na cultura de uma

determinada comunidade. Depois, é importante buscar identificar que mensagens ou discursos são articulados por ela. “Não se deve observar a música e seus componentes isolados da cultura, à qual determinada música está vinculada. Os discursos que ela (*a música*) carrega possuem sentidos e significados na medida em que os colocamos no contexto da cultura”, finaliza. **R**

PRISCILA GORZONI

É JORNALISTA, PESQUISADORA E HISTORIADORA. FORMADA EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, COM FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. TEM ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS E ARTES PELO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP E É MESTRE EM HISTÓRIA PELA PUC-SP. ATUALMENTE É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.



Leonilda Verticchio _____

A voz de Deus

São Caetano do Sul sempre acompanhou as mudanças de um mundo novo. Em todos os tempos, houve renovações de ideais, costumes e comportamentos, sendo cultivados o progresso material, a ascensão social e a inteligência livre e aberta.

Daquela São Caetano, daquele grupo de imigrantes italianos, obrigados a deixar sua pátria, trazendo apenas esperança e fé, só nos resta a essência... Uma linha fina, tênue, quase invisível, que nos liga ao passado.

Essência é o que resta daquilo que não morre inteiramente, o perfume que fica no frasco depois de muito tempo, uma flor seca guardada dentro de um livro de páginas amareladas, um bilhete dobrado que pedia um encontro que nunca aconteceu, em letras quase apagadas...

Algumas essências ainda rondam São Caetano - as lembranças dos mais antigos, a saudade dos amigos - quase nos fazendo esquecer algo que fazia parte da cidade e que era muito importante em nossas vidas: a essência da amizade. Muito fraca, ela resiste, mas bem diferente de antes. As famílias com muitos filhos, obrigadas a deixar o trabalho nas fazendas do Estado, chegavam nessas terras sem profissão. Assim sendo, procuravam casas junto a outras famílias com as mesmas dificuldades. A amizade entre as crianças era passada aos pais, que se sentiam amigos e acabavam se tornando, em muitos casos, compadres.

Além disso, hoje também nos falta a “voz de Deus”, em horas marcadas, com seu som forte, bonito, espaçado e badalado. De manhã, sempre às 5h e 6h, era ela que acordava as famílias e acompanhava os trabalhadores, que iam rápidos para as fábricas ou para a estação de trem.

Aqueles que seguiam para as Indústrias Matarazzo eram recepcionados pela “voz de Deus” da Igreja São Caetano, no Bairro da Fundação. Para nós, crianças, o sino não só era um chamado para a missa e para as aulas de catecismo. O seu badalar das 15h era muito esperado.

Algumas crianças saíam da escola às 14h, já com fome. Como não podíamos levar lanche, porque sujava a classe, nem sair para beber água, voltávamos salivando o café que a mãe fazia e que, com sorte, já estaria pronto quando chegássemos. Ao pedir, eu sempre obtinha a mesma resposta: “Já vai! Ainda não bateu 15h! Estou com o tanque cheio de roupa para lavar!”. Este

Fiéis na Praça Cardeal Arcoverde, após uma missa celebrada na Paróquia Sagrada Família, em 1956

sino era badalado pela Igreja Matriz Sagrada Família, o mais próximo de nossa casa. Só após o sinal sonoro, podia então tomar o café, não sem antes atender ao pedido de minha mãe para tirar o uniforme escolar.

Às 18h, novamente o sino tocava bonito e espaçado. Todos os outros o acompanhavam, mas esse era o mais forte, o mais sonoro. Era como se juntassem as vozes para dizer que o dia estava terminando, que era hora de pedir perdão pelas palavras ruins e rezar uma Ave Maria.

Depois disso, já não podíamos voltar a brincar na rua, pois pais e irmãos chegariam do trabalho. Esta era a hora de toda a família se reunir à mesa, em torno de uma panela com sopa de caldo de feijão. Era mais um dia que terminava com a esperança de tempos melhores.

Ainda me lembro da missa das 10h, aos domingos, na Igreja Matriz Sagrada Família! Se o sino tivesse olhos, do alto do seu campanário, pensaria que a praça era um jardim. As moças iam à missa com seus melhores vestidos, sapatos de salto alto, meias de seda e cabelos caprichosamente penteados.

Mais tarde, copiando a moda de filmes norte-americanos, veio a saia godê, bem rodada, com saíotes engomados e a cintura fininha. As jovens pareciam buquês de flores passeando pela praça. Muitos rapazes também compareciam à missa das 10h, todos bem trajados, com terno completo, camisa, gravata, sapatos brilhando, e cabelos iguais aos galãs de cinema.

Na igreja, as mulheres ocupavam os bancos do lado direito, e os homens, os do lado esquerdo. O que não impedia que, com um olhar, surgisse um convite para que as moças fossem acompanhadas na saída da missa. Diversos namoros, iniciados nesta ocasião, foram mais tarde abençoados pelos padres da mesma igreja.

Fé - Muitos séculos antes deste tempo, na Europa, e talvez em outros tantos lugares do mundo,

Moradores em frente à Igreja Matriz Sagrada Família na década de 1940



eram de grande ajuda os sinos das capelas dos povoados, pois eles eram a única comunicação com as pessoas que trabalhavam nos campos.

Naquela imensidão, onde se podia plantar e colher, os trabalhadores tinham de percorrer longas distâncias, pois as terras próximas das aldeias eram pedregosas. Por isso, só o soar dos sinos conseguia levar um aviso para aqueles que estavam espalhados por vales e montanhas.

Ao ouvir os badalos, todos paravam os trabalhos e, atentos, entendiam pelo som a alegria do nascimento de uma criança, a tristeza de um falecimento, o alerta para uma provável nevasca ou para uma tempestade que se formava, ou mesmo para um incêndio no trigal. Para aquele povo, só a “voz de Deus” poderia vir de tão longe. Movidos pela fé, eles assim pensavam quando ouviam o som distante.

Hoje os sinos não precisam badalar em ritmo compassado ou rápido, alegre ou triste, pois avisos e mensagens têm outros meios de serem enviados. No início eram os sacerdotes que, do chão, puxavam as cordas presas no sino, provocando o toque. Hoje em dia os padres não mais dispõem tanto esforço para transmitir mensagens. Nestes novos tempos, os sacerdotes perderam seu posto de alerta máximo para um dedo no botão eletrônico, e o som não parece mais ser a “voz de Deus”. Mas os sinos, mesmo calados em seus campanários, ainda exalam a essência divina. **R**

LEONILDA VERTICCHIO
É MEMORIALISTA.

PAIXÃO movida à gasolina



Bisnetos de Amadeu Vezaro e filhos de Edward Marcolino e Leonor Romero Marcolino, os irmãos Edward e Reinaldo, nascidos em 29 de agosto de 1960 e em 6 de janeiro de 1963, respectivamente, são dois sul-são-caetanenses apaixonados por carros, especialmente pelos antigos.

Esta história de amor teve início quando ainda eram pequenos, bastante por influência do avô paterno, que era caminhoneiro e trabalhou na Brasmotor, importadora e revendedora das marcas Dodge, Chrysler, DeSoto, Plymouth, Fargo e Volkswagen no Brasil. Edward, pai dos meninos, também atuou na área automobilística, em montadoras como Ford, Vemag e Volkswagen. Um episódio marcou a infância dos meninos, durante a qual os automóveis se fizeram tão presentes: “Eu e meu irmão ganhamos um autorama em 1970. Ficávamos tanto tempo brincando que, se meu pai não desligasse o equipamento, ele quase queimava”, relata Reinaldo, conhecido como Mancha.

Aos 19 anos, Edward começou a trabalhar no departamento de veículos usados de uma concessionária na cidade. “Lembro que visitava o pátio da loja e adorava o cheiro dos carros no-

vos”, conta Reinaldo. Mais tarde, o irmão mais velho passou a trabalhar na Palácio Automóveis, de propriedade de Luiz Carlos Be-



Acervo/Reinaldo Marcolino

navente. Com o fechamento da loja, Edward foi transferido para a Bena Automóveis, do mesmo proprietário, localizada na esquina da Avenida Goiás com a Rua Manoel Coelho.

Neste período, no início da década de 1980, Reinaldo era office-boy de um banco,

Visão da entrada e do pátio da Street Car, que ficava na Avenida Goiás, nº 1.424, em imagem de 1984. Vemos, à esquerda, um Oldsmobile azul de 1961 e um Chevrolet Suburban, de 1952. À direita, destaque para duas Mercedes 220S, dos anos de 1965 (à frente) e 1962



Exemplar de um Dodge Polara, de 1965, que pertenceu à Marinha dos Estados Unidos, em exposição na Street Car. Foto da década de 1980

mas Edward, sabendo do descontentamento do irmão no emprego, o convidou para trabalhar com o comércio de veículos. Mancha aceitou a proposta e começou em outra unidade das lojas de Benavente, agora na Avenida Goiás, esquina com a Rua Oswaldo Cruz.

Os apelidos dos irmãos vêm desta época. Com eles, na Bena Automóveis, trabalhavam o polidor Milton (Ico), Sérgio Munhoz e Sampaio, que adorava colocar apelido em todo mundo. Munhoz virou “Dr. Chapinha” e Edward, por ter uma pinta no rosto, ficou conhecido como “Pintinha”. Reinaldo, por sua vez, começou a ser chamado de “Mancha”. “Eu ficava no espelho procurando a tal da mancha e nada. Perguntei tanto ao Sampaio, que um dia ele me contou: ‘O Edward não é o Pintinha? E você não é mais alto que ele?’

Antes de abrirem uma loja própria de carros antigos, os irmãos Marcolino já eram apaixonados pelos clássicos. Na foto, reunião com amigos na residência de parentes de Luiz Carlos De Nardi, que ficava na Rua Wenceslau Brás. A partir da esquerda, vemos: Alemãozinho, Moacir Mazzaro, Edward (de blusa vinho), Reinaldo (de blusa preta com a letra M em vermelho) e Luiz Carlos De Nardi. Eles estão em volta de um Chevrolet Delray 1958. Na rua, estão estacionados um Chevrolet Bel Air 1957, à esquerda, e um Bel Air 1958, com motor de Dodge

Então, uma pinta grande é uma mancha!”

Pouco tempo depois, já em 1984, os dois irmãos e o sócio Francisco Zafra Carrasco montaram uma loja para compra e venda de carros antigos na Avenida Goiás, nº 1.424. E foi assim que começou a história da Street Car. Quem passava pela avenida, ficava admirando os belos e clássicos modelos de veículos expostos no pátio, que chamavam a atenção pelo estado de conservação e pela extravagância de seus designs. Muitos “espectadores” acabaram virando clientes.

Dois exemplares do Dodge Polara, na cor branca e com motor V8, passaram pelo estabelecimento. Outro destaque foi um Oldsmobile Holiday azul, modelo 88, do ano de 1961, além de outro do mesmo modelo, mas fabricado em 1961, uma raridade. A loja vendia cerca de dez carros por mês. Eram Opalas, Chevettes, Mavericks, Mustangs, Cadillacs, Camaros e tantos outros.

Este Chevrolet Bel Air 1956, com motor V8, que aparece em foto de 1985, era o xodó dos irmãos Marcolino. O veículo foi vendido em 1989



Acervo/Reinaldo Marcolino

Os irmãos Reinaldo e Edward, ao lado de um Cadillac Hardtop Sedan 1960, em foto de 1989

Acervo/Reinaldo Marcolino



Reinaldo no pátio da loja, em 1984, com um Chevrolet Suburban 1952

Acervo/Reinaldo Marcolino



E foi neste clima, que unia o útil ao agradável, já que os irmãos ganhavam dinheiro trabalhando com o que mais gostavam, que a Street Car funcionou na Avenida Goiás até 1987. O trabalho diário incluía passear com as “barcas” e arrancar suspiros por onde passavam. A paixão era tanta que, em 1987, Reinaldo fez uma tatuagem de um Cadillac 1950 no antebraço.

Em busca de uma localização com maior movimento, no ano seguinte, Edward e Reinaldo abriram a Boxe Automóveis, na Avenida Nazaré,

no Bairro do Ipiranga, em São Paulo, que fechou as portas em 1996.

Apesar de não comercializarem mais carros antigos, os dois irmãos continuam sendo antigomobilistas assumidos, mantendo algumas relíquias muito bem preservadas em suas coleções pessoais. **R**

Informações transmitidas por Reinaldo Marcolino, com organização de Paula Fiorotti.

Ala Voloshyn _____

Família Voloshyn em São Caetano do Sul



Tenho uma história para contar. É a da minha família, e confesso que não é muito simples fazê-lo. É um núcleo complexo, mais parece uma colcha de retalhos, no qual cada pedaço conta um pouco do tanto já vivido.

Sou de origem ucraniana, costume dizer que sou matéria-prima importada de fabricação nacional. A minha primeira língua foi o ucraniano. Aprendi na rua, brincando com meus amiguinhos. O segundo idioma, o português. Por muito tempo, sentia-me estrangeira por ter crescido em ambiente muito diferente daquele que observava na casa de meus vizinhos. Hoje, me considero brasileira, o Brasil é minha terra, onde nasceram meus filhos. Gosto muito disto,

Casamento de
Maria e Volodymyr,
realizado em
novembro de 1955

deste povo de várias origens, que torna o país rico e versátil.

A família Voloshyn é fruto da união dos ucranianos Maria Deckij e Volodymyr Voloshyn. Ela nasceu em 2 de outubro de 1930, em Poltava, e ele, em Kharkov (Carcóvia), no dia 19 de dezembro do mesmo ano. Até a guerra chegar para eles, viveram uma infância feliz, mas que, por volta de seus 10 anos de idade, se transformou completamente. A vida não mais seguia um curso alegre, mas de resistências e luta pela sobrevivência.

Quem nunca viveu um conflito tão grande e desumano como a guerra, não pode avaliar o grau de impacto que causa em um ser humano, principalmente em uma criança. Eles sobreviveram, sim, mas somente hoje consigo entender alguns comportamentos de extrema defesa e temor por tudo que pareça uma ameaça à integridade pessoal. Somente hoje entendo a importância para esses dois estrangeiros, que chegaram ao Brasil machucados internamente pela violência, de um abrigo, de uma comunidade, de um país sem guerra. Somente hoje compreendo a relevância que representa a casa própria, que acaba se transformando em

uma fortaleza de proteção.

Ambos chegaram ao Brasil em 1949, vindos em um navio com muitos outros estrangeiros, em busca de uma nova vida. Desembarcaram na Ilha das Flores, no Rio de Janeiro. Os imigrantes receberam ajuda de custo do governo brasileiro até conseguirem se estabelecer. Minha mãe veio com sua família, que somava cinco pessoas. Seus pais, Anna e Paniko, ela e dois irmãos, Alexandre e Nicola, então re-



Acervo/Ala Voloshyn

cém-nascido, partiram, depois de um tempo, para São Paulo e começaram uma nova jornada na cidade de Osasco.

Já meu pai, veio acompanhado por meus avós, Catarina e Ivan, e mais uma irmã, Eugênia. Eles partiram para o Paraná e se estabeleceram em Ponta Grossa. A irmã mais velha de meu pai, Lhuba, foi separada da família na Ucrânia e depois partiu para a Alema-

nia. Desde então, nunca mais a viram. Após algum tempo, ela retornou à Ucrânia, e hoje conversam via internet, mas, durante um longo período, se correspondiam apenas por meio de cartas.

Minha mãe conseguiu emprego numa fábrica de rádio para automóveis, a Telespark, e sua vida seguia em progresso. Meu pai, no Paraná, trabalhava numa oficina mecânica. Lá, aprendeu muito do ofício, contudo seu sonho era vir para São

Paulo “para ficar rico”, como costuma dizer. E assim fez, por volta de 1953. Logo após se instalar, conseguiu emprego na empresa Fichet, e, dedicado trabalhador, foi crescendo e a vida melhorando. Sua história em São Caetano do Sul começa nesse ponto, pois sua irmã Eugênia já morava na cidade com

seu marido, sogros e um filho pequeno, Misha, e meu pai se hospedava em sua casa. Como todo estrangeiro, procurou estar perto dos familiares. Aqui, já havia outros ucranianos, que haviam se juntado em uma numerosa comunidade.

A vida prosseguia em ascensão para Maria e Volodymyr, até que, lá pelos anos de 1954, se encontraram em um salão de baile alugado por

A casa da família Voloshyn ainda em construção, em 1956. Na frente estão Maria e sua filha Ala

ucranianos, na Rua Santa Catarina, no centro de São Caetano, onde semanalmente a comunidade se reunia para dançar madrugada afora. Desse momento em diante, nunca mais se separaram. Em novembro de 1955, se casaram e vieram morar na Alameda Conde de Porto Alegre, no Bairro Santa Maria.

Para construir sua casa, um pouco antes, em 1954, meu pai comprou um terreno, que deveria ser grande, pois tinha a ideia de construir nos fundos uma oficina mecânica, para trabalhar à noite, após o expediente na Ford do Brasil, que funcionava no Bairro do Ipiranga, em São Paulo. Fato que nunca chegou a ocorrer, pois minha mãe, por insegurança, não o estimulou a ter um negócio próprio, pois acreditava que trabalhar numa indústria era mais seguro.

A casa foi construída por um mutirão que acontecia todos os finais de semana. Amigos patricios se reuniam e ajudavam quem precisasse. E, num esforço conjunto, surgiu a sonhada casa de Maria e Volodymyr, que ainda não estava completamente pronta quando se casaram. Isso porque meu pai não queria esperar mais um ano para subir ao altar, recusava-se a se casar em ano bissexto (1956). Ele só não imaginava que sua filha nasceria exatamente nesse ano bissexto, eu!

Quando se mudaram, a casa tinha reboque apenas por dentro, o piso ainda era de cimento, sem nenhum revestimento. Os móveis se resumiam a um guarda-roupa, uma cama de molas e um colchão de algodão duro, tudo comprado em um brechó. Uma espiriteira fazia as vezes de fogão. O enxoval de minha mãe era

guardado em caixas. Não havia luz elétrica, nem água encanada, mas um poço resolvia o problema, pelo menos naquele momento. A privada ficava do lado de fora, mas havia uma banheira dentro de casa, que durou anos. Era nela que tomavam banho, com água aquecida em um fogão bem simples, que adquiriram depois. Os vizinhos eram pouquíssimos, mas tudo caminhava bem, pois a residência já os abrigava, e até pão podia ser assado num forno feito no quintal, nos moldes daqueles que minhas avós tinham.

Minha mãe logo ficou grávida e os sacrifícios aumentaram. Ela e meu pai seguiam a pé, todas as manhãs, até a estação de trem de Utinga. Enfrentavam o trem lotado para o trabalho. Meu pai me conta que os vagões tinham apenas uma porta e que era comum pessoas entrarem pelas janelas, o que era difícil, especialmente para minha mãe, com a barriga cada vez maior.

Em agosto de 1956, eu nasci e ela precisou parar de trabalhar, pois não havia quem pudesse cuidar de mim. Estou certa que

foi um grande sacrifício, pois ela gostava muito de seu trabalho e da condição financeira que tinha. Em dezembro de 1958, nasceu meu irmão, Jorge. Ambos nascemos em casa, eu, nas mãos de uma parteira, já meu irmão veio ao mundo com a ajuda do doutor Cícero Carneiro. Minha mãe temia que nascêssemos em hospital, pois tinha medo que lhe roubassem os filhos.

Crescíamos em meio a terra, árvores, flores, mato, galinhas, bichos de estimação e muito, mas muito espaço, para correr, subir em árvores e cair delas, cortar o pé em cacos de vidro mimetizados no mato que crescia em torno de casa.

Volodymyr, Ala, Maria e Jorge (em seu colo) em foto do final da década de 1950



Acervo/Ala Voloshyn

Fazíamos cabanas para, no final da tarde, comer um lanchinho ou nos abrigar da chuva. Adorava estar num campo pertinho de casa, observando a vegetação, as flores com suas variadas cores, formas e perfumes, as quais colhia as mais bonitas para enfeitar a cozinha. Eu e meu irmão nos divertíamos num carrinho de rolimãs, utilizado para descer uma ladeira de terra toda acidentada, em alta velocidade, eu, na garupa e ele, no controle. Era bom demais!

A escola ficava perto de casa, mas precisávamos atravessar um morro para chegar e, não raro, encontrávamos cavalos pastando, às vezes um boi esquisito, cabras ciumentas e gatos perdidos. Até hoje, me lembro do chocolate quente, servido numa caneca de metal, da escola Professor Décio Machado Gaia. Eu era feliz e não sabia!

Tudo melhorava. A casa, os vizinhos aumentavam cada vez mais, assim como cresciam a rede de esgoto, o asfalto, e surgiam a padaria, a farmácia, entre outros estabelecimentos. Todos os sábados, íamos à casa de um patrício assistir à televisão em branco e preto. Era uma sensação! O primeiro carro que meus pais conseguiram comprar foi uma vitória e tanto, era um Simca Chambord, lindo! O telefone veio bem depois, lá pelos meados dos anos 1970. Como era muito xereta, fui a primeira a perceber que a linha tinha sido ligada.

Foram feitos grandes esforços para que não nos faltasse nada. Meu pai continuava trabalhando na Ford e minha mãe, cuidando da família. Eu e meu irmão seguíamos estudando. Frequentávamos então a Escola Vocacional Santa Maria. Havia muito papo-cabeça, diversas matérias, e eu me sentia feliz. Até que um dia, depois das férias, quando começaria o terceiro ano do ginásio (hoje oitava série do ensino fundamental), ao chegar à escola, percebemos um silêncio mortal. Os militares haviam passado pelo local e, além de prenderem

alguns professores, recolheram todo material pedagógico. Para os alunos, restaram alguns professores abnegados e a tarefa de acelerar os estudos para nos adaptarmos ao que havia de mais comum naquela época. A situação foi triste e injusta para os olhos de uma adolescente que adorava tudo aquilo! Em seguida, fui estudar na Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho e, meu irmão, na ETEC Lauro Gomes, em São Bernardo do Campo.

Se olharmos para trás, fica fácil perceber o quanto esta cidade cresceu e o quanto nós crescemos com ela, mas nem tudo são flores. Muitos conflitos internos e externos também foram vividos. No começo da minha história, citei a dificuldade de adaptação que um imigrante pode sofrer. Sempre percebi um clima de medo e inseguranças por parte de meus pais: a necessidade de ficar junto a outros imigrantes vindos da mesma terra, a construção de uma igreja para abrigar sua fé, a dispensa sempre cheia e a desconfiança em relação a qualquer desconhecido. Cresci num ambiente repleto de lembranças do passado, fotos, objetos, comida típica, lenços bordados - cobrindo as imagens de santos -, a língua falada que misturava ucraniano e português. Para mim, foi um grande exercício de adaptação, de resistência diante de comportamentos incompreensíveis na época, mas que hoje entendo como tentativas inconscientes de se defender de um eterno agressor.

Imigrantes que chegam a um país, vindos de uma guerra, como meus pais, não podem ser iguais aos que chegam em momentos de paz. Os conflitos e traumas vividos não se transformam tão cedo e nós, da geração que os sucedeu, pudemos sentir na pele a dor da violência de uma guerra, pelo clima de insegurança e auto-defesa, às vezes exagerado. Penso que, somente com o tempo, conseguiremos limpar as marcas do terror, de geração em geração.

Fachada atual da casa, localizada na Alameda Conde de Porto Alegre. Maria aparece na escada de entrada



Acervo/Ala Voloshyn

Maria e Volodymyr na varanda da casa. Foto de 2005



Acervo/Ala Voloshyn

Meus pais viveram juntos por 57 anos, em uma casa que foi se modernizando com o tempo. Hoje, percebo a importância que teve para eles, pois era sua fortaleza e proteção. São Caetano do Sul sempre foi, para eles, um lugar onde se sentiam seguros e, não à toa, meu pai quer ficar aqui até os seus últimos dias. Minha mãe já se foi. Em 2 de junho de 2013, faleceu depois de um profundo sofrimento, que nos abalou bastante. Escrevo e me emociono, pois não consigo esquecer suas dores e gostaria, de verdade, que fosse diferente. Em um dos seus últimos dias, pude compreender as consequências da guerra para ela. O médico dizia que tinha imensa dificuldade em medicá-la, pois seu sistema imunológico não conseguia distinguir uma bactéria de um antibiótico e, por isso, reagia excessivamente a tudo que lhe aplicavam. Só agora entendo suas alergias incuráveis, pois ela nunca deixou de se defender de um eterno agressor. Espero, de coração, que ela esteja em paz, pois, apesar de todo o sofrimento emocional, relatou ao padre de sua igreja que se sentia realizada por ter dado estudo aos filhos. Foi velada na igreja ortodoxa que ajudou a construir na Rua Oriente, no Bairro Barcelona, e sepultada no Cemitério das Lágrimas.

Meu pai ainda está conosco. Irá completar 84 anos neste ano. Segue no esforço da vida, com alguns momentos de tristeza, mas fazemos força para trazer-lhe um pouco de alento. É um homem forte e muito trabalhador, que tem a seu favor um espírito alegre e afetivo.

Esta é a breve história de Maria e Volodymyr, que chegaram ao Brasil, vindos de um país muito distante, de cultura diversa. Venceram, sobreviveram, construíram e deixaram um legado de resistência e uma família que hoje comporta seus filhos, eu e Jorge, e netos, Bianca, Pieter e Anna (filhos de meu irmão e de sua esposa, Níura Zanirato) e Maya, Ametista e Thor (meus filhos e de meu marido, Mario Dimov Mastrotti).



Acervo/Ala Voloshyn

Registro familiar durante comemoração do Natal de 2013. Da esquerda para a direita, aparecem: Níura, Jorge, Pieter, Mario, Ametista, Ala, Thor, Volodymyr e Bianca. Sentados no chão: Gustavo (namorado de Maya), Maya, Anna e a mascote Bia

Seguimos a vida e compreendo melhor que cada pessoa faz sua história e cada história revela um esforço para ser feliz. Pois então, sejamos felizes, com todas as diferenças que não devem nos separar, mas sim nos engrandecer! Fim. **R**

ALA VOLOSHYN

É PSICÓLOGA, TARÓLOGA, CONTADORA DE HISTÓRIAS, ARTESÃ, COLUNISTA DOS JORNAIS *ENFIM*, DE SÃO CAETANO DO SUL, E *MAIS NOTÍCIAS*, E DA REVISTA *MAIS CONTEÚDO*, DE RIBEIRÃO PIRES. É TAMBÉM ESCRITORA E MEMBRO DA ACADEMIA POPULAR DE LETRAS DA BIBLIOTECA MUNICIPAL PAUL HARRIS.

Morisa Garbelotto

NOSSA Concha Acústica

Cerimônia de inauguração da Concha Acústica, no dia 21 de março de 1961, durante a primeira gestão do prefeito Oswaldo Samuel Massei



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Era o ano de 1960. O Paço Municipal, antigo sonho dos administradores municipais,

finalmente estava em construção. As dependências da Prefeitura Municipal, instaladas, inicialmente, nas improvisadas salas do prédio de Giacomo Benedetti, na esquina das ruas Rio Grande do Sul e Baraldi, já tinham ganhado novo espaço, no Edifício Vitória, na esquina das ruas Baraldi e Santo Antonio, onde ocupavam dois amplos andares. O mesmo ocorreu com a Câmara Municipal.

O então prefeito, Oswaldo Samuel Mas-

sei, idealizador do novo Paço, não poupou esforços ao contratar o belo projeto destinado à Prefeitura e à Câmara Municipal. Ele queria ir além, já que o Jardim 1º de Maio merecia atenção. Sendo assim, idealizou um equipamento cultural, do qual São Caetano era carente.

Uma empresa paulista especializada foi contratada para projetar uma concha acústica, tão em moda na época. O projeto ousado e de linhas arrojadas, de autoria da Búzio Tratamen-

Show realizado pela Lilim Publicidade, com o patrocínio das Lojas Assumpção, na Concha Acústica, na década de 1960



tos Acústicos, mereceu prêmio nos meios da arquitetura. Com o projeto pronto, Massei determinou sua imediata construção e, na noite de 21 de março de 1961, inaugurou-a com grande espetáculo artístico, televisionado diretamente pela TV Cultura.

Os jornais da cidade, entre eles o *Jornal de São Caetano*, em notícias publicadas nos dias 24 e 31 de março de 1961, davam conta da grandeza da obra. Seu palco comportava 400 figurantes e o som teria alcance de 300 metros. Ainda, segundo a publicação, 20 mil pessoas compareceram para a grande festa de inauguração. Após execução do Hino Nacional pela banda local, o prefeito deu início ao programa de inauguração, com entusiasmado discurso. A seguir, houve um espetáculo artístico, com duas horas de duração, infelizmente não descrito pelos jornais. Há, apenas, a lembrança de uma apresentação de balé e do concerto final, realizado pelo jovem e promissor pianista João Carlos Martins, hoje consagrado maestro. Uma bela queima de fogos encerrou a noite.

Mas a grande utilização da bela obra não parou por aí. Muitas festas populares e solenidades cívicas lá aconteceram por vários anos seguidos. Durante seus primeiros anos, a corporação musical da cidade ocupava as salas da Concha Acústica para ensaios.

Em 1966, durante o primeiro governo de Hermógenes Walter Braidó, quando foi criado o Departamento de Educação e Cultura, sob a

direção de Oscar Garbelotto, a cultura ganhou lugar de destaque junto à educação entre as atividades governamentais. Nessa época, houve a criação da Escola de Bailado e as aulas dessa instituição também passaram a ocupar as salas da Concha Acústica.

Em 1968, várias medidas foram tomadas para abrilhantar a cultura da cidade, e uma das ações mais significativas foi a cessão de um novo e amplo espaço para a Escola Municipal de Bailado de São Caetano do Sul, junto da Biblioteca Esther Mesquita, no Bairro Nova Gerty, onde permanece até hoje, com uma nova denominação: Escola Municipal de Bailado Laura Thomé. A música, como sempre, impulsionando a criação do belo.

Por todas essas utilizações, e por sua beleza, não podemos esquecer que São Caetano do Sul teve sua Concha Acústica! **R**

MORISA GARBELOTTO

É PROFESSORA DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL, DA FUNDAÇÃO DAS ARTES DE SÃO CAETANO DO SUL, E PESQUISADORA DA HISTÓRIA LOCAL.

Nas páginas do *São Caetano Jornal*, dois antigos clubes da cidade

A imprensa constitui-se numa das principais fontes históricas. Nela, podem ser encontrados ricos registros de fatos que revelam um leque abrangente de aspectos e peculiaridades da vida política, econômica, social e cultural de uma sociedade. As matérias e reportagens jornalísticas veiculadas por ela expressam os interesses das forças em cena, ao abrir espaço para a discussão de assuntos e questões em pauta na agenda de um grupo, município ou país. Sendo assim, toda a gama de notícias e referências encaminhadas por periódicos em geral encontram-se articuladas com as conjunturas vigentes num dado momento histórico.

Em vista disso, a utilização da imprensa no processo de produção de uma pesquisa histórica torna-se, do ponto de vista teórico e metodológico, imprescindível. Engana-se, todavia, quem pensa que o historiador só recorre a jornais e revistas por força do escancarado perfil político de tais periódicos. Dependendo da temática ou da perspectiva de análise do seu trabalho historiográfico, ele leva em consideração também outros elementos que estão diluídos nas páginas desses materiais. Isso porque as seções



em torno das quais a proposta editorial de um periódico encontra-se sedimentada são indicativas, por exemplo, de modos, hábitos, costumes, valores e experiências que norteiam a vida em sociedade. Por ser multifacetária em seu conteúdo, a imprensa funciona como uma espécie de caixa de ressonância das possibilidades aventadas por temas de pesquisas, o que a insere num patamar privilegiado dentre as fontes históricas.

Ciente disso, procuro respaldar meus trabalhos nas diferentes edições de jornais que circularam, tempos atrás, na localidade. Integrantes de uma parte da coleção documental do acervo da Fundação Pró-Memória, os referidos meios de comunicação sempre me auxiliam no fornecimento de informações, no esclarecimento de dúvidas e no encaminhamento de ideias e sugestões. E foi consultando as páginas do *São Caetano Jornal* que cheguei a dois antigos clubes da cidade: o Raquette Clube e o São Caetano Cyclo Clube.

Raquette Clube

A popularidade do pingue-pongue (como era chamado, antigamente, o tênis de mesa) na cidade pode ser mensurada pelo envolvimento de suas agremiações com a prática dessa modalidade esportiva. Em 1928, pelo menos sete clubes participavam de torneios e campeonatos promovidos tanto internamente, como os disputados nas próprias entidades, ocasião em que suas equipes se enfrentavam, quanto os organizados pela Liga dos Amadores de Pingue-Pongue, quando os clubes jogavam entre eles. As agremiações que possuíam, em seu rol de atividades esportivas, a prática do pingue-pongue eram as seguintes: São Caetano Esporte Clube, Monte Alegre Futebol Clube, Cerâmica São Caetano Futebol Clube, Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, Clube Atlético Flor do Mar, Associação Atlética Almirante Saldanha da Gama, Juvenil São Caetano, Associação Esportiva Luso-Americana e Raquette Clube.

Este último, pelo que pôde ser investigado, dedicava-se apenas ao pingue-pongue, o que constata o alto grau de popularidade desse esporte em território sul-são-caetanense, a ponto de uma agremiação ter sido criada em sua função, exclusivamente. Isso sem falar da repercussão dos campeonatos no próprio *São Caetano Jornal*, que, frequentemente, reservava significativo espaço,¹ em sua seção de esportes, para noticiar os resultados, ratificando também, assim, o prestígio da modalidade na região, naquele final da década de 1920.

A sede do Raquette Clube ficava na antiga Rua Dr. Fláquer, no atual Bairro da Fundação. Bairro este que também abrigava (e ainda abriga) o tradicional São Caetano Esporte Clube, contra o qual o Raquette travou jogos memoráveis. Já em sua primeira edição, em 15 de janeiro

de 1928, o *São Caetano Jornal* tratou de registrar uma partida realizada entre as turmas de ambos os clubes, realizada dois dias antes da circulação do periódico. Conforme foi divulgado, o jogo consistia numa revanche, visto que, no duelo ocorrido em novembro de 1927, as equipes da agremiação da Rua Dr. Fláquer levaram a melhor. Detalhes desse segundo confronto foram esmiuçados pela reportagem, como os nomes dos protagonistas do evento: “O jogo esteve re-nhido, notando-se no salão a presença de inúmeros espectadores. Waldemar, da Raquette, foi o campeão da noite, marcando 114 pontos, num total de 200, de que constava a revanche. Também salientou-se da mesma turma Onorival, em grande numero de pontos, que muito auxiliou o quociente. As côres do S. Caetano E.C. portaram-se à altura da porfia, salientando-se Paulillo. Às 11 horas terminou o jogo, com o triunfo da Raquette por 200 a 199. Ambas as turmas foram aclamadas e muito felicitadas pelos presentes”²

As notas jornalísticas acerca dos jogos do Raquette possibilitam muito mais do que sucessivas informações sobre placares, jogadas e jogadores. Os dados trazidos à tona permitem, certas vezes, o conhecimento sobre determinados aspectos culturais que estavam por trás da prática da modalidade no clube. A notícia referente a um amistoso contra o poderoso Flor do Mar, em 7 de fevereiro de 1928, evidencia isso, uma vez que destacou o perfil do público que prestigiou a partida e um gesto da diretoria da agremiação, registrado pelo jornal não só em relação ao duelo em questão, mas também em outras ocasiões: “Os jogadores foram muito aplaudidos, notando-se a selecta torcida de senhorinhas da nossa elite. Findo o jogo a directoria da Raquette Club offereceu um copo de cerveja as turmas visitantes”³

Os duelos não ocorriam apenas frente a equipes de São Caetano, visto que o Raquette chegou a desafiar times da capital, como o

União Santa Therezinha. A partida contra esse clube foi realizada em 4 de março de 1928, tendo a agremiação da cidade perdido nas segunda e terceira turmas e vencido na primeira por 200 a 182 pontos. Segundo consta, um dos destaques da segunda turma do Raquette foi o reserva J. Carrera Filho. Já a turma vencedora foi formada pelos jogadores Rocco, Miguel, Silva, Paulillo e o capitão Waldemar. Após o encontro, diversos brindes foram trocados e um copo de cerveja foi oferecido aos jogadores visitantes,⁴ reforçando um costume da diretoria daquele clube de pingue-pongue de São Caetano.

Os registros do jornal consultado, ao noticiarem outros tantos jogos do Raquette Clube,

No decorrer de suas edições de 1928, o *São Caetano Jornal* deixou de noticiar o Raquette Clube. O fato de não figurar mais nas notas da seção de esportes do periódico me leva a presumir que tal agremiação tenha encerrado suas atividades em meados daquele ano. Outros dois clubes passam a atrair a atenção do jornal, ganhando espaço na cena do pingue-pongue de São Caetano: o Juvenil Flor da Infância e o Juvenil Internacional,⁵ fundados, respectivamente, em 1º de outubro e 15 de novembro de 1927. Nos registros do semanário, a referência a ambos torna-se recorrente, o que aponta o significativo grau de envolvimento dessas agremiações com a prática da modalidade.



Convocação feita pela diretoria do Raquette Clube para assembleia geral extraordinária. Foi publicada na edição de 18 de março de 1928 do *São Caetano Jornal*

revelam nomes que defenderam a agremiação, protagonizando não só a sua trajetória, mas ainda a história da prática do esporte na localidade. Dentre tais personagens, estão, além dos já citados, Alfredo, Lydio, Braguinha, J. Moura, Ernesto, Armando, Walter, Moacyr, J. Figueiredo, C. Bisquolo, Camargo e outros não captados pelas notas jornalísticas.

É interessante ressaltar que alguns de seus jogadores aparecem, em certas ocasiões, integrando as turmas de outros clubes locais. Foi o caso de Rocco e Lydio, que participaram de um campeonato interno ocorrido, em março de 1928, no Grêmio Ideal, e de Paulillo, mencionado junto ao São Caetano Esporte Clube.

Embora não tenha sido possível levantar dados mais precisos sobre a trajetória do Raquette Clube (data exata de seu surgimento e encerramento, por exemplo), ficam registradas as menções à referida instituição. Sua finalidade eminentemente voltada para a prática do pingue-pongue só atesta o quão popular era o esporte na cidade nos anos 1920. Não constitui exagero afirmar que esta era a segunda modalidade esportiva, naquela época, perdendo apenas para o futebol. Basta lembrar que, ao lado do Raquette, muitos outros clubes da localidade apresentaram jogadores de pingue-pongue entre seus quadros de atletas. O esporte da bolinha branca fez história em São Caetano e o Raquette Clube ajudou a escrevê-la.

São Caetano Cyclo Clube

O pingue-pongue conseguiu conquistar significativo espaço entre as principais modalidades esportivas praticadas na cidade, adquirindo popularidade e visibilidade junto à imprensa local, como ficou evidente. Pesquisando a seção esportiva do *São Caetano Jornal* para levantar dados sobre o Raquette, foi possível também ter acesso a outros esportes que também se tornaram populares no então distrito de São Caetano no decênio de 1920. Uma dessas modalidades foi o ciclismo, que, como aconteceu com o pingue-pongue, teve também uma agremiação destinada a promovê-lo e difundi-lo. Tratava-se do São Caetano Cyclo Clube.

Em 1929, os ecos das articulações em prol da criação de um clube voltado para a prática ciclística na cidade ressoaram no jornal, que, assim, captou e noticiou o fato: “Cogita-se nesta localidade da fundação de um clube que vise congregar todos os amadores do ciclismo e incrementar esse esporte entre nós. As adesões para a prompta consecução dessa iniciativa, poderão ser feitas com o snr. Perucchi”.⁶

Interessante registrar que a nota se refere a José Perucchi, proprietário de uma oficina que consertava, reformava e alugava bicicletas. Situada na Rua Rio Branco, nº 170, funcionava com uma fundição, que ficava a cargo de seu irmão Antônio. Nessa fundição, confeccionavam-se arcos para rodas de carroças. Posteriormente, a oficina estabeleceu-se na então Rua Goiás, nº 956, expandindo suas atividades com a fabricação e comércio de bicicletas e acessórios diversos, como guidões, selins, dentre outros.

Além do estabelecimento de José Peruc-

chi, São Caetano também apresentou outros da mesma natureza. Foi o caso de João Cicala, que instalou uma loja de aluguel de bicicletas no largo da Matriz Velha, no Bairro da Fundação, em 1914, desencadeando a circulação das primeiras “magrelas” na localidade. Aos domingos, após a missa, os moradores costumavam alugá-las para agradáveis passeios. Leonello Vaccari foi outro nome que se dedicou ao segmento, comercializando motocicletas, bicicletas e acessórios em geral a partir de 1938. Iniciativas pioneiras como as salientadas contribuíram, de forma decisiva, para o surgimento e propagação do hábito de pedalar junto aos moradores locais. Se, por um lado, esse costume foi sendo incorporado no cotidiano de sua população, por outro, houve a sua convergência para uma iniciativa arrojada, como a de Perucchi, que transformou o andar sobre duas rodas em esporte na cidade.

O primeiro registro feito pelo *São Caetano Jornal* a respeito do início das atividades do Cyclo Clube foi na edição de 16 de junho de 1929, quando noticiou: “Serão iniciados hoje rigorosos treinos de ciclismo pelo São Caetano Cyclo Club, a pujante agremiação que acaba de surgir e que muito já se tem esforçado para conseguir bons cyclists. O treino de hoje, aproximadamente de 55 kilometros, obedecerá ao seguinte percurso: S. Caetano – Villa Prudente, Sacoman – S. Caetano, em 5 voltas seguidas. Serão distribuídas bandeiras, nos pontos de grande transito, facilitando assim a boa marcha do cyclist, será o concorrente favorecido com o fornecimento dos alimentos necessários [...]”.⁷

Em seu número seguinte, o jornal trouxe os detalhes da prova que seria promovida pela agremiação, em duas categorias. A primeira com previsão de uma quilometragem de 55 mil metros e a segunda de 32 mil metros (pesquisando as edições posteriores do jornal, foi possível saber que apenas a segunda categoria, por mo-

tivo de força maior, participou da disputa⁸). O itinerário compreenderia as ruas Santa Catarina e Manoel Coelho, além da região do Sacomã, em São Paulo. A premiação foi também divulgada pelo semanário, conforme segue: “1º) Medalha de prata com orla, oferecida pelo Cyclo Clube e uma garrafa de alumínio, oferta de M. Chiari & Irmão; 2º) Medalha de prata simples oferecida pelo Cyclo Clube e uma bolsa de ferramentas, oferta dos Irmãos Perucchi; 3º) Medalha de bronze com orla e uma busina, ofertas do Cyclo Clube; 4º) Medalha de bronze simples oferecida por Francisco Mastroiani e uma campanha oferta do Cyclo Clube; 5º) Medalha de prata simples, medalha de bronze com orla e medalha de bronze simples, aos colocados em 1º, 2º e 3º lugares da segunda categoria”⁹.

Segundo consta, os sete primeiros colocados nessa prova foram os seguintes ciclistas: João Barbiera (vencedor, com uma hora, 12 minutos e 20 segundos), Domingos Soldesi (segundo colocado, com o tempo de uma hora, 13 minutos e 15 segundos), Miguel Carmono (terceiro colocado, com uma hora e 14 minutos), Anselmo Garson (quarto colocado, com uma hora, 14 minutos e 20 segundos), Francisco Bella (quinto colocado, com uma hora, 15 minutos e 25 segundos), João Lutz (sexto colocado, com uma hora, 21 minutos e 15 segundos) e Antonio Manoel (sétimo colocado, com uma hora e 28 minutos). Os juizes da disputa foram Vitale Dietre, Rodolpho Bombassei e Antonio Perucchi.¹⁰

Das notícias publicadas sobre o Cyclo Clube, chamam bastante atenção também as relativas às excursões realizadas pela agremiação, tendo em vista sua participação em provas organizadas fora de São Caetano. O envolvimento do clube nesses eventos externos era a oportunidade que seus ciclistas tinham de estabelecer um contato bem próximo com atletas de entidades impor-

tantes de São Paulo. Foi o que aconteceu durante a ida à cidade de Osasco, em julho de 1929, por ocasião da disputa da Taça Osasco, uma iniciativa do Cyclo Paulista. Na oportunidade, o Cyclo Clube foi representado pelos seguintes corredores: Vitale Dietre, Carlos Pola, João Barbi [Barbiera], Francisco Sibaggi e Anselmo Garson. O ciclista da cidade com a melhor colocação na prova foi Vitale Dietre, que chegou em oitavo lugar. Os outros sete primeiros classificados foram atletas de agremiações paulistanas.¹¹

Em agosto daquele ano de 1929, uma nova excursão foi promovida pelo São Caetano Cyclo Clube. São Roque foi a localidade de destino. A previsão, de acordo com a imprensa, era a de que 18 ciclistas participassem de tal evento. Na mesma edição em que noticiou a organização da referida excursão, o *São Caetano Jornal* também divulgou uma nota acerca da realização de um “torneio de corridas a pé” por parte da agremiação ciclística. A prova compreenderia um trajeto de, aproximadamente, 11 quilômetros e se voltaria a “todos os amadores de maratona de qualquer sociedade sãocaetanense”¹².

Além das excursões destacadas, outras duas foram ainda registradas pelo semanário, endossando a existência de um intercâmbio do Cyclo com outros clubes de ciclismo: a realizada ao Boqueirão, na Praia Grande, em 29 de setembro de 1929, a fim de que seus sócios pudessem presenciar “a importante corrida de motocicletas promovida pelo Paulista Moto Clube”¹³ e a organizada à Vila Galvão, tendo em vista a participação na corrida a cargo do Cyclo Clube Mooca.¹⁴

Fica evidente que o Cyclo Clube, por meio de sua intensa programação de atividades, procurava consolidar-se junto à sociedade de São Caetano, que, naquele final dos anos 1920, já apresentava uma razoável vida social, na qual as instituições recreativas e esportivas desempenhavam um importante papel. Sua vi-

Parcial do concurso esportivo promovido pelo *São Caetano Journal*. Nela, o São Caetano Cyclo Clube, no quesito 'clube mais simpático,' aparece com 13 votos. Esta foi a maior votação obtida pela agremiação no certame. Parcial publicada na edição de 25 de agosto de 1929

sibilidade pode ser, em parte, avaliada pela votação recebida em um concurso esportivo¹⁵, organizado pelo *São Caetano Journal* em 1929, com a finalidade de apontar o clube mais simpático da cidade e o melhor esportista. Em algumas parciais publicadas em edições dos meses de julho e agosto, o Cyclo Clube chegou a figurar entre as entidades esportivas mais votadas, obtendo, em uma delas, 13 votos.¹⁶

Tal como aconteceu com o Raquette Clube, também não foi possível reunir mais dados sobre a agremiação ciclística em questão que pudessem revelar por quanto tempo ainda ela continuou em atividade. Por mais que o jornal consultado tenha trazido à tona registros que me permitiram recuperar fragmentos da história desses dois antigos clubes locais, as informações disponíveis não foram suficientes para que eu me enveredasse por outros aspectos de suas trajetórias.

Ilusório acreditar que a pesquisa histórica seja capaz de recuperar a totalidade do passado. Essa sua incapacidade deve-se, sobretudo, à limitação das fontes. Mesmo ocupando uma posição de excelência entre elas, a imprensa também é dotada de limites. Diante, então, de tal realidade, resta ao historiador apropriar-se dos fragmentos e reminiscências presentes nas distintas categorias de fontes que a ele se apresentam, conduzindo o trabalho a partir de seu rol de problemáticas, hipóteses e perspectivas, o que, por si só, já atribui à sua pesquisa um caráter subjetivo e fragmentário.

O que procurei deixar registrado neste artigo foi justamente essa marca preponderante do conhecimento histó-

ESPORTES		CLUBE MAIS SYMPATHICO	
CONCURSO ESPORTIVO — O melhor esportista de S. Caetano é o sr.que pratica com maestria o..... (especie de esporte) — Dentre os clubes de S. Caetano, o mais sympathico é o..... Volante.....			
CONCURSO ESPORTIVO Realiza-se, quarta-feira proxima, dia 28, ás 20 horas na residencia do director desta folha, á rua Amazonas n. 93, a apuracao final do presente concurso esportivo, comparecendo á mesma representantes de todos os clubes locais. Conforme noticiao, o resultado geral do concurso será publicado no proximo numero e a entrega dos premios aos vencedores terá lugar no dia 8 do proximo mes, em lugar que annunciaremos.			
MELHOR ESPORTISTA FUTEBOL		ESQURMA	
Baraldi 348 Antonio Gatti 210 Fiorotti 153 Nunes 111 Luiz Pavin 104 Moura 82 M. Checcherai 39 Braga 16 e outros menos votados.	Peracchi 7 A. Garçon 7 e outros menos votados.	Gilcamo Ferrero 14 A. Alberti 5 A. Paulose 3 e outros menos votados.	
PINGUE PONGUE		XADREZ	
F. Piva 34 Magot 5 Ippolyto 2 e outros menos votados.	Salvador Palumbo 4 Aldo Negrial 2 F. Piva 2 e outros menos votados.	DAMA	
CYCLISMO		BOCCE	
Vitale Dietre 8	F. Piva 4 A. Favero 3 e outros menos votados.	MARATONA	
		Fiorotti 12	
		BOLA AO CESTO	
		Arthur Garbelotto 1 Antonio Ramos 1	
		Clubes A. Adelinas 440 Saldanha da Gama 278 Ceramica F. Clube 215 S. Caetano E. Clube 91 A. A. Paulose 52 Monte Alegre F. C. 38 Grêmio Ideal 25 Idealista F. Clube 14 Circulo Italiano 13 R. C. Cyclo Clube 13 Vila Bella 3	

rico: a dos vestígios de uma época, de uma sociedade ou mesmo da história de associações ou clubes esportivos que tiveram seus nomes impressos para sempre nas páginas de um jornal, como o Raquette Clube e o São Caetano Cyclo Clube... (Cristina Toledo de Carvalho) **R**

NOTAS

¹ Valendo-se do espaço dado pelo *São Caetano Journal* ao pingue-pongue, clubes da cidade desafiavam-se uns aos outros por intermédio do periódico. Foi o que aconteceu com o Grêmio Ideal, que, na edição de 22 de janeiro de 1928, desafiou para uma partida amistosa o Clube Atlético Flor do Mar, campeão da modalidade em São Caetano naquele ano. O desafio foi aceito, conforme expôs o próprio jornal, no dia 19 de fevereiro de 1928, que, naquela ocasião, noticiou ainda que a pelega iria ser realizada em 25 de fevereiro na sede do Flor do Mar. Cinco medalhas de prata seriam disputadas em tal partida.

² *São Caetano Journal*, São Caetano, ano I, n. 1, 15 jan. 1928.

³ *São Caetano Journal*, São Caetano, ano I, n. 4, 12 fev. 1928. Nesta edição, o jornal divulgou também o placar do jogo, vencido pela segunda e terceira turmas do Flor do Mar pelo respectivo placar de 150 contra 142 e 100 contra 79. Já a primeira turma do Raquette saiu vitoriosa, anotando 200 pontos contra 153 do adversário.

⁴ *São Caetano Journal*, São Caetano, ano I, n. 8, 11 mar. 1928.

⁵ Os clubes Juvenil Flor da Infância e Juvenil Internacional estavam sediados, respectivamente, nas ruas Amazonas, n.º 230, e Rio Branco, n.º 49. O primeiro contava, em julho de 1928, com 72 sócios, enquanto o outro com 82. *São Caetano Journal*, São Caetano, ano I, n. 26 e 27, 15 e 22 jul. 1928.

⁶ *São Caetano Journal*, São Caetano, ano II, n. 67, 31 mar. 1929.

⁷ *São Caetano Journal*, São Caetano, ano II, n. 76, 16 jun. 1929.

⁸ A disputa envolvendo a primeira categoria ocorreu no dia 30 de junho de 1929, domingo seguinte ao da prova da qual participou a segunda categoria. Os escalados para tal disputa, de 60 quilômetros, foram Isidoro De Santis, Vitale Dietre, Domingos Soldesi, Rodolpho Bombassei, Anselmo Garson, Carlos Prola, Miguel Carmona e João Barbi [Barbiera]. O vencedor foi Anselmo Garson, com o tempo de duas horas, seis minutos e 20 segundos. Os árbitros da prova foram Attilio Mengarelli, Lydio Moro, Antonio Peruchis e José Peruchis, sob a direção geral de Francisco Mastroianni. O nome de Miguel Carmona aparece também entre os árbitros, conforme nota do *São Caetano Journal*. Essa informação é pouco provável, uma vez que Carmona aparecia entre os escalados para a disputa. *São Caetano Journal*, São Caetano, ano II, n. 79, 7 jul. 1929.

⁹ *São Caetano Journal*, São Caetano, ano II, n. 77, 23 jun. 1929.

¹⁰ *São Caetano Journal*, São Caetano, ano II, n. 78, 30 jun. 1929.

¹¹ *São Caetano Journal*, São Caetano, ano II, n. 82, 28 jul. 1929.

¹² *São Caetano Journal*, São Caetano, ano II, n. 85, 18 ago. 1929.

¹³ *São Caetano Journal*, São Caetano, ano II, n. 91, 29 set. 1929.

¹⁴ *São Caetano Journal*, São Caetano, ano II, n. 93, 13 out. 1929.

¹⁵ O concurso esportivo organizado pelo *São Caetano Journal* teve seu resultado divulgado em 28 de agosto de 1929, na Rua Amazonas, n.º 93, durante a inauguração da nova sede da A.A. Almirante Saldanha da Gama. Os dois clubes mais votados foram: 1.º lugar, A.A. Adelinas, com 816 votos, e, em 2.º lugar, A.A. Almirante Saldanha da Gama, com 750 votos. Quanto ao quesito "melhor esportista," os vencedores foram: 1.º lugar, Antonio Gatti, com 668 votos, e, em 2.º lugar, Luiz Primo Baraldi, com 490 votos. *São Caetano Journal*, São Caetano, ano II, n. 87, 1 set. 1929.

¹⁶ *São Caetano Journal*, São Caetano, ano II, n. 86, 25 ago. 1929.



O MÚSICO PATRIÓTICO



Desde menino, Vianna nutre interesse especial pela música. Na imagem, de uniforme, ele segura um pistom. Foto de, aproximadamente, 1952

Mulheres de vestidos longos, luvas e sapatos de salto desfilam pelo salão, acompanhadas por seus pares, homens elegantes, de terno e gravata, sapatos engraxados. Este é o cenário do Baile da Saudade de 1954, que ocorria todas as quartas-feiras, no Clube Comercial, em São Caetano do Sul. Contudo, o personagem desta reportagem não se encontra entre os casais sorridentes, que bebem taças de champanhe e conversam animadamente.

Jorge Jacyntho Vianna, então com 17 anos, estava em cima do palco. Tocava trompete ao lado de seus companheiros da Orquestra Copacabana em mais uma noite na qual animava jovens como ele. Mas seu prazer e entusiasmo estavam na música. “Não queria receber nada em troca, só estar no meio”, relembra.

Nascido em Espírito Santo do Pinhal, interior de São Paulo, e criado em São Caetano do Sul, Vianna sempre gostou de música. Uma das lembranças mais marcantes de sua infância é o toca-disco do pai, que ficava em cima do rádio.

Da esquerda para direita, observam-se Zé da Velha (trombone), Mineirinho (pistom) e Vianna (pistom), durante apresentação no Clube Comercial, em São Caetano do Sul, no final dos anos 1950

Vianna e a atual esposa, Maria de Lourdes Silva, na casa deles, na cidade mineira de Uberlândia. Foto da década de 1980

Vianna posa para foto, com seu uniforme da Aeronáutica, ao lado de sua única irmã, Elvira Custódia Viana Maia

Aos 11 anos, começou a estudar piano, porém não se formou. Nesta época, arrumou um de seus primeiros empregos, na Tinturaria Monte Fuji, localizada na Rua Manoel Coelho. Sua função era entregar as roupas da clientela, mas logo aprendeu a lavar e passar e, com isso, começou a receber gorjetas mais 'gordas'. Todo o dinheiro que ganhava tinha a mesma destinação: a compra de mais e mais discos, que ouvia em casa.

Quando foi formada a Corporação Musical Santa Cecília, da Igreja Matriz Sagrada Família, diversos professores vieram ensinar as crianças interessadas. E lá estava Vianna, empolgado. O primeiro instrumento que aprendeu a tocar foi o gênis¹, em seguida, o surdo, até conseguir dominar o trompete, cuja formação se completou no Conservatório Villa-Lobos, em São Paulo. Com passagem por várias bandas e orquestras de São Caetano e da capital paulista, tocava o que o público pedia. Os estilos variavam de polca e valsa a marchas de Carnaval. (Hoje em dia, em sua vitrola, preservada com muito cuidado, a música clássica e a orquestrada são as mais ouvidas, e dividem espaço com valsas e chorinhos. Sua coleção chega a mais de 200 discos de vinil.)

Nesse tempo, Vianna já estava com 17 anos, tinha tirado carteira de trabalho, e, apesar de toda a paixão pela música, teve de buscar emprego em outra área para ajudar nas contas da casa, que tinha como base o salário do pai, metalúrgico, e da mãe, costureira. A irmã, Elvira Custódia Viana Maia, dois anos mais nova, ainda estudava.

Assim como tantos outros sul-são-caetanenses, arrumou emprego nas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, onde trabalhava como aprendiz de mecânico. Além do início da vida profissional registrada, este também foi o começo de sua vida a dois. Na fábrica, Vianna conheceu Maria Xavier, com quem se casou um ano depois, em fevereiro de 1955. Ficaram juntos durante sete anos, e tiveram três filhas: Fátima Aparecida Via-



Acervo/Jorge Jacyntho Vianna



Acervo/Jorge Jacyntho Vianna



Acervo/Jorge Jacyntho Vianna

na (mora em São Caetano e tem uma filha), Denize Xavier Viana Brito (mora em Ribeirão Pires e tem três filhos) e Angela Maria Viana (mora em Mauá e teve dois filhos, sendo um já falecido).

Nesta época, a vida de Vianna mudou radicalmente. Não só a família cresceu, como também as oportunidades profissionais deslancharam. Aos 18 anos, ele já havia ingressado na Aeronáutica, onde se formou dois anos mais tarde como técnico de máquinas e ferramentas. Para pagar o curso, ficou durante cinco anos trabalhando no Campo de Marte. Uma de suas maiores frustrações foi nunca ter conseguido uma vaga na Banda Militar da Aeronáutica, local onde tinha vislumbrado unir a paixão pela música com o emprego de funcionário público, que lhe garantiria estabilidade financeira. O descontentamento foi tão grande que, após pagar o curso, pediu baixa da força aérea.

Entre 1965 e 1970, trabalhou como ajustador ferramenteiro em diversas indústrias, entre elas: General Motors, Brasinca e Indústria Fontoura. Em 1970, voltou aos estudos e cursou eletrônica e rádio e televisão no Instituto Radiotécnico Monitor, em São Paulo. Sua maior recordação é do rádio que deu de presente para o pai. Ao terminar de montá-lo, o instrumento não funcionou. Buscou ajuda em uma loja especializada e, após a inversão de uma peça, a música começou a fluir. “Foi uma emoção danada.”

Terminados os cursos, em 1972, ele conseguiu o cargo de técnico eletrônico em radiocomunicação pela Avotel Indústria e Comércio Ltda. Sua função era oferecer instalação e assistência para todos os lugares do Brasil onde o rádio era vendido. “Cansei de ir para o Xin-

gu quando não havia nem estrada. A maioria dos fazendeiros tinha avião, então eu usava-os para me locomover. Já viajei de tudo o que você pode imaginar: bimotor, teco-teco, de barco, em cima de cavalo, mula, até de jegue eu fui. (...) Dou muito valor às viagens que fiz. Fiquei conhecendo muita cultura e culinária diferentes. Já passei por muita coisa e tenho muito a transmitir aos meus netos.”

Um de seus últimos trabalhos pela Avotel, em 1974, foi para um supermercado, no município de Tupaciguara (Minas Gerais), onde conheceu a atual esposa, Maria de Lourdes Silva. A paixão foi tão fulminante que Vianna perdeu o emprego, já que ficava enrolando para pegar serviços em outras cidades.

Após buscar o dinheiro da rescisão em São Paulo, voltou imediatamente para Minas Gerais a fim de aproveitar a companhia da amada. Conseguiu emprego em uma rádio educadora em Uberlândia, contudo lá ficou por apenas dois meses. Em se-

guida, arranjou um posto na Sotreq (Sociedade de Tratores e Equipamentos Ltda). Tinha a função de consertar os rádios utilizados nas obras da empresa. Só então, ganhando por contrato mais a quilometragem rodada nas viagens, passou a morar com Maria de Lourdes. “Cheguei tremendo ao banco para depositar meu primeiro salário da Sotreq, de 14 mil cruzeiros. Com ele, comprei um Fusca, meu primeiro carro”, conta.

Entre 1974 e o início dos anos 1980, esta foi a vida de Vianna, que conseguiu unir a próspera relação pessoal com a realização profissional. Contudo, com o surgimento e expansão dos telefones celulares via rádio, a situação se inverteu, pois esses equipamentos eram mais baratos

Acervo/Jorge Jacyntho Vianna



Vianna exhibe, orgulhoso, um dos rádios valvulados que consertou em sua oficina. Hoje em dia, este é o seu hobby

e tinham maior alcance e clareza na transmissão do que os aparelhos consertados por Jorge, que logo foram substituídos.

Após isso, começou a trabalhar por conta própria como representante de outras indústrias, na mesma área de venda e instalação de rádios para fazendeiros, principalmente. Buscava fazer negócios na região de Uberlândia, onde passou a morar com Maria de Lourdes, mas, como as fazendas ficavam em outros Estados, constantemente viajava pelo Brasil. Pela Entran, seu último trabalho, foi diversas vezes ao Nordeste. Aposentou-se, então, em 2010.

Atualmente, Vianna dedica-se ao conserto de rádios antigos valvulados. Apesar de considerá-lo um *hobby*, ele mantém funcionando uma oficina, dentro de sua casa, em Uberlândia, onde atende alguns clientes, que sempre são recebidos com música alta. Em São Caetano, para onde vem diversas vezes ao ano para visitar as filhas, já prestou inúmeros serviços ao Museu Histórico Municipal, consertando aparelhos do acervo.

Patriotismo – Este poderia ser o fim da reportagem. Contudo, uma nova vida começa para Vianna, e um outro lado de sua personalidade ganha destaque: sua face patriótica. Durante essas idas ao Nordeste, principalmente para a Bahia, começou a dar palestras sobre o significado da Bandeira do Brasil e do Hino Nacional a partir do convite de uma professora, mãe de um de seus colegas na Entran.

Como dizem que o melhor marketing é o boca a boca, assim ocorreu com Vianna, que recebeu cada vez mais convites para ministrar palestras em escolas de diversos municípios. “A maioria das pessoas ainda não sabe cantar o hino, nem mesmo

os jogadores de futebol sabem. Aí já é falta de respeito”, diz indignado.

Hoje em dia, Vianna continua com os workshops, além de ajudar o Batalhão da Polícia do Exército, localizado em frente à sua casa, na elaboração de arranjos para bandas militares, dobradas e marchas para puxar tropa, e até mesmo na composição de partituras e materiais didáticos.

O patriotismo de Vianna já rendeu boas histórias, que ele conta com o orgulho típico daqueles que amam os símbolos nacionais. Uma vez em Barreiras, na Bahia, ele fez parar o ônibus para cobrar o funcionário da rodoviária o porquê não estar no local a Bandeira do Brasil, já que estavam hasteadas as do Estado e do município. O episódio mais curioso talvez seja o de quando ele próprio passou a hastear a Bandeira em casa, em 1995. “O comandante do Exército obrigou todos os residentes a colocar a Bandeira em casa. Como também queria ter uma, fui pedir autorização. Aceito meu pedido, mandei fazer o mastro, comprei a Bandeira e comecei a hasteá-la, respeitando seu regulamento.”

O amor ao Brasil também está estampado em todas as suas roupas, inclusive no pijama, no qual mandou bordar uma pequena Bandeira Nacional no braço esquerdo. Por estas e outras histórias, Vianna já é personagem carimbado entre os meios de comunicação locais para reportagens sobre o Dia da Bandeira. Além de hasteá-la e exibir suas roupas costuradas com o símbolo nacional, ele também apresenta para TVs, jornais e sites sua coleção de diplomas, como o de colaborador emérito da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais, de Amigo do Batalhão do Exército, de reconhecimento por serviços prestados ao Exército, entre outros. “Estouro o ano com o Hino Nacional. Meu patriotismo é eterno”, finaliza um autêntico brasileiro de coração verde e amarelo. **(Marília Tiveron) R**

Banda do 17º Batalhão da Polícia Militar de Uberlândia. Da esquerda para direita, na primeira fila, major Salvarani, Vianna e demais membros da corporação



Acervo Jorge Inezinho Vianna

NOTAS

¹ Gênis é a antiga denominação do saxhorn, instrumento de sopro que pertence à família de mesmo nome.

DÉCIO CAPARROZ, o artista dos entalhes

Aos poucos, carrinhos, vagões de trens, jardineiras e arabescos vão surgindo na madeira, que recebe os primeiros toques dos formões e das goivas. Do ateliê vem o barulho ensurdecedor das batidas. Em alguns momentos, esse ruído silencia, até voltar com força total.

No controle das ferramentas que deslizam pela matéria-prima clara e cheirosa está o artesão Décio Garcia Caparroz, de 74 anos. Nasceu em 23 de abril de 1940, em São Caetano do Sul, faz entalhes desde os 11 anos de idade.

A vida de Caparroz está intimamente ligada à arte de entalhar em madeira. Sua produção é vasta, abrangendo desde placas para churrascarias, portas de fazendas até pequenas esculturas. Um de seus últimos trabalhos foi uma réplica da Igreja Metodista, localizada na

Rua Amazonas, em São Caetano do Sul. O item fez tanto sucesso que o pastor pediu ao artista para doá-lo para a igreja.

Caparroz manipula com maestria as ferramentas de marcenaria e a madeira. Também não é para menos, já que, aos 11 anos, já confeccionava vários caminhõezinhos. O pai de Décio Caparroz tinha uma padaria e adorava ensinar a arte de entalhar e esculpir. “Meu pai era espanhol, veio de Almeria, em um navio da Marinha. Ele era cozinheiro e, quando chegou à Argentina, saiu do navio, e disse: ‘Vou fazer uma aventura em terra’ e, pouco tempo depois, estava no Brasil. Acabou ficando na região das ruas Caetano Pinto e Carneiro Leão (*em São Paulo*). Como tinha o dom de cozinhar, montou uma padaria



Foto: Antonio Reginaldo Cambari (PPM/MS)
Décio Garcia Caparroz faz um de seus entalhes

Xadrez gigante de Caparroz, um de seus maiores orgulhos

em São Caetano do Sul, em 1921. Ela se localizava na Rua São Paulo, nº 1.523, no Bairro Santo Antônio, que, naquela época, era chamado Bairro Monte Alegre. A especialidade da padaria eram as bolachinhas espanholas chamadas mantecais. Vinha gente de São Paulo para buscá-las. Embora tenha sofrido algumas modificações, o prédio continua lá.” E complementa: “Paralelamente a isso, meu pai fazia esculturas em madeira, e, nos caminhõezinhos, colocava pães e doces. Era sua diversão. Para ajudá-lo, eu cortava o para-lama, o pneu, e então ia aprendendo. Eu já trabalhava na padaria, fazia pão aos 15 anos, e tomava conta dos padeiros à noite. Quando menino, entreguei muito pão e leite”.

A família de Caparroz morava no fundo da padaria, e lá ele ficou até se casar, em 1974. Ele se lembra até hoje de como eram diferentes a vida e o bairro. “Nosso vizinho tinha até cavalos, e, quando fugiam, eu costumava montá-los. A maioria das ruas não tinha paralelepípedos, mas a Avenida Goiás tinha, no centro, porque as beiradas eram de terra. Entregava leite de charrete, aos domingos, na Praça Cardeal Arcoverde, na Rua João Pessoa, na Rua Baraldi, para aquelas pessoas que eram clientes do meu pai. Era muito gostoso. Aqui na Rua São Paulo, ouvíamos os sinos da Matriz tocarem. Nós falávamos: ‘Olha, vai começar a missa! Sabíamos quando o trem chegava. Tudo tinha horário, o trem saía quando o ônibus chegava. O ônibus não seguia até a Vila Gerty, e depois passava por Palmares e Santo André. Ele vinha até o Joanin. Era tudo terra e mato. De lá para cá, era terra. Eu nasci na Vila Gerty, onde havia muitas histórias de assombrações”, relembra.

Muitas dessas histórias foram criadas por conta da localização do bairro, que ficava no alto da cidade e, por isso, quando ventava, ouvia-se muito barulho. O artesão conta que “ainda hoje, quando dá ventania, se ouvem os fios da Eletropaulo assobiarem. Naquela época, por conta da terraplanagem, aquele vento fazia a poeira ficar

em formato de redemoinho e a criançada acreditava que era o Saci Pererê. Era preciso uma peneira para pegá-lo. Eu vinha ao estádio para vê-lo, mas não víamos nada, só aquele redemoinho e poeira”, lembra.

Outra história que marcou a infância de Caparroz ocorreu quando ele, ainda pequeno, presenciou as movimentações, na cidade, por conta da Segunda Guerra Mundial. “Passava tudo na minha rua, aviões, tanques de guerra, cavalaria. Nessa época, eu comecei a me entender como gente. Os soldados, armados, passavam arrastando os pés, ronco que doía o coração. Era guerra, e os brasileiros que iam partir precisavam treinar aqui”, explica.

Mais tarde, já na adolescência, o artista começou a viajar pelo Brasil. Ele conta que viajava muito de trem, e que, para conhecer o funcionamento desse meio de transporte, chegou a seguir por trechos ao lado do maquinista. Caparroz coordenava suas viagens com o trabalho na padaria do pai.

Em 1976, o artesão conseguiu emprego na General Motors e largou a padaria. “Trabalhei em várias outras indústrias e me aposentei aos 64 anos, por tempo de serviço. Na época em que estava nas empresas, sempre fazia carrinhos de madeira e dava aos meus amigos. Todo mundo queria e eu fazia tudo à mão”, relembra.

Vida de artista - Atualmente a rotina de Caparroz é dedicada exclusivamente aos entalhes e confecções de objetos em madeira. Ele e a esposa, Laíde Irene Sasso, de 69 anos, trabalham juntos. Ele fabrica os objetos, e ela faz as pinturas.

Quando a pessoa encomenda uma peça, o artesão explica ao cliente o que pode ser feito na madeira. “Eu faço o que você me pedir, mesmo que eu leve cinco dias, se eu não tenho o desenho na hora, vou procurar. O meu carro-chefe é o entalhe. Primeiro, é preciso fazer o desenho no lápis e, depois, com as ferramentas, vou cor-

tando. Já peguei até brasão de família e serviço em Nova Iorque para uma academia de tatuagem. Eu faço entalhe há mais de dez anos. Como é um trabalho muito rico, comecei a fazer e colocar frases de efeito, coisa que as famílias gostam. Muitas vezes, a pessoa pede placas com o nome de algum parente. Então eu procuro fazer o que posso. No entalhe, eu não tenho dificuldade, já fiz de tudo”, conta.

Para entalhar, Caparroz usa ferramentas de marcenaria, como goivas, formões, ferros a cantos, entre outros. O processo é simples, mas requer prática e cuidado. Primeiro o artesão faz o desenho e depois começa a cavar a madeira sobre o risco. Existem alguns detalhes importantes no desbaste do material, que ele explica: “A árvore cresce para cima, e suas fibras estão de cima para baixo ou, ao contrário, você tem que ir a favor dos veios. O tempo de confecção de um trabalho varia. Em geral, eu dedico uma hora por dia, por causa das costas. Não compensa ficar a tarde toda (*produzindo*), pois é um trabalho braçal. Eu gosto de buscar pão, ir à quitanda. Se ficar direto, não tenho energia para fazer outras coisas”, exemplifica.

Em relação à escolha das madeiras, Caparroz é cuidadoso e costuma ir às madeireiras para comprar o material, em especial o cedro. Outro trabalho que o artesão costuma fazer é a marchetaria. Essa técnica utiliza folhas. São necessárias duas ou três cores de folhas para alcançar o efeito desejado. A inspiração do artesão vem de suas próprias ideias: “Eu vou colando a fita crepe atrás das folhas como se montasse um quebra-cabeça. Vou encaixando, é a coisa mais simples do mundo, mas é preciso ter uma medida”.

Para facilitar o trabalho e dar conta das encomendas, Caparroz criou uma estrutura para a sua produção. Tira um dia inteiro para cortar todas as madeiras. Em outro, faz a montagem e, por fim, as pinturas. Peças como os oratórios,



Foto: Antonio Reginaldo Cunha (EPASCS)

Carrinhos, aviões, caminhões e carretas de madeira de Caparroz



Foto: Antonio Reginaldo Cunha (EPASCS)

Placa entalhada pelo artesão

que são muito requisitados, consegue fazer em dois ou três dias. “Tem temporada que é mais devagar, de janeiro a julho, é fraco, mas, no final de ano, é uma época boa. De junho para frente, eu começo a vender. Levo as obras para a galeria, que fica embaixo da estação de trem, e ali pego encomenda todos os dias. Trabalhei muitos anos na Praça da República e adorei. Tem gente que comprava até dez trabalhos. É muito bom, você conhece todo mundo. Fiz um tabuleiro grande de xadrez e coloquei lá. As pessoas vinham e perguntavam se podiam mexer e assim acabei ficando muito famoso”, explica.

Os números das produções de Caparroz ultrapassam sua timidez: são mais de 2,5 mil casinhas. Além delas, ganham destaque os jogos de xadrez, que receberam um toque personalizado em suas mãos. Ele leva de oito a nove dias para confeccioná-los. “As peças são praticamente todas redondas e, no torno, é rápido fazê-las”, finaliza. **(Priscila Gorzoni) R**

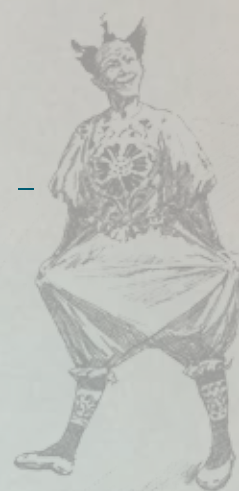
PALHAÇO:

O OFÍCIO DA ALEGRIA -

UMA HOMENAGEM A

ARMANDO FERREIRA CAVADINHA,

O PALHAÇO CAVADINHA



Dezembro é o mês da alegria! No dia 10, comemora-se o Dia dos Palhaços. A data começou a ser festejada no Brasil em 1984.

Quase todo mundo já viu palhaço na vida, mas muita gente não conhece a origem deste personagem que povoa a imaginação de crianças e adultos. Assim como o Homem Espantalho, personagem do romance *O Mágico de Oz*, de L. Frank Baum, o palhaço é um homem de palha. A palavra deriva do italiano, *pagliaccio* (*uomo di paglia*). Esse “homem de palha”, historicamente, se remete ao processo de êxodo do campo, o homem campestre, que já não podendo cultivar em suas terras, incorporadas pelos latifúndios, segue para a cidade grande para ganhar a vida. Por não ser mão de obra qualificada, não consegue emprego e vive de entreter e alegrar as pessoas na rua. Em troca de sorrisos, ganha o pão.

É assim que se constrói a imagem do palhaço melancólico, que, ao viver na rua, às vezes fica embriagado de cerveja, com espuma em volta da boca – por isso a maquiagem branca –, a fazer estripulias, a andar



Palhaço Cavadinha junto de seus patinhos anões, retratado pela fotógrafa Priscila Tessarini

desengonçadamente, a tropeçar e bater tanto com o nariz no chão, que este chega a ficar vermelho. Por não possuir dinheiro suficiente, usa peças que ganha de pessoas a quem alegrou. A vestimenta, por não ser feita sob medida, como terno largo ou curto demais, remendado, colorido e fora de moda, torna-se desproporcional, excêntrica.

O palhaço é o artista do riso. Mas isso não o torna patético, muito pelo contrário, há muita sabedoria no riso, numa gargalhada. Segundo a afirmação do filósofo Henri Bergson, “não há comicidade fora do que é propriamente humano”. Bergson, em *O Riso*, defende que as artes retiram os véus das coisas do mundo, fazendo com que as vejamos como de fato são, por elas mesmas, e não como simples rótulos ou etiquetas que, consciente ou inconscientemente, colamos sobre elas.

O palhaço é capaz de revelar o ridículo que cada ser humano carrega consigo, mostrando que todos são passíveis de erros. Tropeça-se e, com a queda, machuca-se, mas o palhaço sempre se levanta sobre seus sapatos espalhafatosos com sorriso no rosto, que revela a fé no que há de mais singelo, como a flor que leva na lapela, e o que há de mais ingênuo, como o olhar de uma criança que tudo quer conhecer. Essa é a figura que faz o público rir com simplicidade, verdade e graciosidade.

Entretanto, engana-se quem acha que só existe palhaço feliz. Existem palhaços melancólicos, palhaços do mal. Seja qual for o seu “tipo”, seja na rua, no teatro, no circo, em festas ou nos hospitais, ele sempre tem o objetivo de fazer surgir o riso, um alento de alegria que faz revelar retratos multifacetados da alma humana. Como representação da essência humana, o palhaço tem em seu corpo e olhar os maiores instrumentos na relação com o público.

Um destes heróis da comicidade é Armando Ferreira Cavadinha, de 79 anos, o homem que, há mais de seis décadas, dá vida ao Palhaço Cavadinha. Transmitiu aos filhos a honraria de

saber como ninguém fazer palhaçada. Carlos e Emerildo Cavadinha acompanhavam o pai nos espetáculos e acabaram por encarnar os palhaços Fubeca e Rabanete. O neto Vandriano transformou-se no Fubequinha e o bisneto também seguiu os passos do bisavô. Cavadinha também tem uma filha, Kelly, mãe de uma menininha.

E antes mesmo de eu começar a gravar o depoimento, o homem que dá vida ao palhaço se apresentou com ar bem resoluto: “Meu nome é Armando Ferreira Cavadinha, e isto que é o interessante, uso o meu sobrenome para o palhaço. Cavadinha era o sobrenome do meu pai. Nasci em 1935 e comecei a fazer palhaço em 1950”.

Armando Cavadinha diz que “os palhaços têm algo de especial, um dom herdado de Deus”. E sua herança para exercer o ofício da alegria vem do palhaço Strimilique. De tanto assistir aos seus shows, quando menino, Cavadinha encantou-se e aprendeu muitos de seus truques. Guarda consigo, como uma relíquia, um saxofone de lata que pertencia ao mestre que lhe inspirou. A peça deve ter mais de cem anos, pois Strimilique, que faleceu aos 85 anos, já o havia herdado do avô.

Cavadinha relembra as memórias de criança e os artistas do riso que lhe serviram como espelho, que o levaram a escolher esta pitoresca profissão: “Sou paulista paulistano, nasci na Rua Frei Caneca, uma travessa da Avenida Paulista. Nasci numa maternidade em São Paulo, fui registrado lá mesmo, mas logo vim com minha família para Santo André. Meus pais tinham uma casa de comércio na Avenida Senador Flaquer. Lá havia um terreno vazio, onde, naquela época, eram realizadas apresentações teatrais e circenses. Sempre na segunda parte do espetáculo, eram apresentados dramas e comédias, era o forte do show! Eu, menino, adorava assistir a um palhaço chamado Strimilique. Ele já é falecido há mais de 20 anos. Teve uma história extraordinária. Começou a atuar como palhaço com apenas 5 anos e foi

Personagens

o meu mestre em palhaçada. Eu o via todos os domingos, nas matinês. Com o passar do tempo, entrei para a escola de teatro do Sesi, onde tinha um diretor que montava peças com três atos, e ele me escalou para entrar em cena no segundo e terceiro atos, e, antes do primeiro ato, eu encenava como palhaço. Então, ali comecei. Não fiz curso para ser palhaço. Fiz para me tornar ator. Ser palhaço foi com a cara e a coragem. Então, eu era procurado para fazer a primeira parte, como palhaço, contudo, mais ainda, o interesse deles era que eu participasse nas montagens de teatro. Antigamente tinham muitos circos-teatros, hoje são poucos, pelo menos na Grande São Paulo. Deve haver mais para outros Estados ou no interior. Por gostar tanto das palhaçadas do Strimilique, quis ser palhaço também. O que me encantava nele era aquela ingenuidade tremenda, de criança. Depois, outros palhaços foram minha fonte de inspiração, o Piolim (Abelardo Pinto) e o famoso Arrelia (Waldemar Seyssel). O Piolim agregava ingenuidade e malícia. O Arrelia era irmão do Strimilique. Era alto e desengonçado, quando todos os palhaços excêntricos são baixos, sem sapatos de bicos imensos e finos, e sem bengalas compridas, falando difícil sem saber e errando sempre. Enfim, é um tipo de rua, um tipo que vai indo aos trambolhões, mas vai indo, mesmo sem instrução, é metido a sabido. Eu faço uma mescla dessas personalidades: engraçadas, ingênuas, malandrinhas, contudo sem maldade”.

Na casa simples, de paredes amarelas, habitada por patinhos anões, pombos e coelhos, companheiros de palco do palhaço, o clima é lúdico, tudo evoca as aventuras circenses de Cavadinha. Há muitos filmes sobre circos e palhaços, além dos retratos sobre a estante, dos filhos e netos, de pessoas amadas que partilharam da trajetória pelos palcos e nos espetáculos da vida. Na parede da sala, está pendurada uma série de quadrinhos com ilustrações de palhaci-

nhos, como aqueles da *Commedia Dell'Arte*, que se assemelham em demasia com Cavadinha. “Se eu quiser enganar alguém, dizendo que aqueles retratos são meus, qualquer um acreditaria. Inclusive eu tenho dois ternos que são idênticos aos dos palhacinhos da gravura”, afirma.

Ser palhaço é a essência de Cavadinha, mas nem tudo foi cômico nesta longa caminhada. O pai, comerciante, não aprovava a profissão do filho. Foi a mãe que lhe deu incentivo: “Meu pai conviveu perto de circos, mas ele não gostava da profissão que eu havia escolhido. Já a minha mãe sempre me apoiou, me ajudou, foi muito amiga. Foi ela quem me comprou a primeira peruca. Meu primeiro terno de palhaço foi ela mesma que confeccionou. Fiz curso no Sesi para me tornar ator. Entrei em um concurso de 1.114 candidatos, desses só ficaram 114. De outra seleção, ficaram apenas oito, e, desses, apenas eu. Mais tarde, depois de fazer o curso de ator, um diretor da General Eletric, Armando Sanchiari, acabou por me descobrir e me apresentou ao diretor da Rhodia, José Dias Monteiro. Então, fiquei por dez anos realizando espetáculos circenses para os funcionários da empresa, e depois comecei a fazer shows para diversas indústrias. E os meus filhos, que tinham aprendido a fazer palhaçada comigo, me ajudavam. Foram mais de cem empresas nas quais me apresentei. Com o decorrer dos anos, os sindicatos foram fazendo certas reivindicações às empresas, exigências que tinham direito de serem feitas, mas os diretores não achavam que tinham a obrigação de oferecer festas de Natal, por exemplo, e foram cortando este tipo de coisa para os funcionários. Então, tive de mudar o foco e atender outro público. Há muito tempo, venho fazendo apresentações em festas de aniversário. Os bufês e as famílias nos contratam, e algumas prefeituras também. Cheguei a realizar muitos shows em São Caetano, por exemplo. Na época, era a administração do

prefeito Braido. Houve uma ocasião em que, em apenas uma semana, eu me apresentei 20 vezes no Teatro Paulo Machado de Carvalho para as crianças das escolas da cidade. Em São Bernardo do Campo também (*me apresentei*). Certa vez, quem fez o encerramento do show foi o cantor Roberto Carlos, na Praça Lauro Gomes. Uma semana antes, na Praça Rudge Ramos, quem fechou o show foi o Ronnie Von”.

Logo no início da carreira, Cavadinha fez apresentação em uma penitenciária e, nesta ocasião, pôde estar com grandes ídolos que influenciaram sua maneira de atuar: “Eu só estava começando. Lá ia um humorista caipira bem conhecido, Genésio Arruda, e o mestre palhaço Arrelia. Eu tremia por vê-los, eram ‘os cobras”.

Cavadinha recorda-se do quanto era difícil exercer sua profissão décadas atrás, pois a arte parecia subversiva para as autoridades e até um inofensivo palhaço deveria passar por uma série de averiguações: “Nasci em 1935 e comecei a fazer palhaço em 1950. Hoje em dia, eu sou aposentado, mas, naquela época, para eu conseguir ser profissionalizado, demorou muitos anos. O curioso é que, quando eu comecei a trabalhar, as coisas eram bem diferentes das de hoje. Atualmente, se alguém inventa que quer fazer palhaço, sai se fazendo palhaço, tira o registro e pronto. Naquela época, não era assim. Há 60 anos, eu precisava ir a um departamento de polícia, e todo ano tinha de passar por entrevistas com dois delegados. Entrava em uma sala e o delegado perguntava como eu estava fazendo meus números. Depois, tinha que passar por outro, para atestar se a versão que eu havia contado era igual ao depoimento dado. Então, eu recebia um protocolo que havia passado pela averiguação. Era coisa do governo Vargas e, depois, da ditadura militar. Era bem rigoroso. Meus filhos, graças a Deus, não tiveram de passar por isso e milhares de palhaços também não precisam mais”.

Contudo, o importante é que o show deve continuar. E tanto Cavadinha quanto os filhos já fizeram rir três gerações: “Eu, com mais de 60 anos de palhaço, e meus filhos, com cerca de 40, somos requisitados por diversas idades. Sempre aparecem várias pessoas que gostam de



Arquivo/Armando Ferreira Cavadinha

palhaço e de circo e que nos contratam para fazer shows e relembrar a magia da infância, para matar a saudade de uma época de inocência, que as palhaçadas fazem recordar. Os palhaços não são só para crianças, são para todos que querem reviver a criança interior. Faço shows para casais de 40, 60, 80 anos, e meus filhos também. Tanto meus shows como os dos meus filhos misturam números cômicos, típicos de palhaço, e de magia. Meus filhos têm seus próprios espetáculos e preferem mesclar os números, numa hora fazem piada e na outra, magia. Eu sou o único dentre

Fotomontagem do Palhaço Cavadinha e dos filhos Carlos e Emerildo. Sem data

Personagens

nós três que separa, a primeira parte é de palhaçada e a segunda, de mágica. Os coelhinhos, que eu crio em casa, entram na parte da mágica. Não saem propriamente da cartola, como todo mundo espera, mas sim de uma caixinha. A vantagem que os palhaços levam sobre os mágicos é que nós deixamos as crianças fazerem carinho nos bichinhos, já os mágicos pedem aos ajudantes que levem os animaizinhos logo que finalizam o número. Tenho muitos apetrechos para os meus esquetes, alguns são aparelhos de mais de cem anos. Tenho também um relógio grandão, antigo, que a gente ia dando corda e, de repente, estourava, fazia um barulhão! Eu não faço mais isso hoje, por causa dessa história de criminalidade, sabe? Pode parecer estouro de bomba, tem tanta gente traumatizada, as pessoas podem ficar assustadas com o barulho. Meu trabalho é conseguir tirá-las da preocupação, da tristeza, da amargura, nem que for por alguns minutos”.

O palhaço é a figura que leva alegria indistintamente de classe social, sexo e idade. O público pode ser homem ou mulher, criança ou idoso, independente da situação em que se encontra. Assim como já se apresentou em eventos públicos na presença de autoridades, como o ex-presidente da República e ex-prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, para o ex-governador do Estado de São Paulo Laudo Natel e para o ex-presidente da República general Arthur da Costa e Silva, Cavadinha também levou um pouco de alento, com sua alegria, a penitenciárias e hospitais. “Hoje é moda palhaços indo a hospitais para alegrar os doentes. Todos falam dos Doutores da Alegria, mas, muito antes, eu já fazia meus esquetes em hospitais. Posso dizer que fui um dos primeiros a fazer este tipo de trabalho. Lembro bem da ocasião em que fui me apresentar no Hospital Príncipe Humberto, em São Bernardo do Campo. Hoje em dia, há até escola para Doutores da Alegria. O mesmo show

que eu faço para crianças, faço em asilos. Fiz um show no Hospital Albert Einstein, numa Sexta-Feira Santa, há uns dez anos. Tinham velhinhos vindos de uma casa de repouso para idosos que sobreviveram à Segunda Guerra Mundial, na maioria poloneses. Muitos estavam mutilados, sobre cadeira de rodas. O rapaz que trabalhava comigo disse: ‘O que vamos fazer para estes senhores? O que vai acontecer?’. Eu respondi: ‘É só deixar o show começar’. Antes de iniciarmos, entraram três rabinos, que tocavam harpa e outros dois instrumentos e cantaram músicas judaicas. Depois nós, palhaços, entramos em cena. No meio do show, uma senhora, com acentuado sotaque, pediu a palavra e disse: ‘A festa de hoje é a coisa mais bonita que eu podia ver, obrigada por trazer este palhaço, que é uma simpatia’. Eu guardo estas coisas na lembrança.”

Cavadinha lembra também da história de um garoto da Casa da Esperança durante um show no Clube Aramaçan, em Santo André: “Todo ano acontecia a festa de Natal no Clube do Aramaçan, mas eu não era a pessoa que montava os espetáculos. Quem fazia isso era o palhaço Matraca, o Sidney Guerrero, e ele me levava para participar. Um garoto escondeu minha cachorrinha de pano, e ria muito em sua cadeira de rodas, porque eu estava procurando pelo objeto. Por fim, ele a devolveu. Eu sei até hoje quem é, mas ele não me reconheceria, pois só me viu caracterizado como palhaço, com o rosto todo pintado. Esta história me traz muita alegria por me lembrar do sorriso daquele menino”.

Outra história miraculosa das palhacices de Cavadinha é de quando, ao terminar um espetáculo, o pai de uma criança que estava na plateia se aproximou e disse a ele: “O meu menino desenhou o senhor enquanto fazia o show. Meu filho gostaria de lhe dar o desenho de presente, o senhor aceita?”. O palhaço respondeu: “É claro! Vou guardá-lo como lembrança!”. Assim, foram

buscar o pequeno retratista. “Quando o menino entregou o desenho, percebi que ele havia me representado sem os dois antebraços, porque ele não os tinha, era uma deficiência de nascença. Fiquei muito comovido”, relembra. “E é por isso que a profissão de palhaço é tão importante”, afirma Armando Cavadinha. “Cada vez mais,

aparecem meninos querendo fazer palhaço. E o desafio, sempre, é que eles possam continuar a fazer uma criança, ou seja quem for, sorrir. É a coisa mais bonita que conseguimos com as nossas trapalhadas.” Pois o sorriso nos lábios é como um bálsamo, que move um palhaço a continuar o seu show. (Mariana Zenaro) **R**

HISTÓRIA DO PALHAÇO

A história do palhaço se confunde com a do próprio circo. A figura do palhaço, embora seja originária de um contexto trágico, de pobreza e falta de perspectiva de ascensão social e econômica, devido ao processo de êxodo rural, também se associa a um universo sublime, da arte do espetáculo, é um dos entretenimentos mais antigos que existe no mundo.

Ninguém sabe ao certo a data de seu surgimento, contudo estima-se que os fundadores da arte circense foram os povos nômades. Pesquisas feitas com base numa iconografia de cerca de 5 mil anos na China mostram algumas figuras de acrobatas e equilibristas. A partir dessa descoberta, surge a hipótese de que o circo tenha nascido em terras chinesas. Outra evidência disso é que, à época, os guerreiros utilizavam a acrobacia como forma de treinamento para dar mais agilidade e força durante as guerras. Já o palhaço vem da antiga função que tinha o bobo da corte, de divertir o monarca. A figura



social do bobo da corte surgiu há mais de 2,5 mil anos a. C.. Teria sido durante a dinastia do faraó Dadkeri-Assi que “bufão” teria feito suas primeiras aparições.

A *Commedia Dell’Arte*, que surgiu na Europa, mais especificamente na Itália, no século 16, acabou por utilizar o modelo do bobo da corte para criar seus espetáculos. Máscaras divertidas, coloridas, criativas, irreverentes, roupas largas e sapatos engraçados são as características mais marcantes dos trajes que caracterizam os personagens das comédias produzidas por esses grupos de teatro de itinerância, além das típicas piadas criadas para divertir o público, com uma pitada de sarcasmo e até inocência e romantismo.

A fusão entre o bobo da corte, os atores da *Commedia Dell’Arte* e o circo acabou originando o palhaço que conhecemos hoje. Sua história é um misto de beleza, criatividade e transformações sociais, econômicas e culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BERGSON, Henri. *O riso – ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
BOLOGNESI, Mário Fernando. *Palhaços*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
FERRACINI, Renato. *A Arte de Não Interpretar Como Poesia Corpórea do Ator*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
RUIZ, R. *Hoje tem espetáculo? As origens do circo no Brasil*. Rio de Janeiro: INACEN, MINC, 1987.

SITE:

<http://www.mundoclown.com.br/umpoucodahistoria>. Acesso em: 29 set. 2011, 10:37:18

Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Olga Montanari de Mello, em foto de 1957

Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Olga Montanari ao lado de companheiros de luta autonomista, em foto tirada na Câmara Municipal de São Caetano do Sul, durante as comemorações da Semana da Autonomia, em outubro de 2010. A partir da esquerda, observam-se: Nelson Infanti, Mário Dal’Mas, Mário Porfírio Rodrigues, Desirée Malateaux e Ettore Dal’Mas

Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

MANIFESTO

A MULHER E AO POVO DE SÃO CAETANO DO SUL



Por força da lei assisti a mulher o direito ao exercício de voto, podendo influir na escolha dos candidatos os cargos de governo. Esta força e este direito traz no entretanto o dever de fazer representar o seu pensamento por um vereador do próprio sexo - por uma mulher.

Concede uma mulher poder compreender e submeter da sua fé de carne, ou de um cartão de Cruz. Não importa que essa representante da mulher de São Caetano do Sul, pertença a este ou aquele partido, o que importa é que ela seja capaz de defender com decisão e firmeza os interesses do grupo mais sacrificado da população - A mulher de São Caetano do Sul.

Dentro desse critério é que surgiu e foi lançada a candidatura de **OLGA MONTANARI DE MELLO**, Professora da Escola Paroquial de São Caetano do Sul, e filiada ao partido UDN, na Autonomia de São Caetano do Sul, e que se propõe lutar pelas seguintes reivindicações:

- 1 - reorganização da guarda de lixo de São Caetano do Sul e do Capital;
- 2 - passar a trabalhar com redução nos Direitos do Município;
- 3 - grupos Esportivos Municipais nos Bairros do Município;
- 4 - plebiscito e cumprimento da Legislação Trabalhista que diz respeito ao funcionamento de creches nas indústrias;
- 5 - centro de Puericultura;
- 6 - criação de Parques Infância;
- 7 - criação de Escolas Profissionais para ambos os sexos.

VOTE NO YES EN YES
APROVEITE O SIM NA SUCESSO!

PARA PREFEITO: ANÍCELIA MANTOVANI, PREGUIZADINHO
PARA VEREADOR: OLGA MONTANARI DE MELLO
e demais

RAÍZES homenageia

Olga Montanari de Mello

A revista *Raízes* não poderia deixar de prestar homenagem, mesmo que singela, a Olga Montanari de Mello. Protagonista da história política de São Caetano do Sul, ao lado de outros nomes que, como ela, lutaram pela autonomia administrativa da localidade, a homenageada já foi tema de um artigo da publicação, de julho de 1994, fato plenamente compreensível diante dos contributos deixados por Olga Montanari ao município.

Nascida em São Paulo, no Bairro da Lapa, em 1º de dezembro de 1920, foi criada em Santo André. A chegada a São Caetano deu-se depois de seu casamento com Jayme Barbosa de Mello. Olga estava com 20 anos. Professora de formação, lecionou no então Grupo Escolar Humberto de Campos (atual Escola Municipal de Ensino Fundamental – EMEF), em São Paulo, e “em quase todas as escolas de São Caetano,”¹ como afirmava.

Seu engajamento na política observou-se em razão de sua ativa participação no movimento autonomista, que alçou São Caetano à qualidade de município. Uma das líderes de tal movimento, Olga Montanari elegeu-se vereadora pela União Democrática Nacional (UDN), vindo a compor a Câmara Municipal em sua primeira legislatura (1949-1953). Outros dois mandatos marcariam ainda sua trajetória junto ao Legislativo local (1953-1957 e 1957-1961). As prioridades que pautaram suas proposituras e projetos foram, predominantemente, questões ligadas à educação, saúde e cultura. “Como mulher, sempre procurei dar ênfase à assistência social e, como professora, meus projetos estavam voltados para a cultura, educação e saúde. Lutei muito

Panfleto da campanha da líder autonomista e então candidata à vereadora, Olga Montanari de Mello, em 1949. Nele, consta o *Manifesto à mulher e ao povo de São Caetano do Sul*

para a construção de escolas na cidade [...]”²

Mas, além de todo esse comprometimento com assuntos primordiais ao bem comum, sua jornada como vereadora seria também fortemente marcada pelo episódio da ameaça de desemprego a cerca de 1 mil operários da indústria Louças Adelinas. Esse episódio foi deflagrado por ocasião de uma discórdia provocada por ação de desquite, movida por Manoel de Barros Loureiro (proprietário da fábrica) contra sua esposa, a senhora Adelina de Barros Loureiro. Instaurado o conflito entre os filhos do casal, em face da perspectiva da divisão dos bens da família, o litígio estendeu-se, em meio a estratégias e reviravoltas, culminando com o fechamento da fábrica. Nesse contexto, a então vereadora Olga Montanari foi procurada para orientar os aflitos operários, incumbência que assumiu com firmeza e espírito de luta. Em abril de 1954, da tribuna da Câmara Municipal e já em seu segundo mandato como vereadora, ela anunciava aos demais parlamentares a decisão favorável da justiça aos funcionários das Louças Adelinas, assegurando-lhes o recebimento dos direitos trabalhistas.

Não foi só na política sul-são-caetanense que a atuação da líder autonomista e primeira vereadora foi marcante. Na vanguarda de outros aspectos tidos como exclusivos ao universo masculino, Olga Montanari de Mello deixou sua marca em trabalhos filantrópicos, como os que realizou na qualidade de diretora do Departamento de Relações Públicas da Instituição Assistencial Meimei, que presta atendimento gratuito a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e/ou econômica, residentes em comunidades carentes de São Bernardo do Campo e Diadema.

A ex-vereadora faleceu no dia 30 de novembro de 2013, deixando um filho, Ruy Barbosa de Mello. Por todo seu dinamismo, pioneirismo e idealismo, Olga Montanari de Mello foi uma figura peculiar na história de São Caetano do Sul. Que seu legado possa ser conhecido pelas gera-

ções futuras. Aos que com ela conviveram, ficam as lembranças, a saudade e, naturalmente, as reverências, como forma de gratidão, admiração e respeito. **(Cristina Toledo de Carvalho) R**

Manifesto à mulher e ao povo de São Caetano do Sul

O dinamismo que caracterizou a personalidade de Olga Montanari de Mello era perceptível em vários aspectos de sua vida. Em sua trajetória política, contudo, esse traço era mais marcante e inconfundível. Durante a campanha referente às primeiras eleições municipais, em 1949, Olga Montanari, que, na ocasião, concorria a uma vaga na Câmara, expôs seu pensamento a respeito do quão importante seria a presença de uma mulher junto às engrenagens nascentes do poder político local. No panfleto intitulado *Manifesto à mulher e ao povo de São Caetano do Sul*, distribuído no contexto de sua candidatura, tais ideias foram veiculadas em tom contundente e realista, por meio do qual Olga expõe questões que afligiam o cotidiano das mulheres sul-são-caetanenses, colocando-se como defensora de seus interesses.

Pela importância do discurso, segue a transcrição do texto, que se impõe como uma preciosa fonte histórica: “Por força da lei assiste à mulher o direito do exercício do voto, podendo influir na escolha dos candidatos aos cargos do governo. Esta força e este direito trazem, no entanto, o dever de fazer representar o seu pensamento por um vereador do próprio sexo: por uma mulher. Somente uma mulher pode compreender o sofrimento de uma fila de carne, ou de um cartão de óleo. Não importa que essa representante da mulher de São Caetano do Sul pertença a este ou àquele partido, o que importa é que seja capaz de defender com decisão e firmeza os interesses da parte mais sacrificada da população: a mulher de São Caetano do Sul”³.

NOTAS

¹Trecho do depoimento de Olga Montanari de Mello, extraído do seguinte artigo: HERAS, Paulo. Olga Montanari: exemplo da atuação da mulher na vida pública de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 11, p. 11-15, jul. 1994, p. 12. O trabalho em questão serviu de base para a elaboração dessa pequena homenagem.

²Ibidem, p. 15.
³Ibidem, p. 12.

Neusa Schilaro Scaléa

Música e artes visuais



Afirmam os musicólogos e musicistas - com certa dose de provocação - que a música é a arte perfeita. E, claro, explicam o porquê dessa afirmação. Mas, pequenas e por vezes divertidas divergências à parte, não há nenhum antagonismo ou disputa entre as linguagens ou formas de expressão artística. Muitos artistas souberam se expressar por meio dos sons ou cores, massas, tintas e das chamadas artes plásticas ou visuais. Sem esquecer outras formas de manifestação, como a dança e o teatro.

Há, na história, muitos exemplos em que as artes se complementam. O cinema demonstra como as linguagens podem se desenvolver conjuntamente, unindo imagem, som, dramaturgia, emprego de técnicas específicas para produzir um trabalho, que, em alguns casos, se tornam verdadeiras obras de arte.

Uma composição musical na qual o próprio compositor declara no título sua intenção é *Quadros de uma Exposição*, de Modest Petrovitch Mussorgsky (1839 - 1888). Induzidos pelo próprio nome, somos levados a apreciar a melodia como se estivéssemos percorrendo galerias de uma mostra de arte. Só depende da imaginação e do deixar-se levar pela música para ter a ilusão de ótica complementar. Dependendo de seu repertório, o ouvinte pode imaginar obras contemporâneas ao pintor, isto é, trabalhos realizados no século 18, ou apenas manchas e cores dispostas em sintonia.

Bem antes de Mussorgsky, Schubert (1797- 1828) nos deixou uma linda e pequena obra, o *Quinteto para Piano em Lá* (*The Trout*, D.667), que inclui variações sobre o tema *A Truta* (*Die Forelle*, D. 550). Mais uma vez, o compositor nos oferece no

título a chance de imaginarmos, por meio de sua composição, os sons que podem representar um regato de água límpida, onde se agita um peixe, no caso a truta, com reluzentes escamas brilhando ao sol.

As catedrais medievais são magníficas, não só arquitetonicamente, mas também são adequadas aos sons de vozes, à elevação espiritual pela harmonia sonora. Na história, a monja beneditina Hildegarda de Bingen (1089 - 1179), teóloga, compositora, escritora e dramaturga, transformou sutilmente o canto gregoriano. Suas composições trouxeram ao cantochão mudanças que renunciavam a música barroca. Mais tarde, Claudio Monteverdi (1567 - 1643) quebrou as regras da polifonia, e, a partir dessas transformações, surgiu o período que ficaria conhecido como barroco.



© RMN-Grand Palais (Musée d'Orsay) / Hervé Lewandowski

Jeunes filles
au piano,
Pierre
Auguste
Renoir, 1892



Domínio público

Desenhos
de Pablo
Picasso
para os
balés russos
de Sergei
Diaghilev



Domínio público

Retrato
da monja
beneditina
Hildegard
Von Bingen,
no *Liber
scivias
Domini*

Por outro lado, é bastante fácil assimilar a música barroca, fecunda e inovativa em sua época, a outros fazeres artísticos desse período, em especial à pintura e à escultura. Johann Sebastian Bach (1685 - 1750) e seus filhos, entre eles Carl Philipp Emanuel, criaram inovações e transformaram a música, ainda ligada intimamente à religião.

E no barroco tardio brasileiro, ao tempo das obras escutóricas de Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho) e outros talentosos e anônimos artistas, surgem composições musicais dos padres José Maurício Nunes Garcia e João de Deus de Castro Lobo, que, embora tragam indubitavelmente influências europeias, são também obras importantes.

Passando para o século 18 até o limiar do 19, encontramos os pintores impressionistas acompanhados da música de Erik Satie, Claude Debussy e Joseph-Maurice Ravel, contemporâneos de Monet, Manet, Corot, Rembrandt, Berthe Morisot e outros. Obras como *Prelúdio à tarde de um fauno* e *A Catedral Submersa* (Debussy), e as *Gymnopédies* (Satie), ficaram longo tempo muito ligadas ao impressionismo, embora compositores, como o próprio Debussy, não aceitassem essa denominação, que foi cunhada por críticos e assimilada, posteriormente, para designar uma estética espontânea de um grupo de artistas livres.

Há ainda composições musicais que são direcionadas à dança e que têm cenografia realizada por artistas plásticos, como foi o caso de Pablo Picasso, que fez cenografia para o balé *Pulcinella*, com música de Igor Stravinsky, em 1922, ou ainda Satie, que fez a música para o balé *Parade*, para o qual Picasso desenhou o guarda-roupa e Jean Cocteau realizou a cenografia, em 1917. Esses trabalhos ficaram registrados na história da arte ocidental. Mas há encontros menos espetaculares e mais íntimos entre artes visuais e música.

Um pintor que também coloca a música em seu trabalho é Wassily Kandinsky (1866 - 1944). Kandinsky (não por acaso era também compositor) entendia a arte como algo único e muito ligado à espiritualidade. Ele é

considerado o primeiro ou um dos primeiros pintores a se desfazer da figuração. Ou seja, na superfície plana do quadro coloca manchas, formas e linhas que não representam objetos conhecidos, deixa de lado figuras definidas e claras, simbolizando objetos, pessoas ou paisagens, com peso e massa, como são vistos pelo olho humano. É o que hoje chamamos de abstracionismo, abstrair as formas e representar a natureza dos objetos, sua essência¹.

Uma maneira simples de comparar a obra abstrata e a figurativa seria fazer um paralelo entre uma melodia com letra para ser cantada e uma outra apenas instrumental. Na canção com versos cantados quase sempre há uma narrativa que influenciará o ouvinte, deixando bem mais clara a intenção do compositor, embora o ouvinte vá sentir, conforme suas disposições, o conteúdo do trabalho. A poesia e a palavra podem estar claras para os ouvidos, mas nem sempre o estão para os sentimentos e a mente.

E, ao ingressarmos no âmbito da arte pós-moderna ou contemporânea, chegamos à integração quase total das linguagens artísticas. A composição sofre mudanças e novos instrumentos – assim podem ser chamados – são incorporados à música, como a música eletroacústica de Pierre Schaffer, as obras para piano preparado de John Cage, a música minimalista de Phillip Glass, a música concreta que utiliza ruídos urbanos, sons industriais, ou seja, fragmentos sonoros diversos, que podem ir desde a voz humana até ruídos de engrenagens ou animais.

Também não podemos deixar de citar o belíssimo trabalho de R. Murray Schafer, músico, compositor, ambientalista, professor e pesquisador canadense, que criou o conceito de *paisagens sonoras*, e formou na Simon Fraser University, no Canadá, o *World Soundscape Project* (em português, Projeto de Paisagem Sonora Mundial) na tentativa de unir arte e ciência no

desenvolvimento de uma interdisciplina chamada de projeto acústico.

No Brasil, e até mesmo na região do ABC, o compositor e *luthier* Fernando Sardo, criador do Grupo de Música Experimental (GME), do qual fazem parte Fábio Marques, Flávio Cruz, Rodrigo Oliviero, Bira Azevedo e Luciano Sallun, criou instrumentos com materiais pouco convencionais, utilizando até mesmo sucata, e também elaborou *Esculturas Sonoras* (obras tridimensionais colocadas, de preferência, em espaços abertos, que emitem sons ao sofrerem ação do vento ou de um toque sutil). Unindo habilidade artística, conhecimento apuradíssimo de música e criatividade, o GME produz obras de grande qualidade.

O curto espaço deste artigo não permite ampliar este tema, mas desejamos apenas assinalar, chamar atenção para um mundo fascinante de imagens e sons que está ao nosso alcance. Basta desligar-se das imposições comerciais fabricadas para consumo, sem qualidade, repetitivas, e repetidas exaustivamente para serem facilmente assimiladas e vendidas como sabão em pó.

Cercar-se de arte, ser seletivo e procurar pelo que é bom. As obras musicais ou plásticas e visuais que resultam do conhecimento, da pesquisa, de técnicas apuradas e da sensibilidade, independente da época em que foram realizadas, continuarão a ter os conteúdos que lhes são inerentes para deleitar os espíritos dispostos a fruir o melhor que o ser humano já produziu ou produz. **R**

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ARGAN, Giulio Carlo, *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SITES PARA CONSULTA:

www.artsalive.ca/en/mus/.../schafer/bio.html

<http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/r-murray-schafer-emc/>

www.dw.de/hildegard-von-bingen-a-mulher-que-uniu.../a-

GOFF, Jacques Le. *Em Busca da Idade Média*

PERNOUD, Regine. *Hildegard de Bingen - A consciência inspirada do século XII*. Editora Rocco

NOTAS

¹Em geral, entende-se como abstração toda a atitude mental que se afasta ou prescinde do mundo objetivo e seus múltiplos aspectos.

NEUSA SCHILARO SCALÉA

É FOTÓGRAFA, ESPECIALISTA EM CURADORIA E EDUCAÇÃO EM MUSEUS DE ARTE PELO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (MAC-USP) E É COORDENADORA DA PINACOTECA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL.

Renê Dalton

CRIATIVIDADE QUE REPARA



Foto: Rafael Lobo

Músico
Renê
Dalton

Processo de construção de instrumentos por meio de materiais recicláveis e alternativos, no projeto social *A música do lixo*



Arquivo/Renê Dalton/Helanny Raposo

“O homem nunca produziu um material tão resiliente quanto o espírito humano.”

(Bern Williams)

Emoções musicais – As emoções desencadeadas pela música vêm sendo estudadas desde a antiguidade. Entretanto, somente a partir do início do século 20, este objeto de estudo passou a ser investigado de forma mais sistemática por pesquisadores, especialmente na área da psicologia.¹ Neste sentido, o estudo da resiliência vinculada à cognição musical traz à luz um novo acesso à liberdade, pois demonstra como a música pode exercer um papel de reparação sobre essa inaudita capacidade de construção humana.²

Resiliência é um termo usado inicialmente pela física para indicar a capacidade de alguns materiais em absorver impactos e retornarem ao estado inicial. O estudo da resiliência, sob a ótica da psicologia, teve início com Martin Seligman (2004) e o movimento foi denominado de psicologia positiva. Segundo o autor, a palavra felicidade comporta um conceito muito abrangente. Nossas expectativas podem ser mais precisamente nomeadas como procura do bem-estar. O foco de estudo de Seligman (2012) consiste, principalmente, em casos de pessoas que conseguem se reerguer de processos danosos.³

A música, devido ao seu forte componente emocional, e o próprio engajamento artístico, torna-se uma tutora de resiliência⁴, principalmente, durante processos de crises e angústias. E foi exatamente após um momento de crise, causado pelo estresse do dia a dia, que o músico Renê Dalton encontrou forças para emergir sua vida de outra maneira, transformando também a vida de várias crianças e jovens carentes por meio de seu projeto social *A música do lixo*.

*‘Sauve-toi, la vie t’appelle’*⁵ – Há sete anos, o músico largou sua vida profissional em São Paulo e rumou para o Nordeste a fim de uma libertação pessoal por meio da criação de um projeto social intitulado *A música do lixo*.

Descendente de árabes, Renê Dalton He-luany Raposo é natural de São Paulo, mas viveu em São Caetano do Sul, no Bairro Mauá, dos 2 aos 18 anos de idade. Formou-se em arte e teoria da comunicação, iniciando sua carreira artística no ano de 1984, com desenho animado, integrando importantes equipes de estúdios, dentre eles: Maurício de Souza, Hanna Barbera, Marvel e Walt Disney.

Atuando nas áreas de ilustração e histórias em quadrinhos, recebeu, em 1988, o prêmio HQ Mix de melhor história em quadrinhos de publicação empresarial e, até os dias de hoje, sua mestria é requisitada em projetos gráficos, criação de personagens, *web design*, vinhetas e curtas de animação.

Dalton iniciou seus estudos musicais em 1996, tendo sua orientação voltada para música e instrumentos étnicos e ancestrais. Participou de cursos, oficinas, vivências e workshops de música e percussão, ministrados por músicos nacionais e internacionais, dentre eles: Naná Vasconcelos (percussionista brasileiro), Mahmoud Masri (percussionista egípcio), George Mouzayek (percussionista sírio), Petit Mamady Keita (percussionista africano), Abhay Sopori (maestro indiano), Anuradha Pal (tablista indiana) e Stomp (famoso grupo de dança do Reino Unido, que usa o corpo e objetos comuns para criar performances teatrais físicas percussivas).

Renê Dalton domina os instrumentos de percussão de origens árabe, africana e aborígene australiana, e participou como percussionista em vários grupos musicais de diferentes estilos, como: Celtic Soul (música celta), Dueto Meio Oriente (música árabe), X-Tradition (banda norte-americana), Trybus (música étnica tribal *fusion*), entre outros. Além de músico, ele também é *luthier*⁶ e ministra workshops, principalmente no Nordeste brasileiro, região onde reside atualmente.

Semeando dignidade – A ideia do projeto social *A música do lixo* se deu quando Dalton começou

a cogitar a possibilidade de criar instrumentos musicais a partir de materiais recicláveis. Até que, em 2007, largou sua vida profissional em São Paulo, mudando-se para o Nordeste a fim de aplicá-lo. Apesar de toda resistência encontrada ao longo do caminho, nada disso interrompeu o traço fundamental de seu incontornável otimismo e o sonho de viver com dignidade daquilo que ama fazer: a música. A criação desse projeto, além de fazê-lo largar a rotina lancinante de São Paulo, lhe proporcionou sua primeira grande libertação de vida, já que tinha começado a trabalhar muito novo, aos 9 anos de idade, e nunca antes havia tirado férias.

Tendo como principal missão semear a dignidade, o projeto tem como base quatro pilares: inclusão social, inserção cultural, conscientização ambiental e geração de renda. Propõe, sobretudo, a produção de instrumentos musicais a partir de material reciclável e alternativo, estimulando a criatividade, a consciência ambiental e a responsabilidade social por meio de oficinas de construção, iniciação musical, educação artística e técnicas de toque e ritmos. Para tanto, se divide em três módulos: construção de tambores, *didgeridoos*⁷ e efeitos de percussão; treinamento de técnicas de toque e ritmos; e apresentação pública.

O músico salienta que estas atividades, além de importantes resultados para o desenvolvimento emocional e cognitivo, trazem também diversos benefícios à saúde, pois a prática do toque de tambores estimula o desenvolvimento consciente da coordenação motora fina, proporciona atividade física moderada, relaxamento, e sua prática regular produz efeitos neuroendócrinos e imunológicos cumulativos. Já a prática de toque de *didgeridoo* tem sua eficácia comprovada no combate da apneia do sono e ronco, e promove melhorias no sistema respiratório por estimular o desenvolvimento da respiração circular e o fortalecimento dos músculos da via aérea



Acervo/Renê Dalton Helmutz Raposo

Processo de aprendizado rítmico, no projeto social *A música do lixo*



Acervo/Renê Dalton Helmutz Raposo

Alunos do projeto social *A música do lixo*, aplicado na cidade de Encanto (RN)

superior, diminuindo a tendência do distúrbio durante o sono, além da redução da ansiedade e da vulnerabilidade ao estresse.

Dalton afirma que outro grande benefício que o projeto trouxe à vida de meninos e meninas é o da autoestima. Devido à música ser lúdica, trabalha muito a sensibilidade, ampliando o entendimento e o discernimento, tornando-os mais seguros e coerentes. Essa transformação é percebida, principalmente, no tom da voz e maneira de se portar.

Conhecendo o trabalho de Dalton, que enxerga a música como uma das expressões fundamentais da vida humana, fica evidente quão benéfica e reparadora ela pode se tornar. Mesmo com grande erudição, ele acredita piamente na energia orgânica que a música tem de “mover os afetos” das pessoas, modificando e edificando-as.

[...] segundo Passeri, no prefácio de Lyra Barberina (1974, apud CHASIN, 2004 p. 7), a música deve secundar [a natureza] na expressão das paixões, para onde, principalmente, se voltou o doutíssimo Doni com seus ensinamentos. Notou Aristóteles que nos ritmos existem as imagens da ira, do amor, da dor e a docilidade. Eis então a música obrigada a se orientar pela filosofia acerca da índole e modo de proceder de cada uma destas comições. Quem fizer diversamente, poderá cantar bem, mas nunca moverá a alma.⁸

Se é mesmo por ação que os homens se definem, conforme afirmou Caio Prado Jr, um

dos maiores historiadores brasileiros de todos os tempos, é por esse caminho que o músico Renê Dalton conseguiu reconciliar sua essência com sua existência, e seus princípios gerais com seus valores concretos. Fez de sua criatividade um instrumento reparador, transformando um momento de crise em arte, arte em afeto, afeto em música e música em sua grande libertação.

Com efeito, e sem nenhum exagero, estas poucas linhas desvelam parte da essência de um grande artista e singular homem, em um ecoante instrumento torneador de almas. **(Talita Scotá Salvatori) R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES:

CHASIN, Ibaney. *O canto dos afetos*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
CYRULNIK, B. *Resiliência – Essa inaudita capacidade de construção humana*. Instituto Piaget.: Divisão Editorial, 2001.

SITES

ANÁIS DO X SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS – 2014. Disponível em: <<http://www.abccogmus.org/documents/SIMCAM10.pdf>>. Acesso em: 19 de set. 2014.
BRASIL. PROFISSÕES. Disponível em: <http://www.brasilprofissoes.com.br/profissoes/pluthier#_VCxQWGddWY4>. Acesso em 01 de out. 2014.
CORDEIRO, DR. ELIEZER DE HOLLANDA. Autobiografia de Boris Cyrulnik. Psychiatry online Brasil. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano12/fran1112.php>>. Acesso em: 15 de set. 2014.
GALVÃO, AFONSO. *Cognição, Emoção e Expertise Musical*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a06v22n2.pdf>>. Acesso em: 17 de set. 2014.
MAC MOVIMENTO ARTE CULTURA. Disponível em: <<http://macmovartecultura.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>>. Acesso em: 22 de ago. 2014.
WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em 22 de set. 2014.

NOTAS

- ¹ RAMOS, Danilo. Emoções musicais: abordagens multidisciplinares. In: *Anais do X Simpósio de Cognição e Artes Musicais – 2014*.
- ² O termo refere-se ao título do livro de Boris Cyrulnik, um neuropsiquiatra, psicólogo, psicanalista e etologista francês. É considerado o mais importante estudioso de resiliência da França e um dos melhores exemplos no mundo da teoria e da prática da resiliência.
- ³ MÁTTOS, Sandra Carvalho de. *Música e Resiliência. Caminhos de transformação*. In: *Anais do X Simpósio de Cognição e Artes Musicais – 2014*.
- ⁴ Baseado naquilo a que Boris Cyrulnik apelida de “tutor de resiliência”, a música torna-se um ponto de apoio, uma mão estendida em processos de tormentos físicos e psicológicos. Dai a importância do estudo da resiliência e a utilização da música como possibilidade de transformação.
- ⁵ “Salva-te, a vida te chama”. O termo utilizado dá nome ao último livro de Boris Cyrulnik. Autobiográfico, é um livro sobre a ferida e a cura, sobre a indiferença que mata e o vínculo afetivo que salva.
- ⁶ Luthier (ou lutier) é o profissional que trabalha com a construção e manutenção de instrumentos musicais. Originalmente, a liuteria é a arte que trabalha apenas com instrumentos de corda, como violão, violino ou baixo, mas generalizou-se o uso do termo para denominar todos os profissionais que trabalham com todos os instrumentos, sejam de corda, sopro ou percussão. Esse profissional é responsável por construir, manter e afinar instrumentos.
- ⁷ O didjeridu (ou didgeridoo) é um instrumento de sopro dos aborígenes australianos. É um aerofone, ou seja, um instrumento no qual o som é provocado pela vibração do ar. O som no didjeridu é produzido pela vibração dos lábios e por outros sons produzidos pelo instrumentista. Estudos arqueológicos, baseados em pinturas rupestres, sugerem que o povo aborígene da região de Kakadu já utilizava o didjeridu há cerca de 1.500 anos.
- ⁸ CHASIN, Ibaney. *O canto dos afetos*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 7.

Domingo Glenir Santarneckchi

IRMÃ LYDIA:

UMA VIDA DEDICADA AO PRÓXIMO

Irmã Lydia em imagem da década de 1990



Omês de fevereiro de cada ano marca o acontecimento de três eventos importantes. Em 2014, são lembrados os 116 anos da fundação das Irmãs

Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento, comemora-se ainda o centésimo sétimo aniversário da chegada das Clarissas ao Brasil, onde até hoje marcam sua presença, e, finalmente, são celebrados os 66 anos de vida religiosa da irmã Lydia Lopes de Assis, que fez seu noviciado em 1º de maio de 1948.

Quando perguntaram a Cristo qual seria o mais importante dos mandamentos, ele respondeu: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”. E é isso que irmã Lydia vem fazendo ao longo de sua vida religiosa, dedicada inteiramente ao próximo, principalmente àqueles que se encontram enfermos em um leito de hospital.

Nascida em 1º de agosto de 1926, em Belo Horizonte (Minas Gerais), filha de Maria José e Carlos Lopes de Assis, irmã Lydia atuou em várias cidades onde a congregação prestou serviços à comunidade. cursou administração de empresas e administração hospitalar na Faculdade de

Medicina do ABC e trabalhou na Escola Normal Regina Pacis, em Três Lagoas (Mato Grosso do Sul), de 1949 a 1955. Mais tarde, atuou no Instituto Nossa Senhora da Glória, em São Caetano do Sul, de 1955 a 1959, transferindo-se para o Instituto Nossa Senhora da Conceição, em Governador Valadares (Minas Gerais), onde atuou de 1959 a 1965.

Posteriormente, entre os anos 1966 e 1970, irmã Lydia foi prestar serviços na cidade de Valência (Espanha), acompanhada pela irmã Julieta, uma das fundadoras dessa missão, onde trabalharam com afinco para a construção de uma grande escola, o Colégio Santa Clara de Assis. Finalmente, retornou a São Caetano onde passou a atuar como administradora hospitalar e enfermeira no então Hospital São Caetano, trabalhando exaustivamente para o crescimento e o desenvolvimento dessa pioneira instituição de saúde, ao lado das irmãs Julieta, Verônica, Rosália e tantas outras.

No período de 1980 a 1983, foi eleita Econômica Provincial da Congregação em Belo Horizonte. Em 1983, foi transferida para o Hospital São Caetano, onde permaneceu até seu fechamento, em 2010, na função de assessora da diretoria.

Um pouco de história - A Congregação das Irmãs Clarissas Franciscanas foi fundada na Itália, em 1º de maio de 1898, pela irmã Serafina Forolfi, que reuniu um grupo de moças dispostas a seguir Nosso Senhor Jesus Cristo na espiritualidade e no modo de ser de Santa Clara, em devoção à Eucaristia e a São Francisco de Assis, na sua vida missionária e dedicação aos pobres.

As Clarissas foram convocadas a trabalhar junto aos pobres da Índia, do Brasil e de vários outros países. A elas foram confiados trabalhos de educação nas periferias, ajudando na construção de escolas e na área de saúde, junto a hospitais, ambulatórios e doentes menos afortunados.

Para o Brasil, o primeiro grupo de irmãs saiu do Porto de Gênova (Itália) em 30 de maio de 1907, aportando aqui em 3 de julho do mesmo ano. O destino foi a cidade de Itambacuri, no interior de Minas Gerais, onde a congregação fixou raízes, para depois se espalhar pelo Brasil, principalmente nas regiões mais carentes.

A obra realizada no Hospital São Caetano pelas Irmãs Clarissas frutificou e criou uma estrutura própria. Muitas das irmãs que aqui trabalharam depois partiram para outras missões no Brasil e também em outros países, especialmente na África.

Irmã Lydia é uma dessas abnegadas religiosas que dedicou sua vida ao então Hospital São Caetano e à cidade que tanto ama.

Comemorações - Para celebrar os 50 anos de atuação da irmã Lydia, foi elaborado um programa comemorativo pela diretoria do Hospital São Caetano, comandada pelo então presidente,

de saudosa memória, Nicolino Puccetti. No dia 13 de fevereiro de 1998, foi realizada uma celebração eucarística na capela do hospital, cuja organização e orientação esteve a cargo do capelão dessa instituição, padre Rubens Chasseraux. Também foi oferecido pela diretoria do hospital um coquetel no atual Clube Esportivo e Recreativo São José (Bochófilo).

O ato religioso contou com a participação de sete padres, que concelebraram a missa solene, presidida por Dom Décio Pereira, então bispo diocesano, de saudosa memória, acompanhado dos cânticos do coral do Hospital São Caetano. Em sua homilia, o bispo Dom Décio destacou os trabalhos que as Irmãs Clarissas Franciscanas realizaram ao longo daqueles cem anos de atividades, em especial no Brasil, onde já atuavam havia 50 anos, dentre os quais a irmã Lydia se destacou de forma brilhante.

Ao final da celebração houve uma emocionante manifestação oratória da Superiora Provincial da Congregação, irmã Regina Lúcia Abreu Lima Resende, que veio especialmente de Belo Horizonte para a celebração, deixando muitos presentes com os olhos marejados de lágrimas.

Na noite anterior ao evento, no dia 12 de fevereiro de 1998, na abertura do *Programa ABC Brasil*, exibido pela TV São Caetano, foi prestada uma singela homenagem à irmã Lydia, por meio do apresentador, Glenir Santarneckchi, que transmitiu um vídeo das obras realizadas pela Congregação no Brasil.

As dependências da capela do Hospital São Caetano foram pequenas para abrigar a multidão de amigos e admiradores de irmã Lydia, que estiveram no local para prestar homenagens à ilustre servidora de Cristo. **R**

DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI
É JORNALISTA, ADVOGADO E PESQUISADOR DA MEMÓRIA DA CIDADE. AUTOR DO LIVRO *SÃO CAETANO DI THIENE - O SANTO QUE DEU NOME À CIDADE*, É MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO E OCUPA A CADEIRA Nº 31 - PATRONO GONÇALVES DIAS.

APAE de São Caetano:

HÁ 50 ANOS CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA DE IGUALDADE

Criança atendida no Instituto de Reabilitação da APAE, que começou a funcionar em 27 de novembro de 1965, atendendo, inicialmente, 18 crianças com deficiências intelectual e física

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) é uma associação civil, filantrópica, de caráter educacional, cultural, assistencial, de saúde, de estudo e pesquisa, desportivo, sem fins lucrativos, que atende pessoas com deficiências. A associação teve início no Rio de Janeiro, no dia 11 de dezembro de 1954, com a chegada de Berenice Bemis, membro do corpo diplomático norte-americano, que se espantou por não haver nenhuma instituição do gênero no país. Com a participação de pais, médicos, professores e diversos outros profissionais, foi fundada a primeira APAE do Brasil.

O símbolo da instituição – uma flor protegida por duas mãos – surgiu em 1964. Hoje em dia, existem mais de duas mil APAEs pelo Brasil, entre elas uma unidade em São Caetano do Sul. Considerada referência nacional, comemora 50 anos em 2014 e, por isso, é homenageada neste artigo, já tendo sido reco-

nhecida em uma exposição virtual, promovida pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em julho deste ano.

A história da APAE de São Caetano começou em 10 de junho de 1964. Durante uma das reuniões que ocorriam no Rotary Club, foi ministrada a palestra *A criança especial*, pela professora Rosa Florenzano. Estava presente na ocasião Mário Dal'Mas, então presidente da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acasc), que se sensibilizou com o tema. Dal'Mas convocou a diretoria e o conselho da Acasc, sendo assim realizada a fundação da



Arquivo/APAE de São Caetano do Sul



Arquivo/APAE de São Caetano do Sul

Atual brinquedoteca da APAE de São Caetano, que tem o objetivo de favorecer o aprendizado mútuo a partir do lazer entre todas as crianças

APAE, que teve várias sedes, entre elas um espaço no Bosque do Povo e uma sala no Edifício Vitória. Além de fundador, ele foi escolhido como o primeiro presidente da instituição.

A partir daí, diversas ações foram promovidas para angariar recursos para a entidade. Um dos exemplos foi a parceria criada entre a APAE e jornais locais para que fosse abordado o assunto de crianças com deficiência, até então pouco explorado pelas publicações.

Em 27 de novembro de 1965, a APAE local ganhou um Instituto de Reabilitação, que começou atendendo 18 crianças com deficiências intelectual e física.

No final da década de 1990, começaram a funcionar as primeiras oficinas de trabalho na entidade. Em parceria com empresas privadas, elas têm o objetivo de iniciar, qualificar e inserir os participantes no mercado de trabalho.

Na APAE, o processo de estimulação tem início logo nos primeiros meses de vida. As crianças com necessidade são atendidas por equipe multiprofissional. As estimulações visam ao desenvolvimento global da criança para que ela seja inserida na sociedade completamente adaptada as suas limitações. Entre 3 e 4 anos de idade, inicia-se o processo de inclusão escolar.

Em 10 de outubro de 2003, outra importante conquista é celebrada pela entidade: a inauguração do Centro de Equoterapia Américo Gomes da Costa. A vantagem oferecida pelo Centro é sua localização em área urbana, diferentemente dos demais, situados, geralmente, às margens de rodovias ou áreas rurais. É importante citar que a equoterapia é reconhecida como método terapêutico pelo Conselho Federal de Medicina.

Em 2005, fruto de parceria com o Fundo Social de Solidariedade, a APAE conquistou sua padaria artesanal. Tempos depois, um novo ganho, de extrema importância, foi incluído na história da instituição: a brinquedoteca, espaço desenvolvido com o propósito de favorecer o aprendizado mútuo a partir do lazer entre todas as crianças. Este local foi idealizado visando ao contato afetivo e à troca de experiência.

Outros espaços que compõem a APAE de São Caetano e que não podem ficar fora dessa celebração são o centro de hidroterapia e o laboratório de informática. Há mais de 16 anos, o Projeto de Informática Educacional teve início, com colaboradores do Instituto General Motors & Sesi Conselho Nacional. O atual presidente da APAE de São Caetano do Sul é Américo Gomes da Costa. **(Marília Tiveron) R**

João Tarcísio Mariani

HISTÓRIA DA FÉ EM SÃO CAETANO DO SUL: ESTIGMATINOS!

Nossa cidade se habituou, desde 1924, a ter a sua trajetória de fé marcada pelos padres estigmatinos. É um pouco dessa memória que queremos resgatar para, dignamente, homenagear a Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo e seus sacerdotes que marcaram época e construíram 90 ANOS de história em São Caetano do Sul.

Para ser justo, tanto com a epopeia dos estigmatinos quanto com a revista *Raízes*, é importante registrar que, quando houve a comemoração dos 80 anos, a edição de número 30 da publicação, de dezembro de 2004, apresentou o artigo sob o título *Estigmatinos: 80 anos na cidade*. Nele, se encontra o histórico extraído diretamente dos livros do tomo da Igreja Matriz Sagrada Família, contando a trajetória, desde o primeiro estigmatino que chegou a São Caetano, registrando fotos e atividades desenvolvidas pelos 11 vigários e párocos, até 2004. A riqueza de detalhes dessa compilação feita pelo padre Alberto Francisco Mariani merece ser lida e nós, em respeito a este belo trabalho, apenas transcreveremos alguns dados essenciais à conceituação histórica.

Contexto histórico - No dia 22 de dezembro de 1923, o padre João Baptista Pelanda assumiu, em

nome da Congregação dos Padres Estigmatinos, a Paróquia São Caetano, no Bairro da Fundação, que seria criada formalmente no dia 28 de março de 1924, por decreto de Dom Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo metropolitano de São Paulo.

Ainda em 1924, veio para São Caetano um auxiliar para o padre Pelanda, tratava-se do padre Alexandre Grigolli, um sacerdote que fora um dos três primeiros e pioneiros estigmatinos que haviam chegado ao Brasil em 1910.

De 1924 a 1930, São Caetano crescera muito, especialmente impulsionada pelas indústrias que estavam chegando, pelo aumento da demanda de mão de obra, e, conseqüentemente, pelo crescimento da população. A Paróquia São Caetano, de repente, ficara pequena diante do progresso, e uma nova igreja, situada no centro de São Caetano do Sul, começou a ser construída pela Congregação Estigmatina a partir de março de 1932. Projetado e erigido pelo padre Alexandre Grigolli, o templo foi inaugurado em 6 de junho de 1937.

Quando olhamos atentamente para a nossa Igreja Matriz Sagrada Família descobrimos pelo menos três aspectos notáveis: a construção monumental para a época em que foi erigida, a beleza contida nas pinturas de Pietro e Ulderico Gentilli e, finalmente, a catequese presente em cada detalhe da igreja.



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Padre João Baptista Pelanda, que chegou a São Caetano em 1923

Os sacerdotes estigmatinos, que passaram pela cidade e se dedicaram a São Caetano do Sul durante 90 anos de atividades ininterruptas, deixaram dois legados à cidade: um de fé, ao alimentar a vida espiritual das famílias, e outro cultural, ao preservar um patrimônio histórico e artístico que é a Igreja Matriz Sagrada Família.

Na dimensão cultural é fácil comprovar a importância desse vínculo apenas observando que, em agosto de 2002, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul identificou e sinalizou a igreja como “Bem Cultural de Interesse Histórico”.

Vínculo nas manifestações populares de fé - Em termos do fluxo de pessoas, essas manifestações de fé movimentam cerca de 1,5 mil fiéis somente nas missas celebradas nos fins de semana. Os casamentos trazem até a Matriz ao redor de 2 mil pessoas às sextas-feiras, sábados e domingos. Podemos acrescentar a isso, batizados, missas de sétimo dia, etc. Estes números dão uma clara perspectiva da estreita ligação entre a cidade e a Igreja Matriz Sagrada Família.

Vínculo nas manifestações de solidariedade - A Matriz Sagrada Família, por meio do Centro de Solidariedade Dona Lili, atende, semanalmente, pessoas e famílias carentes cadastradas, realizando doação de roupas e calçados.

Vínculo nas manifestações artísticas - Desde o início, a Matriz sempre primou pelas iniciativas no campo artístico, tanto por já ter sido concebida e projetada por um artista nato (padre Alexandre Grigolli) quanto por tudo o que ele e seus sucessores promoveram em favor de apresentações musicais, teatrais e cinematográficas.

Assim, são notórias as diversas ações realizadas pelos estigmatinos na área cultural, por meio de apresentações de música da mais alta qualidade, tendo como cenário a própria



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Um dos retratos mais antigos da Paróquia São Caetano, no Bairro da Fundação. Foto da década de 1920



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Imagem da construção da Igreja Matriz Sagrada Família, em 1936

igreja, a construção de um teatro, da primeira sede social e do Cine Paroquial. Nos últimos anos, as frequentes apresentações da Orquestra Filarmônica e da Orquestra Sinfônica Jovem de São Caetano do Sul na Matriz Sagrada Família têm mantido vivo o espírito do vínculo afetivo com as manifestações artísticas.

Vínculo nas manifestações de educação - A preocupação dos estigmatinos com a cultura não poderia deixar de lado a educação, que foi contemplada pelo projeto da congregação em construir uma escola à altura de São Caetano do Sul. Em março de 1939, por iniciativa do padre Êzio Gislimberti, foi fundada a Escola Particular São José. Em junho de 1943, a instituição passou a se chamar Escola Paroquial São Caetano e, em 1961, Instituto de Ensino Sagrada Família (IESF). Portanto, há 75 anos, os estigmatinos cuidam da educação na cidade, mais uma boa razão para o forte vínculo afetivo entre a congregação e o município.

Vínculo nas manifestações festivas de São Caetano - As festas religiosas e populares sempre marcaram a vida de São Caetano desde os primórdios da presença dos estigmatinos na cidade até os dias de hoje, quando a Igreja Matriz Sagrada Família realiza, anualmente, festas como a junina, a da Padroeira, além de participar da Festa Italiana. A Festa da Padroeira, em especial, chegou a sua décima quinta edição em 2014, sempre com presença marcante de público.

Considerando que nos últimos anos, a Festa da Padroeira, realizada sempre no mês de outubro, tem reunido um público de cerca de 3 mil pessoas por fim de semana, não é preciso dizer mais nada sobre o vínculo afetivo que essas festas proporcionam entre a cidade e a Matriz.



Padre Alexandre Grigolli projetou e ajudou a construir a Igreja Matriz Sagrada Família, que foi inaugurada em 6 de junho de 1937

Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Foto Guerrero

Fachada atual da Igreja Matriz Sagrada Família



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Fachada do Cine Paroquial, que viria, tempos depois, se chamar Cine São Caetano. Esta construção comprova a ligação dos estigmatinos com as manifestações artísticas locais

Vínculo em manifestações nacionais e internacionais – Durante o 1º Encontro Internacional da Juventude Estigmatina (EIJE), no mês de julho de 2013, a Igreja Matriz Sagrada Família acolheu mais de 350 jovens, vindos de vários países do mundo, para trocar experiências, e que serviu como preparação para a Jornada Mundial da Juventude com o Papa Francisco, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, no mesmo ano.

Com certeza, o sucesso na realização do 1º EIJE e a vocação catequética da Matriz Sagrada Família deram ânimo suficiente para que ela pudesse aceitar promover o Seminário Nacional de Iniciação à Vida Cristã. Em novembro de 2014, entre bispos, sacerdotes, teólogos e catequistas, cerca de 220 participantes vieram a nossa cidade, provenientes de 18 Regionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Novamente, São Caetano do Sul e a comunidade Sagrada Família uniram esforços para fazer desse importante acontecimento mais um motivo de júbilo e de confirmação do vínculo afetivo existente entre a cidade e a Matriz.

Museu Sagrada Família – Catequese e Arte - Quando veio para a Igreja Matriz Sagrada Família, padre Jordélio Siles Ledo, décimo segundo pároco, amante das artes, entusiasmou-se com a beleza do templo e, partindo do fato de a Matriz já ser considerada um bem cultural de interesse histórico, decidiu não só se dedicar à manutenção desse patrimônio, mas também a sua ampliação.

Em 2012, durante as comemorações dos 75 anos de fundação da nossa Matriz, surgiu a oportunidade para tal ampliação: uma obra na qual passado, presente e futuro se uniriam no projeto do Museu Sagrada Família - Catequese e Arte.

O museu nasceu da feliz e histórica união da arte sacra, impregnada em todos os detalhes que inspiraram o padre Alexandre Grigolli a projetar e construir a Matriz Sagrada Família, e da catequese que, além de emanar das pinturas

da Matriz, encontra eco no ardor de padre Jordélio por suas manifestações.

Mais do que um Museu, o local será um recanto de diálogo entre educação da fé e arte, por meio da formação catequética permanente, para todos aqueles que o visitarem e compartilharem de suas diversas formas de expressão.

Por meio dos diversos espaços que constituirão o Museu, alguns dos quais têm suas projeções em maquetes (*ver imagens*), será possível manter a união entre arte e catequese como tônica das futuras expressões culturais e religiosas do local.

Ficou claro que colocamos um foco de grande destaque no Museu Sagrada Família porque é uma obra que abraçará a Igreja Matriz Sagrada Família, formando com ela um só corpo e um só espírito, consolidando uma história de 90 anos, sempre voltados à catequese e arte.

Depois de elencarmos aqui tantas manifestações que vinculam a Matriz à cidade de São Caetano e, por tabela, aos estigmatinos, nada mais pertinente do que relembrarmos as considerações de um grande doutor e padre da igreja do quarto século, chamado São Gregório de Nissa: “A palavra está sujeita a diferentes interpretações; só a arte, a imagem, nos coloca diante de uma presença”. E ainda arremata: “Cada um de nós, contemplando o Cristo, se converte no pintor da própria vida”.

A beleza da fé não é uma questão simplesmente sentimental, faz parte da trajetória de um povo, e nós temos deixado este testemunho caminhar ao lado da história nestes 2 mil anos. Caberia ainda uma observação do maior artista contemporâneo de arte sacra do Brasil, Cláudio Pasto: “O museu é um referencial para cada um de nós e para as futuras gerações. (...) Se viesse a desaparecer a Igreja Matriz Sagrada Família, aqui em São Caetano, e, conseqüentemente, o Museu, o que sobraria além de uma porção de prédios quadrados, tudo igual, como se nós não ti-

véssemos algo maior na vida? Então, a beleza é esse algo maior e este Museu será um indicativo para todos nós de que vale a pena viver”.

Citamos Cláudio Pastro justamente porque ele terá uma obra sua em posição de destaque em nosso Museu. Aproveitamos mais uma citação do artista, que ilustra o que apresentamos sobre o Museu Sagrada Família: “A arte sacra é fruto de uma bela celebração, celebração da vida, mas o mundo hoje está voltado para a indústria, para a produção, para a mídia e esquece, às vezes, de celebrar. (...) Graças a Deus, sempre recebo muitos convites para fazer obras pelo Brasil e pelo exterior e, assim, posso perceber que nem tudo está perdido. Ainda a humanidade se dedica a Deus e, conseqüentemente, à beleza, porque Deus não é só bom. Se Ele é bom é porque Ele é belo”.

Por último, merecem a nossa mais efusiva homenagem, por esses 90 anos de fé e vida em São Caetano, cada um e todos os estigmatinos que por aqui passaram, estão passando e passarão, deixando as marcas das virtudes de seu fundador, São Gaspar Bertoni, e mostrando sua capacidade de empreender nas vidas humana e espiritual de seus paroquianos.

Essa tradição, religiosa e empreendedora, aqui iniciada há 90 anos pelos pioneiros estigmatinos, permitiu ao padre Alexandre Grigolli construir um belo templo, até hoje digno de admiração, e ao padre Jordélio erigir um museu que será referência em um futuro próximo.

Os paroquianos, o povo em geral e a cidade de São Caetano do Sul têm muito a agradecer aos estigmatinos, pois deles sempre receberam e continuam recebendo: caminhos de esperança e palavras de vida eterna. **R**

JOÃO TARCÍSIO MARIANI

É CONSULTOR DE EMPRESAS E MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.



Jovens que participaram da Jornada Mundial da Juventude, realizada em julho de 2013, posam para foto em frente à Igreja Matriz Sagrada Família



Detalhes do projeto do Museu Sagrada Família, arquitetado por Magliozzi e José Ricardo Almeida Rocha. Nesta montagem, observa-se a fachada do Museu, a biblioteca e a vista lateral do prédio

Mário Porfírio Rodrigues

Os 60 anos da ELOS Narciso Ferrari Ltda

Narciso
Ferrari aos 20
anos de idade

A história de São Caetano do Sul tem mostrado que, até a década de 1950, a maioria dos jovens, operários ou filhos de operários, após o curso primário, denominado atualmente de ensino fundamental, procurava completar seus estudos em um curso superior, para melhorar suas respectivas situações profissionais.

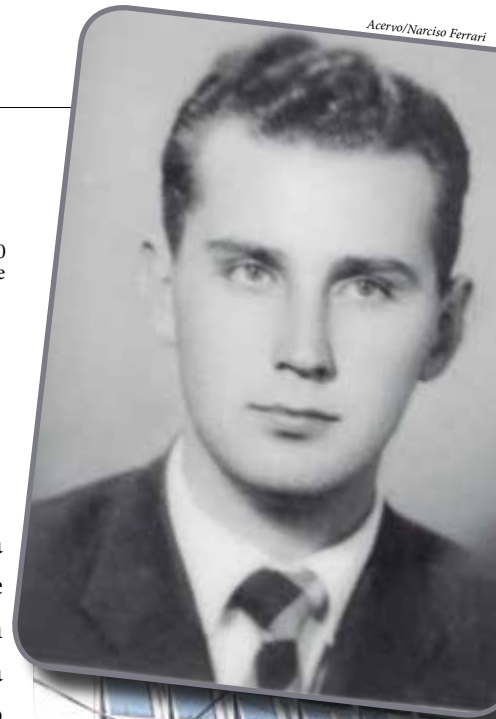
Como até o advento da autonomia municipal não existiam estabelecimentos de ensino superior na cidade, os alunos se viam obrigados a buscar escolas próximas das estações da Estrada de Ferro São Paulo Railway. Na época, o trem era o meio de transporte mais usado para viajar para outras cidades. O Bairro do Brás, em São Paulo, era o preferido por estar localizado próximo à estação do subúrbio e por abrigar escolas de comércio. Já o curso de contabilidade era o mais escolhido por ser o mais econômico para os jovens que dependiam do salário recebido nas indústrias locais.

Este artigo irá abordar o caso de um empresário que, embora incluído nessa situação, não trabalhava em indústria. Seu bisavô, Giuseppe Ferrari, natural de Mântua (Itália), chegou a São Caetano em 4 de ja-

neiro de 1878, com a segunda leva de imigrantes. Aqui, ele se estabeleceu com trabalho em olaria. Posteriormente, a família ganhava seu sustento por meio de um pomar com plantações, criação de gado e fornecimento de leite para as residências de sul-são-caetanenses. Todos os irmãos e filhos trabalhavam juntos, como era costume nessas condições.

Já na terceira geração da família, um dos filhos, Narciso Ferrari (nascido em 31 de outubro de 1932), o mencionado empresário, era um menino que, anos depois, acabaria se diplomando em contabilidade, chegando a estudar comigo na Escola Técnica de Comércio e Administração 30 de Outubro, em 1943.

Ferrari relembra como era o ambiente em que cresceu, antes de iniciar seus estudos de contabilidade: “Passei a minha infância engarrafando, vendendo e entregando leite



Acervo/Narciso Ferrari



Foto: Antonio Reginaldo Calhoun (EPK/ACS)

Ferrari posa em frente a sua empresa, na Rua Carlos de Campos, em 2014

pela cidade. Rodava, praticamente, São Caetano inteira sozinho e a pé, para entregar leite. Como era menino, andava rápido. Passava duas horas por dia andando – todos os dias –, descalço... Levava os animais para pastar na relva, que abundava naquele tempo, e ficava com eles o tempo todo para evitar que fugissem ou fossem laçados pelos guardas da Prefeitura de Santo André”.

Com o passar dos anos, o menino cresceu, frequentou o 2º Grupo Escolar, obteve o diploma do curso primário e começou o curso de admissão na Escola Técnica de Comércio e Administração 30 de Outubro, no Brás. Entregar leite e cuidar dos animais já não fazia parte do seu dia a dia. Começou a trabalhar no escritório de contabilidade do seu parente Américo Previato. Ingressou no Instituto de Ensino de São Caetano, e recebeu o diploma de contador em 1952.

Enquanto estudava, aprendeu a dançar e começou a frequentar o São Caetano Esporte Clube (SCEC). A convite de Octavio Tegão, passou a colaborar na divulgação de eventos, enviando notícias do clube para o *Jornal de São Caetano* e para a *Radio Jovem Pan*. Dedicava-se aos esportes, em especial ao futebol. Foi presidente do SCEC de 1960 a 1965. Após deixar o cargo, Ferrari continuou prestigiando a entidade e trabalhando muito por seu progresso.

Quando o padre Bianchelli assumiu a Paróquia São João Batista, localizada na Rua Piauí, a igreja

Família Ferrari em 1937. Vemos, a partir da esquerda: José Ferrari, Silvina Ferrari (no colo, Leonardo Neto), Carolina Casareggio Ferrari, Rosa Ferrari e Isabel Ferrari. Agachados: Oswaldo Ferrari, Narciso Ferrari, Rubens Ferrari, Humberto Ferrari e Angelo Ferrari



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Casamento de Narciso Ferrari, realizado em 19 de novembro de 1955. Da esquerda para a direita, Angelo Ferrari, Yara da Fonseca Ferrari, Narciso Ferrari e Isabel Ferrari



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Narciso Ferrari em seu escritório de contabilidade, em 1995



necessitava de reformas, e Ferrari e outros católicos, frequentadores da paróquia, formaram uma comissão de obras. Durante oito anos, participou desse trabalho, com a ampliação e reforma do local para dar mais conforto aos fiéis.

Convidado por Francisco Locoselli, que presidiu a Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano de 1963 a 1970, passou a integrar a Comissão Fiscal dessa entidade, ao lado de Mafalda Lorenzini Casella e Urames Pires dos Santos. Ocupou esse cargo durante muitos anos, colaborando com Ofélia Carmela Barile, tesoureira da sociedade.

Com a experiência adquirida trabalhando em escritórios de contabilidade, adicionada ao curso em que se diplomou, Ferrari estava em perfeitas condições de ter o seu próprio escritório, o que aconteceu em 10 de janeiro de 1954. Em 2014,

portanto, são comemorados 60 anos de fundação da ELOS Narciso Ferrari Ltda, que teve início na Rua Rio Grande do Sul, nº 44, ao lado do escritório onde havia trabalhado para o seu parente Américo Previato. O quadro de funcionários era composto somente por uma pessoa, um office-boy.

O trabalho correto e honesto foi sendo conhecido, outros clientes foram chegando, funcionários foram admitidos, e, nove anos depois, o crescimento do trabalho exigiu mudança para um prédio maior, na Praça Cardeal Arcoverde, nº 38. O progresso não parou aí, e, 19 anos depois, em 1982, o escritório teve de ser transferido para uma sede própria, na Rua Carlos de Campos, nº 100, onde se encontra atualmente.

Ao completar 60 anos de atividades ininterruptas, a ELOS Narciso Ferrari Ltda é o escritório de contabilidade mais antigo de São Caetano do Sul. Atende mais de 300 clientes de várias cidades do ABC, da capital paulista e do interior de São Pau-

lo, como Campinas, Bragança Paulista, Botucatu e Indaiatuba.

Neste sexagésimo aniversário, Narciso Ferrari conta, entre sua equipe, com três funcionários que foram admitidos no início de sua empresa, quando cada um tinha apenas 14 anos de idade, e que se tornaram sócios da firma por seus méritos. Carlos Norberto Loureiro, José Luiz Perrella e Amauri Ferrari, e mais de 50 funcionários divididos pelos departamentos contábil, fiscal, recursos humanos e legislação, totalmente informatizados, fazem o sucesso do empreendimento.

Entretanto, o titular, com 82 anos de idade, até hoje é a primeira pessoa a chegar ao escritório, às 6h da manhã. É dele este pronunciamento: “A cidade foi progredindo, progredindo, e acabei entrando numa escola de contabilidade. Nesse tempo, já não existiam mais olarias, mas sim indústrias em São Caetano, que ainda pertencia a Santo André. Trabalhava de dia e estudava à noite. Em 1952, formei-me contador pelo Instituto de Ensino de São Caetano, e, desde 1954, tenho meu escritório. Comecei a trabalhar em contabilidade e vou morrer trabalhando aqui”. **R**



Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)

Jornada de trabalho de Ferrari inicia-se, todos os dias, às 6h. Foto de 2014

Yara e Narciso Ferrari na celebração de suas bodas de ouro, em 19 de novembro de 2005

Acervo/Narciso Ferrari



MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES

FOI FUNDADOR DO JORNAL DE SÃO CAETANO E DO HOSPITAL SÃO CAETANO. É MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO E DO CONSELHO EDITORIAL DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

João Jenidarchiche

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Vista panorâmica do Espaço Verde Chico Mendes

parque chico mendes

Verdadeiro cartão-postal e orgulho dos sul-são-caetanenses. Localizado em um complexo onde também se encontra o Paço Municipal, o Espaço Verde Chico Mendes é diariamente visitado por grande número de pessoas, índice que aumenta nos fins de semana e feriados.

Aos domingos, recebe a chamada “feira”, onde são comercializados brinquedos, bijuterias e guloseimas, que vão de balas caseiras, algodão doce, até tapioca. São também montadas barracas destinadas a sessões de massagem, comprovadamente relaxantes.

Nos dias de maior movimento são programados, com constância, eventos de natureza cultural, artística e esportiva. Ali também desenvolvem-se campanhas direcionadas à saúde

dos cidadãos, com exames médicos gratuitos nas áreas de oftalmologia, cardiologia e saúde bucal, além de campanhas de diabetes e hipertensão. O parque disponibiliza aos frequentadores quadras de futebol de salão, vôlei e basquete.

Diariamente, um profissional de enfermagem permanece de plantão para atender a eventuais emergências, inclusive aferindo, a quem desejar, o nível de sua pressão arterial.

Os sanitários, cuidados com esmero, estão sempre limpos, diferentemente de tantos outros locais públicos, cuja higiene deixa a desejar. Mantêm-se, no local, bebedouros de água, tendo, inclusive, um artefato destinado a pulverizar água, em forma de neblina, no corpo dos frequentadores, dando a estes verdadeira sensação de bem-estar. As crianças usufruem de brinquedos em lugar seguro e agradável.

O parque era composto por uma área primitiva, com frente para a Avenida Fernando Simonsen, tendo, posteriormente, recebido um apêndice, o Parque Catarina Scarparo D'Agostini, antigo campo do Sete de Setembro, depois utilizado como pista de aerodelismo, sendo agora carinhosamente alcunhado de Chiquinho, em alusão ao Chico maior, o Chico Mendes.

Fazem parte da agradável visão desse parque os três lagos que umidificam o ar, inclusive tendo um deles uma cascata a embelezá-lo, o que torna o local salutar ao corpo e saudável à visão do frequentador. Este lago é normalmente visitado por belas garças, socós, tartarugas mergulhões, sendo estas últimas vorazes predadoras dos peixes criados no local.

O Espaço Verde Chico Mendes é dotado de duas cantinas, estacionamento interno e uma parte coberta, onde os andarilhos caminham em dias chuvosos. Recentemente, o parque ganhou novos aparelhos para ginástica, direcionados, principalmente, às pessoas da terceira idade. Esta área, a qual tenho a honra de usufruir, foi batizada, jocosa e carinhosamente, de Play Center Old (Parque Central do Idoso).

Todas as manhãs, vemos grande contingente de pessoas sozinhas, em pares ou em grupos, a desenvolverem a salutar e agradável caminhada. Algumas vezes, é possível avistar o amigo Armando Furlan, cujo nome emprestou ao lindo jardim central do parque, que possui gramado, flores, árvores, bancos, chafariz e palco coberto. Em outras ocasiões, o parque recebe a visita ciumenta dos quero-queros, ora a fêmea ora o macho, a proteger seus futuros rebentos.

O Chico Mendes é testemunha de pessoas conhecidas. Entre nossa população, muitos habitantes caminham ou já caminharam no local, lembramos, entre eles: os ex-prefeitos Raimundo da Cunha Leite, Antonio Dall'Anese e Luiz Olinto Tortorello; os casais Maurício Hoffman e esposa, Nilo e Neide Figueiredo, o saudosíssimo Antonio Russo e Cecília D'Agostini; além de Orlando e Getúlio de Carvalho; Ubiratan Ribeiro de Figueiredo; Antonio Gusman; Pedro Batissaco; Amaury Laselva; Cláudio Demambro; o ex-jogador de futebol do Palmeiras Osni; os médicos Alfredo Castelone e Fernando Figueiredo; o conhecido, alegre e divertido

Chacrinha, estampa idêntica do saudoso Abelardo Barbosa; o bem-sucedido empresário Samuel Klein, e muitos outros que, se aqui fossem relacionados e se aqui fôssemos descrever todos os detalhes do parque, páginas e páginas seriam insuficientes para tal.

Por fim, destaco um grupo de amigos que, há vários anos, por lá caminham todas as manhãs e, por serem vários e caminharem juntos, já receberam o apelido de “turma do arrastão”, integrada, entre outros, por: Vito, Vital, Divino, Martin, Martino, Tonho, Lauro, Wagner, Kazu, Massa, Miguel, Nilton, Fausto, Ari, Bal, Enésio, Ioshito, Ivan, João (este que vos escreve), Laerte, Marcos e Otacílio.

O Espaço Verde Chico Mendes é um maravilhoso recanto que deveria ser usufruído por todos. Podemos garantir que aquele que o conhece passa a admirá-lo e a frequentá-lo regularmente. **R**

JOÃO JENIDARCHICHE
É ADVOGADO, FORMADO PELA FACULDADE DE DIREITO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO (TURMA DE 1979), E ATUA NA ÁREA CÍVEL. JÁ PUBLICOU DIVERSAS CRÔNICAS SOBRE A CIDADE EM JORNAIS DE SÃO CAETANO E NO VIVA SÃO PAULO.

Renato Donisete



A história se repete no futebol: SÃO CAETANO BATE O FORTE SANTOS F.C.

Na vida, vários fatos se repetem e, às vezes, no futebol também. São Caetano do Sul sempre foi bem representada no time profissional desse esporte: nos anos 1930, pelo São Caetano E.C., na década de 1950, pela A.A. São Bento, nos anos 1970, pelo Saad E.C., e, a partir de 1990 até os dias de hoje, pela A.D. São Caetano. Este artigo irá retratar duas passagens que ocorreram durante edições do Campeonato Paulista contra a gloriosa equipe centenária do Santos Futebol Clube.

A primeira remete ao ano de 1974, quando o Saad E.C., visitando o Santos de Pelé, na Vila Belmiro, aplicou uma goleada de três a um, mesmo com o atleta do século em campo. A outra é mais recente. Aconteceu em 2012, no Estádio Municipal Anacleto Campanella, quando o Azulão venceu de virada o Santos dos craques Ganso e Neymar.

1974: goleada na Vila Belmiro no Santos de Pelé - O Saad Esporte Clube foi fundado em 1961 pelo empresário Felício Saad. A partir de 1966, a equipe começou a atuar no futebol profissional, participando da primeira divisão, ou seja, da elite do futebol paulista, em 1974 e 1975. A equipe representou a cidade até 1988.

Em 1974, o Saad E. C. estreou na primeira divisão do Campeonato Paulista. No dia 24 de

Banco de Dados/Diário do Grande ABC



agosto do mesmo ano, foi até a cidade de Santos disputar sua primeira partida contra a equipe local, dos campeões mundiais Pelé e Carlos Alberto. No campeonato, a equipe sul-são-caetanense já havia surpreendido a Portuguesa e o futuro campeão Palmeiras, arrancando dois empates e ganhando o respeito dos concorrentes. Posteriormente, tinha vencido o

São Paulo. Com pouco mais de 17 mil pagantes, o Saad do técnico Baltazar armou forte esquema defensivo e, em contragolpes perigosos, sacramentou o placar de 3 a 1 no famoso Estádio Urbano Caldeira, mais conhecido como Vila Belmiro. A

Marcio
Maggiora
em partida
do Saad
E.C., em
1974

vitória começou a ser construída aos 40 minutos do primeiro tempo, com o atacante Arlindo Fazolin aproveitando a falha dos zagueiros santistas Wilson e Vicente e chutando forte contra a meta do goleiro Cejas.

Já aos 11 minutos do segundo tempo, mais um gol do Saad: Wagner, pela esquerda, chutou e Cejas não conseguiu defender. Com o Santos desesperado, Wagner novamente marcou aos 17 minutos. Depois desse gol, a equipe de São Caetano relaxou um pouco na marcação e tomou o único gol do time adversário, marcado por Zé Carlos. Os destaques da partida ficaram por conta das atuações seguras do goleiro Leo-

Saad entrou em campo com Leonetti, Campina, Celso, Flávio e Eli; Zanetti, Luis Américo e Via; Fernandes, Arlindo e Wagner.

Depois desse período, o nosso maior ídolo, o atacante Arlindo Fazolin, nascido em Santo André, atuou em diversos clubes, passando pelo próprio Santos (1972), Corinthians (1975) e São Paulo (1975 e 1976). Encerrou a carreira em meados dos anos 1980, no próprio Saad, equipe que o projetou no futebol profissional. Outro destaque dessa fase foi o meia-esquerda Márcio Maggiora, nascido em São Caetano do Sul e que foi muito importante na campanha de 1974. Maggiora encerrou a carreira no ano seguinte, aos 31 anos.



Arquivo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Equipe da Associação Desportiva São Caetano durante campeonato paulista de 1999

netti, do impecável zagueiro Flávio e dos contra-golpes mortais dos atacantes Arlindo e Wagner. O jornal *Diário Grande ABC*, do dia 25 de agosto de 1974, escreveu: “Flávio realizou seu grande sonho: parou Pelé”. Com a conquista, o Saad ficou em quarto lugar naquela rodada do campeonato. Flávio Freitas era um forte e vigoroso zagueiro, que, no ano seguinte, ajudaria a vizinha equipe de Santo André a ser campeã da divisão intermediária.

O Santos jogou com Cejas, Carlos Alberto, Vicente, Marinho e Wilson; Léo e Zé Carlos; Mazinho, Clayton, Pelé e Ferreira (Brecha). O

Após o futebol, foi trabalhar na General Motors, onde se aposentou.

A façanha do Saad contra o Santos teve sequência também no Campeonato Paulista de 1975, numa vitória fantástica, de virada, no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o famoso Pacaembu. No dia 15 de março do citado ano, para um público de 5 mil pessoas, o Saad venceu o Santos com gols de Benê e Serelepe. Mas aí já é outra história...

2012: virada em cima do Santos de Neymar e Ganso - A Associação Desportiva São Caetano

foi fundada em 4 de dezembro de 1989. Portanto, em 2014, completa 25 anos de atividades. No começo dos anos 2000, desfrutou de uma fase muito boa, começando com o título de Campeão Paulista da Série A2 (2000) e aparecendo, nacionalmente, como vice-campeão da Copa João Havelange (2000), vice do Campeonato Brasileiro de 2001, vice também da Copa Libertadores da América (2002), até, finalmente, tornar-se campeão paulista de 2004, comandado pelo técnico Muricy Ramalho. Muitos jogadores consagrados vestiram e honraram a camisa da A. D. São Caetano. Entre eles, podemos citar os atacantes Serginho Chulapa, Túlio Maravilha; os zagueiros Luiz Pereira, Dininho e o saudoso Serginho; os meias Claudedir, Magrão, Adãozinho e Douglas; os laterais Wladimir e Mancini; e o goleiro Sílvio Luiz. Acredito que o atleta que mais se identificou com a camisa azul foi o atacante Adhemar com seu poderoso chute.

Depois de 38 anos, a história se repetiu: uma equipe de São Caetano do Sul venceu outro forte time do Santos. Era a penúltima rodada do Campeonato Paulista. O Azulão, como é carinhosamente chamado pelos torcedores, precisava da vitória para afastar, definitivamente, o risco de rebaixamento.

O Santos veio para São Caetano com seu timaço, que incluía Neymar, Paulo Henrique Ganso, Borges e Edu Dracena. Numa noite agradável de 8 de abril de 2012, com 4.283 pagantes, no Estádio Municipal Anacleto Campanella, o Santos do treinador Muricy Ramalho começou melhor e foi tomando conta da partida, até que, aos 30 minutos de jogo, o meia Ganso lançou o atacante Neymar, que dominou bem a bola e bateu rasteiro no canto do goleiro Luiz. Em comemoração à Páscoa, o atacante imitou um coelho próximo a sua torcida. O Santos continuou jogando melhor e ainda mandou uma bola no

travessão antes de acabar a primeira etapa.

Para o segundo tempo, o técnico Márcio Araújo fez uma modificação para tornar a equipe sul-são-caetanense mais ofensiva: colocou Aílton no lugar de Kleber. Deu resultado! Aos 12 minutos, o meio-campo Moradei cruzou para o atacante Geovane, que cabeceou firme na meta do goleiro Rafael e empatou o jogo. Aos 21 minutos, o atacante Geovane partiu com a bola e lançou para Aílton, que dividiu com o goleiro Rafael, deixando para Marcelo Costa colocar o Azulão em vantagem. O Santos ainda marcou outro gol, com o meia Ganso, mas que foi anulado pelo árbitro Maurício Antonio Fioretti, pois o santista estava em posição de impedimento. O resultado surpreendeu até mesmo os jogadores do São Caetano, como publicado no jornal *Diário do Grande ABC* do dia seguinte. Nessa partida, o Azulão tinha entrado em campo com seu terceiro uniforme: camisa azul com detalhes amarelos, diferente da vermelha dos anos 1990.

A Associação Desportiva São Caetano jogou com Luiz, Marcone, Gabriel, Eli Sabiá e Diego; Augusto Recife, Moradei, Anselmo, Marcelo Costa e Kleber (Aílton); e Geovane.

O Santos atuou com Rafael, Fucile (Elano), Edu Dracena, Durval e Juan; Arouca, Henrique, Ibson (Reinteria) e Paulo Henrique Ganso; Neymar e Borges (Alan Kardec). Com este timaço, o Santos tornou-se campeão paulista.

É importante destacar que este artigo só foi possível graças às preciosas informações de José Pires Maia, o “Zezé”, Luiz Domingos Romano e do auxílio de Cecília Del Gesso, do banco de dados do *Diário do Grande ABC*. **R**

RENATO DONISETE

É PEDAGOGO E PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA. MEMBRO DA ACADEMIA POPULAR DE LETRAS DE SÃO CAETANO DO SUL, CRESCEU ASSISTINDO AOS JOGOS DO SAAD E.C., E ACOMPANHA REGULARMENTE O SÃO CAETANO NO ESTÁDIO MUNICIPAL ANACLETO CAMPANELLA.

Monique Pereira

Cem anos do prédio do MUSEU DE SANTO ANDRÉ

Quem não se recorda dos anos passados na escola? As primeiras vivências, os professores, as primeiras broncas, os elogios... Histórias de todos os tipos que ocorriam nas salas, nas varandas, no pátio, no entorno, na rua...

Não há quem tenha frequentado a escola que não leve consigo uma história para toda a vida. Há cem anos, apenas uma instituição escolar atendia toda a região, conhecida como São Bernardo, mas que também compreendia a área dos municípios de São Caetano e Santo André: o Grupo Escolar Professor José Augusto de Azevedo Antunes.

O edifício da escola faz parte de um conjunto de edificações escolares construídas pelo Governo do Estado de São Paulo na Primeira República (1889-1930). O projeto de José Van Humbek, com fachada de J.B Maroni, é da tipologia MogyGuassu e era comum em grupos escolares de outras cidades do Estado, como Ituverava, Pereiras, Itápolis, Orlândia, Itatinga e Mogi Guaçu.

O prédio foi inaugurado em 3 de abril de 1914, e foi o primeiro grupo escolar da região do ABC, denominado Grupo Escolar de São Bernardo. Em 1938, passou a denominar-se Grupo Escolar de Santo André e, em 1944, passou a ser Grupo Escolar Professor José Augusto de Azevedo Antunes. A disposição das salas em forma de U, interligadas por um alpendre, criava - e ainda cria - um agradável pátio interno.



Acervo/Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa

Devido à sua inserção na memória local e sua importância como remanescente da política educacional do começo do século 20, o prédio foi tombado pelos conselhos de Defesa do Patrimônio Cultural Municipal, em 1992, e Estadual, em 2010.

A escola foi transferida para outra edificação em 1978, e o prédio foi ocupado pela Promoção Social de Santo André, que, assim como a Junta Militar e várias associações que utilizaram a construção anexa a esse prédio, também escreveram importantes capítulos, em narrativas construídas por pessoas que estudaram, trabalharam, usufruíram dos serviços aqui prestados ou ainda, de alguma forma, se apropriaram desse espaço.

Fachada do Grupo Escolar de São Bernardo, onde funciona o Museu de Santo André desde 1990. Foto de 16 de julho de 1914

Regionais

Grupo de alunos do I Grupo Escolar São Bernardo, em 1925. Na foto, aparecem os professores Cristina Fitipaldi e Cassiano Faria

Grupo de formandas do Grupo Escolar José Augusto de Azevedo Antunes. Foto de 1951

Atividade no pátio interno do Grupo Escolar, na década de 1950

Após visita pelo Museu de Santo André, alunos de escola municipal se divertem no jardim. Foto de 28 de outubro de 2010

Desde 1990, o prédio é sede do Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa, que funciona como grande incentivador cultural na região, preservando a história da edificação e desenvolvendo atividades, cursos, palestras e exposições.

Em meio à região central de Santo André, entre prédios, casas e grande atividade comercial, o prédio, situado na Rua Senador Flaquer, nº 470, se mantém solenemente. Mostrando-se inerente ao tempo, remete-nos à história do ABC e integra-nos ao momento presente.

Contudo, muito além das informações técnicas, que podem ser encontradas no próprio museu ou na mídia, esta reportagem procura resgatar as lembranças de alunos que estudaram na instituição e que guardam na memória os bons momentos que ali passaram. Segundo informações de historiadores que trabalham no Museu de Santo André, muitos eram filhos de imigrantes, que nesta escola foram alfabetizados, e assim começaram a escrever suas vidas no Brasil.

“Fazer um depoimento para o centenário da EE Prof. José Augusto de Azevedo Antunes é muito gratificante, pois lá passei oito anos da minha vida, nos quais iniciei grandes amizades e desenvolvi conhecimentos e habilidades que aplico até hoje no meu cotidiano.

Havia me mudado para o Bairro Casa Branca em abril de 1982, e só nesta mudança meu mundo já havia sido expandido, um horizonte muito maior para quem só conhecia algumas ruas próximas de onde morava desde os 7 anos de idade.

Aqui, no Antunes, tive minhas primeiras experiências acadêmicas, com ótimos professores, que me incentivaram a seguir cada vez mais nos estudos e a pensar de forma mais crítica. Recordo-me dos primeiros anos em que era incentivado pela professora a fazer contas, melhorar a caligrafia, ter interesse em outras áreas e trabalhar minha timidez.

Já a partir da quinta série, as mudanças foram maiores e mais intensas, além da adaptação a vários professores, cada um com suas exigências e conteúdos, havia mais atividades, mais amigos, mais diversões e a hora do intervalo, não era mais a do recreio, era um grande desafio coordenar todo envolvimento social, em um tempo recorde de 15,



Arquivo/Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa



Arquivo/Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa



Arquivo/Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa



Arquivo/Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa

20 minutos, para conciliar a hora de conversar com os amigos, a de jogar futebol, a de “bater bafo”, tomar a merenda, combinar um torneio, entre muitas outras atividades importantes para nosso mundo.

Recordo-me de momentos em que nos reuníamos em grupos para os trabalhos escolares, ou mesmo nas arrecadações para festa junina, pedindo prendas nas casas dos vizinhos, na realização de eventos cívicos, como desfile das bandeiras, teatro, cartazes e muitos eventos coordenados por professores e executados por nós mesmos, e sentíamos a importância de desempenhar nosso papel para a boa reputação da escola.

Estes eventos ampliaram os conhecimentos e também a ideia de trabalhar cada vez mais em grupo, desenvolver a capacidade de coordenar atividades, incentivar a participação dos demais, distribuir responsabilidades, habilidades que acabaram me auxiliando na escolha em seguir a área educacional, agora como professor.

Tendo muita facilidade com exatas, trabalhei na minha formação em matemática, também tendo especialização em física, o que me proporcionou lecionar durante um tempo em nossa escola. Foi apenas um período em 2000, mas que me fez recordar dos corredores, das salas onde estudei, do pátio onde passava bons momentos com os amigos, da biblioteca, da sala dos professores e, porque não, da sala da diretoria, algumas vezes frequentadas durante algum mal-entendido.

As habilidades aprendidas no Antunes também me auxiliaram a aprender outras línguas, querer conhecer outros países e culturas, desenvolver conhecimentos em psicologia e marketing, pois, nestes anos vividos na escola, o meu mundo havia expandido tanto que já não cabia mais em alguns livros e mapas.

Atualmente, sendo funcionário do Banco do Brasil, tenho a oportunidade de morar em outras regiões, e aproveito para manter meu trabalho como professor, nas cidades onde resido, procurando ensinar com atividades práticas e lúdicas, relacionamento social e interdisciplinar, buscando o envolvimento dos alunos com o desempenho da escola e sua vinculação ao bom relacionamento com seus amigos e professores.

Tudo isto só é possível graças ao aprendizado e desenvolvimento que obtive nos anos em que estudei em nossa escola e que se tornaram a base para atingir melhores condições e, cada vez mais, desempenhar um excelente papel em nossa sociedade.”

(Depoimento de Alan Regolin Almeida - aluno da Escola Estadual Professor José Augusto de Azevedo Antunes de 1982 a 1989)

“Eu estudei no ‘Grupão’, era assim que chamávamos o Antunes, desde o primário, na Rua Senador Flaquer, até me formar no colegial. Tenho ótimas lembranças daqueles tempos e muitas saudades.

O ‘Grupão’ possuía sino, ao invés da tradicional campainha, para avisar a entrada e saída da sala de aula. Às vezes passava um aluno mais atrevido e tocava o sino. Não dava outra, todos saíam das salas, mas, enfim, tínhamos que retornar.

Quando voltávamos das férias escolares, ao entrarmos na sala de aula, sentíamos o cheiro gostoso de limpeza no ar, o assoalho de madeira polido, as carteiras limpas, as cortinas cheirosas, sinal de boas-vindas. Sentávamos em dupla e, nem por isso, ‘colávamos’. Os professores não nos davam chance. Usávamos uniformes, um para as aulas normais e outro para as aulas de educação física, mas o que nós queríamos mesmo era vestir os tão sonhados aventais brancos, só usados pelo pessoal do colegial.

Foi uma época boa, precisávamos estudar muito, nota baixa ou repetência significava castigo. Tivemos professores ótimos, dedicados e que estavam sempre se atualizando em cursos oferecidos pelo governo.

Usávamos livros e, por serem muito caros, nós fazíamos as trocas nos intervalos das aulas. Como as salas de aula possuíam uma porta na frente e outra nos fundos, saíamos pelos fundos para realizar as trocas e não podíamos entrar caso o professor já estivesse em sala de aula.

O sistema era rígido, mas aprendíamos. Mesmo depois de muitos anos sem estudar, entrei na faculdade só com os conhecimentos que lá obtive. E, por falar em professores, não poderia esquecer as irmãs, as professoras Eglantina e Francisca, a professora Erly e Eduardo, grande professor, grande pessoa.

Professores que jamais esquecerei, porque eles fazem parte da minha história, principalmente o professor Eduardo, porque, além de ter dado aula para a minha família, também foi professor do meu filho. Ele não sabe, mas tenho o maior orgulho de tê-lo como nosso mestre.”

(Depoimento de Zóia de Fátima Melinsky – ex-aluna do Grupo Escolar Professor José Augusto de Azevedo Antunes) R

MONIQUE PEREIRA

É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL. ARTE-EDUCADORA PELAS FACULDADES INTEGRADAS CORAÇÃO DE JESUS, ESTUDOU HQ NA ACADEMIA BRASILEIRA DE ARTE. JÁ REALIZOU TRABALHO CURATORIAL EM EXPOSIÇÕES PERIÓDICAS. ESPECIALIZOU-SE EM ARTE SACRA E ATUA COMO ARTISTA PLÁSTICA.

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Crianças e autoridades recebem Papai Noel no Estádio Municipal Anacleto Campanella. Destaque para o vereador Armando Furlan (à esquerda) e para o prefeito Oswaldo Samuel Massei, que, na ocasião, estava em seu segundo mandato (1969 – 1973). Em segundo plano, Argemiro de Barros Araújo

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



As realizações da segunda gestão do prefeito Braido (1973 – 1977) no Jardim São Caetano renderam o reconhecimento dos moradores, no final de 1975. Na imagem, o prefeito aparece ao lado de vereadores, integrantes de sua administração e populares. Foram identificados, a partir da esquerda, Bruno Aggio (o primeiro), Antonio José Dall'Anese (o quinto), Hermógenes Walter Braido, Hortêncio Pacitto (após Braido), Sebastião Lauriano dos Santos (o nono) e, ao lado, Luiz Antonio Cicaroni. O penúltimo, à direita, é Edno Chies

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Lançamento da pedra fundamental da Biblioteca Municipal Esther Mesquita, na Rua Santos Dumont, no Bairro Nova Gerty. Evento ocorrido durante a primeira gestão do prefeito Hermógenes Walter Braido (1965 – 1969). Em destaque, no centro da imagem, Oswaldo Samuel Massei (ao microfone), Cláudio Musumeci (atrás de Massei) e, na sequência, Flórida Leandrini, Hermógenes Walter Braido e Maria Braido. Atrás, à direita, foram identificados Oscar Garbelotto, Nelson Robles e Milton Andrade

Foto tirada por ocasião do encontro realizado entre os membros da família Garbelotto, no dia 28 de setembro de 2013. Participaram da confraternização, que foi organizada por Leila Garbelotto Minciotti, mais de cem pessoas. Devido ao seu grande sucesso, uma nova reunião já tem data para acontecer. Será no dia 13 de junho de 2015, ocasião que marcará, mais uma vez, um momento festivo entre os descendentes de Antonio Garbelotto e Ângela Gobbo Garbelotto, chefes de uma das famílias pioneiras estabelecidas em São Caetano em 28 de julho de 1877

Acervo/Leila Garbelotto Minciotti



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Foto tirada por ocasião da 1ª comunhão dos irmãos Antônio (em pé, à direita) e Onofre Rosa Alves, em novembro de 1938

ESPECIAL CERÂMICA SÃO CAETANO

NESTE FIM DE ANO, A PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL INAUGUROU UM PARQUE NO ESPAÇO ONDE FUNCIONOU UMA DAS MAIORES INDÚSTRIAS DA CIDADE, A CERÂMICA SÃO CAETANO. A DATA MARCOU AINDA A ENTREGA DE IMPORTANTES MARCOS DESSA INDÚSTRIA QUE FORAM RESTAURADOS: UM PAINEL CERÂMICO, A ESTÁTUA DO SANTO SÃO CAETANO E UM DOS FORNOS UTILIZADOS NA FÁBRICA. A FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA PARTICIPOU DESSA INICIATIVA COM A REALIZAÇÃO DE UMA EXPOSIÇÃO. APRESENTAMOS UMA PARTE DESSE TRABALHO NESTA MEMÓRIA FOTOGRAFICA ESPECIAL. AS FOTOS, PERTENCENTES AO ACERVO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA INSTITUIÇÃO E DE MORADORES DE SÃO CAETANO QUE LÁ TRABALHARAM, REGISTRAM EVENTOS, FUNCIONÁRIOS DA FÁBRICA, ALÉM TAMBÉM DE PARTE DE SUAS INSTALAÇÕES.

Acervo/Mário Vanini



Funcionários e seus filhos seguem para a festa de Natal de 1952 da Cerâmica São Caetano. À direita, aparecem Mário Vanini (5 anos) com seu pai, Romeu Vanini, funcionário da fábrica, e, à frente, suas irmãs, Antonia (9 anos) e Luzia (11 anos). Essa festa era uma das comemorações tradicionais promovidas pela cúpula diretiva da Cerâmica. Brinquedos e doces eram distribuídos aos menores de 14 anos e a figura do Papai Noel era presença garantida

Comemoração do Natal de 1949

Acervo/Família de Justo José Martins



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



O português Justo José Martins chegou a São Caetano com 12 anos de idade. Trabalhou na Cerâmica São Caetano por 49 anos. Era mestre geral na fábrica, mas sua primeira ocupação foi como prensador de tijolos. Suas filhas e genros também foram empregados da Cerâmica. Foto da década de 1950

Aervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Foto tirada por ocasião do almoço oferecido aos diretores e representantes das entidades internas da Cerâmica São Caetano, em novembro de 1949. O evento foi promovido pelo Centro Social Feminino Rachel Simonsen, da seção de Serviço Social da fábrica

Os funcionários Roberto Zucatto e Cristina Sernagiotto, em foto de 1979

Aervo/Roque Almendra

Escritório de projetos de construção civil. A partir da esquerda, Silvio de Barro Ossi (desenhista), Hugo de Franco (calculista de concreto) e Roque Almendra (projetista). Foto da década de 1970

Aervo/Cristina Sernagiotto Soares*Aervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

Funcionários da seção de escolha de ladrilhos, em foto de janeiro de 1950

RAÍZES E RETRATOS

A *RAÍZES* APRESENTA, NESTA SEÇÃO, FOTOS DE PARTICIPANTES DO PROJETO *RAÍZES E RETRATOS*, QUE TEM O INTUITO DE FAZER COM QUE A POPULAÇÃO CONTRIBUA PARA A PRODUÇÃO DA REVISTA, CONTANDO E COMPARTILHANDO SUAS HISTÓRIAS POR MEIO DE IMAGENS DOS ACERVOS FAMILIARES.



Confraternização de Natal da família Rodriguero, em 1958, na casa de Valentim Rodriguero, localizada na antiga Rua Nove, atual Manoel Augusto Ferreirinha. Foram identificados Júlia, Odalvío, Durval, Hilda, Ivanete, Valentim, Eulália, Ovídio, Nico, Elias, Neiva, Vilma, Valter, Eurides, Angela e Pedro

ACERVO/ANTÔNIO RODRIGUERO



Flagrante de comemoração festiva, elaborada por funcionários da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Foi possível identificar: Bernardino Faria, de bigode e óculos, Carmen Barbieri, embaixo da lâmpada, Odete Faria Bianchi, em frente à Carmen, e José Bonifácio de Carvalho, à esquerda de Carmen. Foto de 26 de julho de 1949, em local desconhecido

ACERVO/CARMEN BARBIERI

Bruno Fiorotti nasceu em São Caetano do Sul, em 15 de novembro de 1923. Casou-se com Augusta Ghirardo Fiorotti, de cuja união nasceram seis filhos: Celina, Nilce, Francisco José, Célia, Angela e Monica. Eles têm sete netos e um bisneto. Trabalhou, entre tantas empresas, na Cerâmica São Caetano, Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, Laminação Nacional de Metais, G.E., GM e Karmanghia, onde se aposentou em 1978. Morou na Avenida Vital Brasil Filho, nº 346, no Bairro Santa Paula, e também na Rua Boa Vista, nº 515, no Bairro Nova Gerty, até 1980, quando mudou-se para a Rua Tapajós, nº 593, onde mora até os dias atuais

ACERVO/CÉLIA FIOROTTI NACEV



Os jornalistas Domingo Glenir Santarneccchi, do *Sancaetanense Jornal*, Antonio Pedroso de Moraes, da *Tribuna do ABCD*, e Humberto Pastore, da *Folha de São Caetano*, em 1981, durante cobertura da sessão da Câmara Municipal de São Caetano do Sul

ACERVO/DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI



Casamento de Maria Garcia Serrachiani com Braz Serrachiani na Igreja Matriz Sagrada Família, em 1962. Eles tiveram três filhas: Silvana, Regiane e Lídia. A fotografia é do Foto Studio Nitto

ACERVO/ELVER ODAIR
CÁSSIO SERRACHIANI



Filhos de Cyro Amâncio Cruz e Laura Fontebasso Cruz posam para foto em casa da Rua Aquidaban, nº 161, no Bairro da Fundação, em São Caetano do Sul. Da esquerda para a direita, aparecem: Laura Jane Cruz, Sonia Maria Cruz, Atilio Amâncio Cruz (em memória), Sidnei Amâncio Cruz e Roberto Amâncio Cruz. Foto de 1972

ACERVO/LAURA JANE CRUZ



Família Rocco em 1934. Em pé, a partir da esquerda, vemos: Pascoalina Maria Rocco, Antonio Rocco, Angelina Rocco e Thereza Rocco. Sentados, da esquerda para a direita: Mario Rocco, Domingos Rocco, José Rocco, Luiza Vertematti Rocco e Luiz Rocco (em pé, na lateral direita)

ACERVO/LUIZ ROMANO



Família Romano em foto tirada no Foto Studio Nitto, em 19 de abril de 1954. Em pé, da esquerda para a direita, vemos: Mario Romano, Moacir Bucci, Vitalino Romano e Armando Romano. Sentados, no mesmo sentido, estão: Orlando Romano, Maria Lucio Romano e Nicolau Romano

ACERVO/LUIZ ROMANO



Inês Moretto Miliani com o filho Marcelo Henrique Miliani no colo, ao lado de Sérgio Miliani. Inês e Sérgio tiveram outros dois filhos: Márcio e Kléber. Foto de 1969

ACERVO/SÉRGIO MILIANI

Cerimônia de formatura das turmas do ano de 1971, dos cursos de administração, economia e ciências políticas e sociais do então Instituto Municipal de Ensino Superior, realizada no dia 14 de março de 1972, no Teatro Paulo Machado de Carvalho. O paraninfo foi o ex-governador Laudo Natel. A ex-secretária estadual da educação Esther de Figueiredo Ferraz foi a patronesse, e o orador foi o aluno Roberto Egydio Bonadies. Na primeira fila, o sétimo formando, a partir da esquerda, é Odair Vituri

ACERVO/ODAIR VITURI



Ermelinda Bersano nasceu em 15 de outubro de 1924, na cidade de Ibitinga, interior de São Paulo. Aos 12 anos, veio para São Caetano, onde trabalhou nas Louças Adelinas. Casou-se com Pedro Sernagiotto em 13 de julho de 1946 e teve quatro filhos (Claudio, Maurício, Marisa e Cristina), quatro netos (William, Gustavo, Camila e Roberta) e quatro bisnetos (Guilherme, Enzo, Diogo e Enrico). Foto tirada em 1944, quando Ermelinda tinha 20 anos de idade

ACERVO/CRISTINA SERNAGIOTTO SOARES



Foto tirada junto à Estação Ferroviária (Rua Conselheiro Antônio Prado), na década de 1940. Os garotos são Juvenal Cianfarani (à esquerda) e Esdras Pinto da Silva. A menina é Ana Eugênia Cianfarani. Juvenal e Ana Eugênia são filhos do ferroviário Angelo Cianfarani, que, durante a segunda legislatura municipal (1953-1957), foi vereador, chegando a ocupar a presidência da Câmara, em 1953

ACERVO/JUVENAL CIANFARANI

EXPOSIÇÕES

4ª Vitrine de Arte

MOSTRA COLETIVA
DE ARTISTAS DE SÃO
CAETANO DO SUL



A 4ª Vitrine de Arte - Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul, promovida pela Fundação Pró-Memória, por meio da Pinacoteca Municipal, reuniu obras representativas da produção artística contemporânea da cidade, entre pinturas, gravuras, fotografias, esculturas e outras linguagens artísticas em diversos suportes. O projeto tinha como objetivo apresentar uma amostragem, um painel, que levasse os autores das obras e os produtores da mostra a refletirem sobre o fazer artístico e sua representação. Neste ano, foram inscritos 63 artistas, no total de 154 obras. Uma comissão avaliou os trabalhos. O resultado pôde ser conferido de 15 de maio a 12 de julho.

O Encanto da Música



Esta exposição apresentou instrumentos musicais como sanfonas, harmônios e flautas, e aparelhos eletrônicos, ambos do início do século passado, utilizados por famílias de São Caetano do Sul. As peças fazem parte do acervo do Museu Municipal e foram adquiridas por meio de doações. A visitação foi de 10 de abril a 11 de julho.

Em defesa dos animais:

A HISTÓRIA DA CAUSA ANIMAL
EM SÃO CAETANO DO SUL



A preocupação com os direitos dos animais já vem de longa história, mas foi no século 20 que o discurso ecológico e movimentos contra a crueldade com animais ganharam força. Grupos articularam militâncias e práticas em defesa dos direitos dos animais, causa que vem crescendo mundialmente. Em São Caetano do Sul, esses movimentos se iniciaram no final de 1999. Nesta exposição, que teve início em 27 de maio, no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, a Fundação Pró-Memória traçou um panorama da história de luta em prol da defesa dos animais por meio de fotografias, que registraram as articulações e conquistas desse grupo na cidade. A mostra ficou em cartaz até 27 de julho.

Triplopia:

OBRAS DE GREGÓRIO GRUBER,
LORENA HOLLANDER E LÚCIO TAMINO



O nome da exposição refere-se a um fenômeno que pode ocorrer nos olhos: a tríplice visão do mesmo objeto, mas, no caso desses artistas, tratou-se de três visões em relação à arte. Em seu retorno à Pinacoteca Municipal após 11 anos, as afinidades entre pai e filhos, irmã e irmão, puderam ser apreciadas pelo observador. Enquanto Gruber trouxe *assemblages* e obras de grande porte – as suas famosas e impecáveis cenas urbanas –, Lorena exibiu fotografias, *backlights* e uma série inédita em técnica mista que tem tanto a ver com o olhar urbano do pai quanto com a conexão da artista com o mundo musical. Já Lúcio Tamino dedicou-se à pintura de paisagens naturais e inspirou-se na Serra da Cantareira, de onde seus temas vão para as telas. Em *Triplopia*, pai e filhos apresentaram três visões, mas sempre em ampla sintonia. A mostra começou em 26 de julho e seguiu até 31 de outubro.

Pharmácia de nossos avós



Esta exposição trouxe instrumentos e utensílios farmacêuticos, oriundos de algumas farmácias de São Caetano do Sul, que foram desativadas ou modernizadas e que doaram ao Museu Histórico Municipal esses objetos. A maioria das peças era de meados do século passado. A mostra começou em 22 de julho e seguiu até 27 de setembro.

Escola: UM LUGAR DE MEMÓRIA

São Caetano do Sul é referência nacional no que diz respeito ao ensino público de qualidade, contando atualmente com dez escolas estaduais e 20 municipais, as quais oferecem cursos de ensino fundamental e médio. Esta exposição recuperou a história dessas escolas, preservando assim suas memórias. Além de conscientizar a população sobre a importância do zelo por seu patrimônio cultural, a mostra narrou a história das escolas estaduais e municipais de São Caetano,

cronológica e iconograficamente, utilizando a fotografia como fonte documental, e permitindo ao visitante imaginar o passado de forma mais vívida, resgatando memórias afetivas e uma visão nostálgica ao evocar vivências, cenas e espaços a ele relacionados. A mostra, no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, foi de 29 de julho a 28 de setembro.



Imagens de Nossa História



Em comemoração aos 137 anos de São Caetano do Sul, em julho, a Fundação Pró-Memória levou para a Câmara Municipal uma exposição fotográfica que narra a trajetória do município, enfocando cronologicamente os principais fatos. Política, economia, cultura e antigos marcos da paisagem urbana local foram eixos e segmentos contemplados nesta mostra. A exposição itinerante também passou pelo Cise João Castaldelli e pela Mostra Cultural da EMEF 28 de Julho.

Da Índia para o Brasil

OS 35 ANOS DA BRAHMA KUMARIS NO PAÍS



Esta exposição fotográfica celebra a atuação da Brahma Kumaris no território brasileiro desde 1979. Surgida na Índia, na década de 1930, esta é uma organização que está presente, hoje, em mais de cem países. Encarrega-se da prática e ensino da meditação Raja Yoga, além de oferecer uma série de programas na área de qualidade de vida, bem como iniciativas desenvolvidas junto à comunidade, que objetivam a construção de um mundo melhor. Em parceria com a instituição aniversariante, a Fundação Pró-Memória organizou a mostra, que apresenta os principais aspectos da trajetória da entidade no país, como seu engajamento em projetos de envergadura internacional, suas atividades mais relevantes e seus personagens pioneiros no Brasil. De 11 de setembro a 5 de novembro, a exposição ficou em cartaz no Centro Cultural da Índia. Dessa data até o final do ano, a mostra é exposta na sede da Brahma Kumaris no Brasil, ambos os espaços localizados em São Paulo.

20 Anos do Jornal ABC Repórter



Esta exposição celebrou os 20 anos do jornal *ABC Repórter* por meio de uma seleção das principais capas da publicação e da exibição de diversos exemplares originais, resultado de uma doação realizada pelo jornal para a Fundação Pró-Memória, que, após a mostra, foram transferidos para o acervo do Centro de Documentação Histórica. Em cartaz na Casa de Vidro de 12 de setembro a 11 de outubro.

Xilogravura:

VIVÊNCIAS NO ATELIÊ
PEDAGÓGICO



A exposição apresentou, de 12 de setembro até 11 de outubro, os primeiros resultados do trabalho realizado no Ateliê Pedagógico da Pinacoteca Municipal seja com pessoas que tiveram seu primeiro contato com a xilogravura, por meio do projeto *Sextas com Arte*, seja com artistas já familiarizados com a técnica. Foram expostos 187 trabalhos, de 74 participantes, na Casa de Vidro.

Imagens do Brasil

Com apoio do Sistema Estadual de Museus (SISEM-SP), da Associação de Apoio ao Museu Casa de Portinari (ACAM Portinari) e da Associação Cultural de Amigos do Museu Lasar Segall (ACAMLS), esta mostra itinerou por diversos museus do Estado de São Paulo e chegou em 15 de outubro a São Caetano do Sul, por meio da Fundação Pró-Memória. Produzida pelo Museu Lasar Segall, *Imagens do Brasil* foi composta por 35 gravuras, reimpressas postumamente, que abrangeram o período de 1924 a 1930, época de grande concentração de imagens do Brasil na obra de Lasar Segall, importante artista naturalizado brasileiro e um dos representantes do movimento modernista. A exposição ficou em cartaz até 30 de novembro, na Casa de Vidro.



POÉTICAS DO NORDESTE:

A ARTE DA RIMA NOS CORDÉIS DE FRANCISCO LUIZ MENDES E DA XILOGRAVURA DE JERÔNIMO SOARES



De 30 de setembro a 14 de dezembro, no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, esta exposição apresentou textos de cordel e gravuras de dois mestres paraibanos, radicados há décadas na região do Grande ABC. Francisco Luiz Mendes, oriundo de Nazarezinho, cidade do sertão paraibano, e morador de São Caetano do Sul, liberou sua veia artística por meio da literatura popular de cordel, com ilustrações do gravador Erivaldo em seus livretos, apresentados na mostra. Já Jerônimo Soares, nascido em Esperança, no Estado da Paraíba, vive no município de Diadema, e fez encher os olhos com seu arrojo nas construções visuais de suas xilogravuras, plenas de poesia e da essencialidade do homem sertanejo, mesmo quando este emigra para o Sudeste em busca de melhores condições de vida. O trabalho artístico de Jerônimo Soares já foi, inclusive, reconhecido em Paris (França).

Câmeras em Ação



A exposição reúne antigos equipamentos fotográficos de estúdio, câmeras fotográficas, filmadoras, projetores de filmes e *slides*, além de painéis fotográficos, que permitem ao público conhecer como eram realizados os trabalhos de fotografia e cinema na cidade no século passado. São exibidas, aproximadamente, 50 peças, pertencentes ao acervo do Museu Histórico Municipal, doadas por moradores da cidade. A mostra segue de 9 de outubro até 10 de janeiro de 2015.

Semiótica dos Afetos

PINTURAS DE TÂNIA TURCATO



Em cartaz na Pinacoteca Municipal, a mostra busca respeitar a narrativa proposta pela artista, de modo a oferecer ao público uma experiência mais intuitiva, por meio de pulsante figuração e explosão cromática. Assim, o observador pode passear seu olhar pelas obras como quem assiste a um filme. As obras de Tânia inserem o público numa atmosfera alegre e contagiante, que reflete a personalidade da artista. Para compor a exposição, Tânia construiu em suas telas uma narrativa poética, na qual personagens de inspiração autobiográfica vivem seus dramas existenciais. A mostra teve abertura em 18 de novembro e seguirá até 20 de janeiro de 2015.

EXPOSIÇÕES VIRTUAIS

As exposições virtuais temporárias visam ampliar e facilitar o acesso do público a histórias que recuperam a memória do município.

Em julho, a Fundação Pró-Memória celebrou os 50 anos da APAE de São Caetano. Em agosto, foi a vez de prestarmos homenagem ao Clube Recreativo Esportivo Tamoyo, que completou 70 anos. Em setembro, a primavera foi o tema da exposição.

Dolores Branco:

DIÁLOGOS SENSÍVEIS



Após uma trajetória artística prolífica no Estado do Paraná, Dolores Branco volta à cidade onde viveu por anos, São Caetano do Sul. A exposição, que teve início em 18 de novembro, é uma amostragem da diversidade e versatilidade do trabalho de Dolores, em multiplicidade de temas e abordagens, que vão do social ao misticismo simbólico. Esta mostra é composta por obras vindas do acervo pessoal da artista, do acervo do colecionador de Londrina José Luiz Néia De Martine, da Santa Casa de Londrina e da própria Pinacoteca Municipal, que possibilita ao público frequentador aguçar e transbordar seus sentidos estéticos. A mostra segue em cartaz até 20 de janeiro de 2015.

Outubro foi o mês de reconhecermos a importância dos mestres de ensino por meio da mostra *Obrigada, professor!*. Em novembro, comemoramos o Dia da Consciência Negra. Já em dezembro, para fechar o ano, celebramos o Natal e a Sagrada Família com imagens de grupos familiares da cidade.

Fuxico Reviver:

UMA HISTÓRIA DE ARTESANIA E SOLIDARIEDADE

Em 1999, a Comissão Feminina do Grupo Reviver decidiu mobilizar um trabalho artesanal dirigido a um propósito social. Exemplo de motivação, determinação e solidariedade, a Turma do Fuxico Reviver amplia suas ações ano após ano, e essa história é contada por meio de fotos e matérias em revistas e jornais da região do ABC Paulista. De 16 de dezembro a 1º de março de 2015, no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes.

PROJETOS E PARCERIAS

Encontro com a História



A presença da matéria de história da cidade na grade escolar do 3º ano do ensino fundamental criou um desafio para as escolas e seus professores, devido à carência de materiais didáticos e de referência sobre o tema. Muitos professores desconhecem a história regional e não sabem onde podem encontrar essas informações. Da mesma forma, muitas famílias residem há pouco tempo em São Caetano do Sul, não possuindo essas referências em sua história familiar. Assim sendo, a Fundação Pró-Memória criou este projeto a fim de, principalmente, enriquecer os conteúdos disponíveis para alunos e professores, dar suporte aos docentes para o desenvolvimento de suas atividades dentro e fora de sala de aula e ampliar o atendimento da instituição ao público escolar.

Era uma vez uma escola...

O resgate da trajetória da educação infantil municipal é feito por meio de parceria entre a Fundação Pró-Memória e a Secretaria Municipal de Educação. O projeto tem como base as histórias das escolas municipais de ensino infantil (EMIs e EMEIs) de São Caetano do Sul, que são retratadas por meio de exposições fotográficas, que ficam permanentemente nas escolas, além de apresentação de vídeo com entrevistas de funcionários e exposição virtual no site da Pró-Memória. Neste ano, já foram contempladas: EMI Maria Simonetti Thomé, EMEI Romeu Fiorelli, EMEI Rosa Perrella, EMI Angela Massei e EMI Alfredo Rodrigues.



Rendilhados da Memória

O projeto objetivava recuperar histórias, subjetividades e modos de fazer que estão se perdendo na contemporaneidade, como a



prática do crochê e tricô. Os encontros com contação de histórias e oficina da prática foram realizados nas dependências da Fundação Pró-Memória com moradores da cidade. Ao fim das oficinas, após mais de um ano de encontros, os trabalhos ornamentaram uma árvore do jardim da instituição.

Visita na Pinacoteca Municipal

No dia 27 de agosto, a Fundação Pró-Memória recebeu em sua sede pais e responsáveis, acompanhados de seus filhos, para o segundo encontro do projeto *Arte como Apoio Terapêutico*, desenvolvido pelo setor educativo

da Pinacoteca Municipal, e coordenado pela arte-educadora Nair Duarte. O grupo, da Unidade da Saúde da Criança e do Adolescente, estava acompanhado por assistente social, psicóloga, médica psiquiatra e terapeuta ocupacional.



ENCONTROS/PALESTRAS/OFCINAS _____

Encontro com o artista



Neste ano, foram realizadas três edições deste projeto, na Casa de Vidro. No dia 11 de outubro, foi a vez do público conversar com o artista, pintor, desenhista, gravador, escultor, cenógrafo e fotógrafo Gregório Gruber sobre sua trajetória e aspectos formais de sua obra. Gruber estava acompanhado pelos filhos, Lorena Hollander e Lúcio Tamino. Em 29 de novembro, a Fundação recebeu Dolores Branco, que desenvolve trabalhos em técnicas como pintura, gravura, desenho, xilogravura, serigrafia, aquarela, escultura, cerâmica e trabalho com sucatas e latas amassadas. Já em 6 de dezembro, a artista Tânia Turcato, ao lado de Klaus Hofer, falou sobre sua obra e a curadoria da exposição *Semiótica dos Afetos – Pinturas de Tânia Turcato*, em cartaz na Pinacoteca Municipal.

Palestras sobre arte

No segundo semestre de 2014, a Fundação Pró-Memória, por meio da Pinacoteca Municipal, deu continuidade à série de palestras sobre arte, ministradas por Mariana Zenaro. De julho e dezembro, foram realizados os encontros *Simbolismo: Visões do Onírico*, *Barroco: Poéticas vertiginosas nas Luzes e Sombras do século 17*, *Rococó: o florir das formas e carnalidade das cores*, *Lasar Segall: Moderno, Neoclassicismo: a política da supremacia da Antiguidade Clássica nas Artes e Vanguardas de Arte Moderna: o fascínio da heresia*



EVENTOS

Plantio de árvores



No dia 25 de setembro, ocorreu o plantio de três tipos de árvores na Praça do Professor, que abriga o prédio da Fundação Pró-Memória. As árvores foram trazidas pela Escola de Ecologia do município. Foram plantadas uma ipê amarela, uma ingá e um pau-Brasil. O objetivo da ação foi celebrar o Dia da Árvore e o início da primavera.

Operação Palimpsesto em São Caetano do Sul:

FRAGMENTOS DE CIRCUNSTANTIAM



Realizado entre os dias 19 e 28 de setembro, este projeto de arte pública visou à reutilização de oito dos painéis originais da instalação *Circumstantiam*, elaborada pela artista Maria Bonomi para o Sesc Belenzinho (São Paulo), que foram retalhados e compuseram uma intervenção artística, por meio da linguagem de arte urbana “pôster-bomber” ou lambe-lambe - um pôster artístico de tamanho variado, que é colado em espaços públicos com cola de polvilho. Os fragmentos dos painéis que compunham a instalação *Circumstantiam* formaram um novo caleidoscópio de imagens nas paredes da passagem de nível entre o Terminal Rodoviário Nicolau Delic e a estação da CPTM. O objetivo deste projeto é promover uma revitalização do espaço público por meio de uma ação artística coletiva e colaborativa. Este trabalho ficará na passagem de nível até o final de dezembro.

Homenagem na 22ª Festa Italiana

A Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e a Fundação Pró-Memória prestaram homenagem a seis senhoras italianas ou descendentes, residentes em São Caetano do Sul, que ainda cultivam hábitos da culinária do país da bota, durante a abertura da 22ª Festa Italiana, que ocorreu no dia 2 de agosto. Foram homenageadas na ocasião: Gladis Rosa Santarnecchi, Tereziinha Benavente, Fausta Sordi Battistella, Ana Maria Barile, Angela Dall’Anese Nóbrega e Ana Boni Gervazio.



Comemoração dos 66 anos da autonomia municipal

Vários setores da Prefeitura Municipal, incluindo a Fundação Pró-Memória, realizaram, em 2014, uma série de atividades para celebrar os 66 anos da autonomia política e administrativa de São Caetano do Sul. Entre os eventos promovidos estiveram a encenação de uma peça de teatro sobre a história do movimento, que ocorreu no dia 22 de setembro, no CECAPE, e a produção de um vídeo com depoimento dos líderes autonomistas, exibido na mesma ocasião.



VISITA

No dia 7 de agosto, a Fundação Pró-Memória recebeu em sua sede a visita de uma equipe da Fundação Cultural de Jacaréi José Maria de Abreu, composta por Alberto Capucci Filho (diretor de cultura de Jacaréi e do Museu de Antropologia do Vale do Paraíba), Cristiane Prizibiszki (gerente de preservação da memória), Sônia Regina Ferraz Pereira (presidente da Fundação Cultural) e Cláudio Ferraz (arte-educador e produtor de exposições da Fundação Cultural). Além de funcionários da Pró-Memória, também esteve presente o secretário de Cultura do município, Jander Cavalcanti de Lira. O intuito da visita foi se aprofundar nos trabalhos similares aos exercidos na Fundação Cultural, e conhecer demais projetos da Pró-Memória e o espaço onde eles são realizados, além da própria trajetória da instituição.





promemoria.caetano
WWW.FPM.ORG.BR

ISSN 1415-3173



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



SÃO CAETANO DO SUL
PREFEITURA DA CIDADE